

O Paulista de Jundiaí da Copa do Brasil à quinta divisão estadual

DES CARRI LADOS

Lucas Xastre Zacari

O Paulista de Jundiaí da Copa do
Brasil à quinta divisão estadual

DES CARRI LADOS

Lucas Xastre Zacari

Edição: Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly

Diagramação: Lucas Xastre Zacari

Capa: Beatriz Gimenes Sardinha

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Jr.

Vice-reitora: Profª. Drª. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profª. Drª. Brasilina Passarelli

Vice-Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Departamento de Jornalismo e Editoração

Chefe do Departamento: Prof. Dr. Luciano Guimarães

Vice-chefe do Departamento: Prof. Dr. Wagner de Souza e Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Zacari, Lucas Xastre
Descarrilados [livro eletrônico] : o Paulista de Jundiaí da Copa do Brasil à quinta divisão estadual / Lucas Xastre Zacari. -- São Paulo : Ed. do Autor, 2023.

PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-00-87047-3

1. Futebol 2. Jornalismo esportivo - Brasil
3. Jundiaí (SP) - História 4. Livro-reportagem
I. Título.

23-181968

CDD-070.449796

Índices para catálogo sistemático:

1. Jornalismo esportivo 070.449796

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

"Bem-aventurados os que não têm paixão clubista, pois não sofrem de janeiro a janeiro, com apenas umas colherinhas de alegria a título de bálsamo, ou nem isto"

Carlos Drummond de Andrade

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço à minha família, que me garantiu amor, carinho e tranquilidade durante toda a minha vida estudantil. O esforço deles promoveu o meu desenvolvimento como pessoa, como aluno e como profissional. É incrível ver como todos aqueles que me rodeiam pontuam as qualidades dos meus pais e do meu irmão, e como eu também tento transmitir o que eles me ensinaram, mesmo que inconscientemente.

À minha mãe Fátima, por todas as conversas para acalmar em momentos de estresse e por toda a empatia e a serenidade por ela passada. Ela quem sempre me incentivou a ir atrás dos meus objetivos e me dedicar a eles. A cobrar sem ser desrespeitosa com o processo, e sendo extremamente compreensiva quando as dificuldades me desalinhavam. A fixação por filmes animados e o amor por animais também é influência dela.

Ao meu pai Antonio, pelo companheirismo e pelo bom humor que tento trazer comigo. Sempre disposto a ajudar no que fosse preciso para que eu enfrentasse os mínimos problemas na rota, apesar do esforço que isso poderia trazer. E claro, por ser a primeira referência para ser um apaixonado por jogar e por assistir futebol e por apresentar o meu time de coração.

Ao meu irmão Rodrigo, por ter apresentado e trilhado o caminho a seguir, tanto academicamente quanto pessoal. Apesar de profissões diferentes, a rota que sigo desde criança tem uma influência muito grande na forma em que ele conduziu, sendo um espelho para mim. Isso sem contar todos os dias jogando videogame e futebol contra e ao seu lado, ou então comemorando pelo nosso clube. Deixo também um agradecimento à minha cunhada Gabriela, que desde que entrou na família, sempre se preocupou comigo e com os meus acontecimentos pessoais.

Tenho um grande orgulho por tantas amizades incríveis terem passado e continuado em minha vida. De início, agradeço ao Vitor e ao Thiago, por trilharem esse caminho comigo praticamente desde o ensino maternal até hoje. Das tardes em casa jogando conversa fora aos trabalhos, é muito legal ver os caminhos que tomamos e como nós crescemos juntos.

Agradeço também à Mariana, que mesmo antes de nos conhecermos efetivamente, já havíamos sido pai e filha em festa junina e par em festa de formatura. Esse laço de amizade tão forte que criamos há quinze anos sempre estará presente e, independente de onde e como estivermos, estaremos ali sempre um pelo outro, assim como as manifestações virtuais entre nós demonstram. Porque sei que “não vai desistir” de mim, parafraseando aquela música. Mesmo com o distanciamento que a vida acaba impondo, você sabe como a sua companhia e o seu apoio foram essenciais para conseguir chegar até aqui, e espero que sinta todo o apoio e carinho que procuro te trazer daqui desse lado.

Chegando ao Ensino Médio, encontrei tantas pessoas que levo comigo que é difícil de agradecer individualmente. Agradeço ao Caio, Guerra, Henrique, Isabel, Kenji, Neri e Pomar por todas as conversas e encontros que tivemos, seja para conhecer lugares novos, para comemorar ou mesmo para só bater papo por aí. Preciso dar um enfoque especial aqueles que completam o quinteto comigo.

Ao Arthur, por todos os debates fúteis e conselhos pessoais e profissionais que temos levado um ao outro nos últimos anos. Além de todas as vivências que tivemos em estádios e bares nos últimos anos, provavelmente foi a amizade com quem passei mais tempo presencial nos últimos anos, e esse senso de presença é uma das coisas que mais impressiona da sua amizade.

Ao Daniel, por todas as risadas dadas, brincadeiras e todos os trabalhos feitos que, sem o apoio e dedicação que também demonstrou, seriam impossíveis de se concretizar. Tenho certeza que é essa intensidade em buscar o que deseja que vai te levar ao sonho que tanto batalha.

Ao Paulino, pela maneira leve e criativa de ser e que, com muita responsabilidade, se tornou um espelho a seguir. Os conselhos dados, inclusive ajudando a pensar e formular a capa deste livro, foram essenciais para entender o momento em que estava e quais os próximos passos a seguir.

A Bianca, faltam palavras para agradecer o significado desses sete anos de amizade, pelo companheirismo, por acompanhar, dar risada e de realmente ter um sentimento de troca e reciprocidade para com o outro. Seguindo a mesma profissão, mas indo para outro estado realizar seu sonho, sabe como literalmente estivemos conversando todos os dias e, mesmo à distância, o sentimento de orgulho e de inspiração por tudo que vem conquistando é imensurável. Obrigado por estar aqui para me apoiar, por se fazer presente, seja fisicamente ou não, em todos os momentos importantes e difíceis para mim. Para rir, chorar, conversar sem propósito, ou algo parecido, sabe que estarei aqui.

Na faculdade, tive receio de não conseguir criar vínculos fortes como antes. Hoje sei que estava errado.

Agradeço à Rebeca pela relação desde o início da graduação. A dupla que fizemos, seja fazendo trabalhos, para falar futilidades, dar risada ou desabafar, foi uma das coisas que me ajudou a superar a sequência de momentos difíceis que esses quatro anos trouxeram. A energia que contagia a todos é uma das coisas que mais agradeço por ter me impulsionado. Assim como começamos juntos essa jornada, a nossa duplinha também vai terminar o ciclo com maestria e com o entusiasmo que esses quatro anos trouxeram.

Agradeço ao Rodrigo pela amizade construída desde antes mesmo do primeiro dia na faculdade, e que foi por conta do futebol que essa relação foi cada vez mais aproximada. Também com o Bruno, principalmente no pós-pandemia, essa relação se estreitou e muito também pela paixão ao esporte e às nerdices. Obrigado por todas as caronas e todas as conversas sobre presente e futuro nesses tempos.

A Beatriz, quem produziu a capa final deste livro e com quem construí uma amizade forte por causa da diretoria na empresa júnior, em que lidamos um com o outro, à distância, diariamente durante um

ano, e que ultrapassou uma relação de colegas de trabalho para uma grande amizade. Agradeço também à Isabella, por nossas conversas sobre a dedicação, a preocupação com o futuro e o que a carreira e a vida iria nos aguardar, além da companhia em festas e em risadas.

Agradeço também a todos que fizeram parte desse momento universitário. Lívia – que também ajudou na concepção da capa deste livro –, Maria Clara e Theo, deixo meu agradecimento pelos momentos que compartilhamos juntos. E tenho certeza que o Pedro Guilherme está acompanhando o encerramento desse ciclo, onde quer que esteja.

Agradeço também aos professores que me influenciaram para chegar até a concretização da faculdade. Em especial, cito aqui Cleber Rohrer e Mirela Terce, ex-professores do curso técnico em Multimídia do Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo e fundamentais na minha escolha. Também agradeço ao meu orientador, o Prof. Dr. Luciano Victor Barros Maluly, por toda a bagagem jornalística e esportiva expressa desde o começo da graduação, sempre incentivando os alunos a escreverem e falarem sobre o que tem vontade, sem contar seu companheirismo.

Agradeço à Audrey, minha psicóloga, que me ajudou num processo de redução da ansiedade e realinhamento de processos pessoais que, no fim, ajudaram a ter calma para construir este livro.

Por fim, agradeço aos torcedores do Paulista Futebol Clube pela disposição a expor seu sentimento pelo clube. Em especial ao Ivan Gottardo, diretor de patrimônio do Paulista, que sempre esteve à disposição da pesquisa tanto para apresentar o Estádio Jayme Cintra quanto para encontrar documentos e fotos para enriquecer o trabalho.

Sumário

Personagens	13
Introdução	15
Paulista de Jundiaí	19
O apogeu	49
As contradições	71
A esperança de retorno	121
Conclusão	147
Referências bibliográficas	151

Personagens

Por ordem de aparição

- Luís Antônio de Oliveira, o Cobrinha - Radialista da Rádio Difusora Jundiaiense, de 83 anos
- Ivan Gottardo - Diretor de Patrimônio do Paulista e engenheiro elétrico, de 38 anos
- Gianluca Costa - Publicitário, 26 anos
- Adilson Freddo - Radialista da Rádio Difusora Jundiaiense, de 64 anos
- Lucas Rodrigues - Segundo Vice-Presidente do Paulista e diretor do Departamento de Planejamento, Gestão e Finanças da Unidade de Gestão de Assistência e Desenvolvimento Social da Prefeitura de Jundiaí, de 32 anos
- Valeska Barboza - Publicitária, de 28 anos
- Alex Rossi - Operador de produção, de 35 anos
- Vagner Mancini - Treinador e ex-jogador de futebol, de 57 anos
- Arthur Belvel - Estudante de engenharia mecânica, de 20 anos

Introdução

O sentimento do torcedor do Paulista

O que faz alguém se tornar torcedor de um clube? Na letra fria da Lei Geral do Esporte, de 14 de junho de 2023, esse posto é dado a “toda pessoa que aprecia, apoia ou se associa a qualquer organização esportiva que promove a prática esportiva do País e acompanha a prática de determinada modalidade esportiva, incluído o espectador-consumidor do espetáculo esportivo”.

No entanto, a prática de torcer por um time de futebol tem um aspecto muito mais importante, que nenhuma legislação poderia transcrever em palavras: a emoção. Por isso, a definição desenvolvida pelo cronista uruguai Eduardo Galeano, em seu texto *O torcedor*, é mais adequada para um dos principais papéis dentro de um estádio de futebol:

Aqui o torcedor agita o lenço, engole saliva, engole veneno, come o boné, sussurra preces e maldições, e de repente arrebenta a garganta numa ovação e salta feito pulga abraçando o desconhecido que grita gol ao seu lado. Enquanto dura a missa pagã, o torcedor é muitos. Compartilha com milhares de devotos a certeza de que somos os melhores, todos os juízes estão vendidos, todos os rivais são trapaceiros. (GALEANO, p.14-15, 2020)

Além da emoção, o que faz o tal “jogador número doze”, como o uruguai apresenta o torcedor, se sentir parte dessa emoção coletiva? Uma herança familiar, um bairrismo (ou cidadismo, no caso do clube que este livro irá analisar) ou mesmo uma identificação mais subjetiva, como as cores, o mascote ou uma visita ao estádio. Pode também ser a partir de um jogo marcante, que fez o coração bater

de forma diferente e entender esse sentimento de pertencimento que as arquibancadas podem trazer.

Ídolos, títulos, grandes partidas, acessos à divisões superiores, jogos televisionados. Tudo isso também pode estar relacionado à fidelização e ao aumento de uma torcida de um time de futebol. Mas e quando um clube com menor tradição chega no mais alto nível de conquista nacional, disputa a primeira competição internacional de sua história e, quando menos se espera, um espiral de quedas e problemas dentro e fora do campo resultam na pior fase que essa equipe já enfrentou? O que faz esse torcedor se manter nas arquibancadas e passar o sentimento para as próximas gerações?

O Paulista Futebol Clube, sediado na cidade de Jundiaí, é a representação desse tipo de clube. Do interior, a população abraça a equipe nos melhores momentos, mas também se distancia quando a crise se instaura, mantendo somente os torcedores que, dia e noite, sofrem e pedem por um mísero retorno ao que o clube já apresentou, sobretudo entre o final da década de 1990 e o início dos anos 2000.

A marcação temporal evidencia a rapidez com que o Galo da Japi, como a equipe é apelidada, retroagiu no cenário do futebol nacional e estadual, além de machucar os seus adeptos. No dia 22 de junho de 2005, acontecia o provável dia mais feliz da torcida do Paulista. Em São Januário, a equipe jundiaiense empatava com o Fluminense e se sagrava campeã da Copa do Brasil, depois de vencer a primeira partida da final pelo placar de 2 a 0.

Coincidemente, 18 anos e dois dias depois, a data mais triste da agremiação se concretizou. Pelo mesmo placar agregado do principal título da história do Paulista, no mesmo Estádio Jayme Cintra, dessa vez a equipe perdeu para o União Barbarense, de Santa Bárbara d’Oeste. Em 24 de junho de 2023, o Galo da Japi foi rebaixado pela primeira vez em 114 anos de história à quinta divisão do Campeonato Paulista, divisão que havia sido extinta em 2004 e que retornará ao calendário estadual no ano de 2024.

O período de maioridade que distancia essas duas datas foi marcado por problemas dentro e fora de campo. Desde 2007, a equipe amargou uma média de um rebaixamento a cada dois anos. De não conquistar

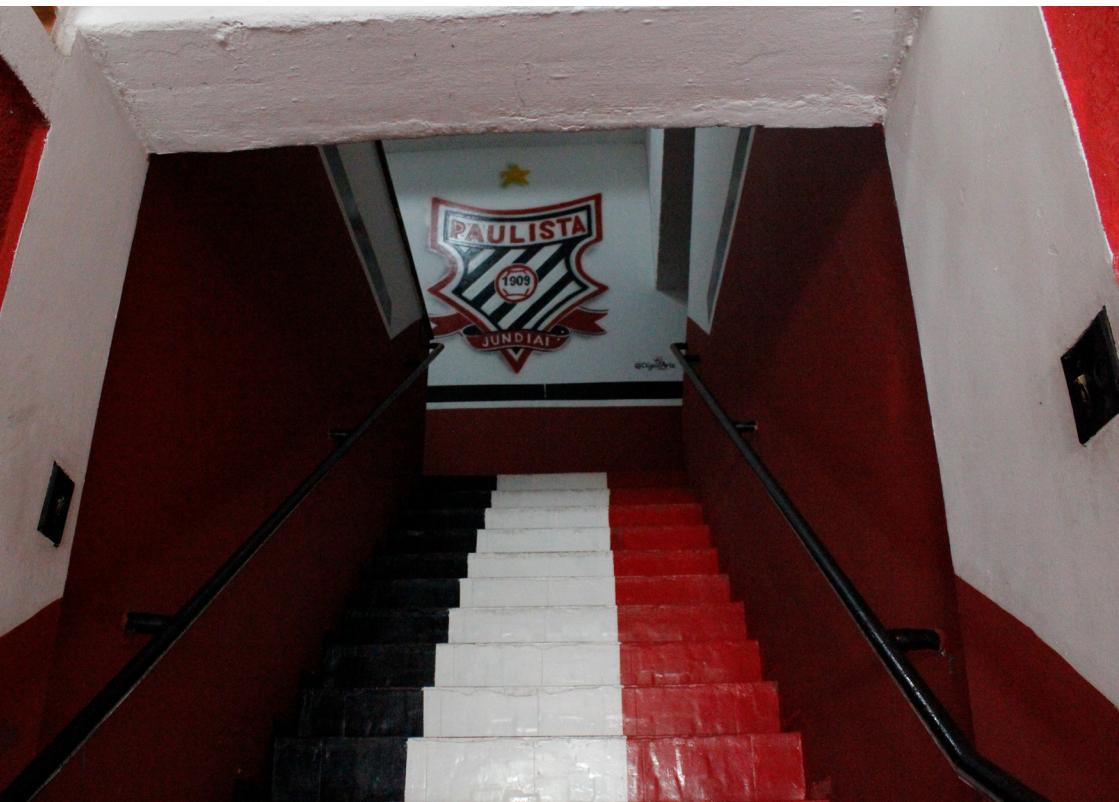
o acesso à Série A do Campeonato Brasileiro em 2006 por uma diferença no número de vitórias, o Paulista se viu sem divisões nacionais após o mau desempenho na Série D de 2009. A sequência de descenso parecia ter terminado até 2014, quando uma campanha de nenhuma vitória em quinze jogos rebaixou a equipe jundiaiense para a Série A2 do Campeonato Paulista. A partir de então, foi até a “Bezinha”, como é chamada a quarta divisão paulista e, agora, conseguiu cavar um buraco ainda mais no fundo do poço.

Apesar de pílulas de felicidade – como as edições de Copa Paulista de 2009 e 2010 e o título da quarta divisão de 2019 –, o que ficou marcado nesse meio tempo foram os oito rebaixamentos em 16 temporadas, somando campeonatos nacionais e estaduais. A situação de queda livre em conjunto com uma série de problemas administrativos, financeiros e até mesmo policiais fizeram com que Jundiaí se distanciasse do clube, mesmo sendo considerado um patrimônio imaterial do município desde 2018.

Se o entorno se distancia, o pertencimento do torcedor parece, muitas vezes, ser o que mantém um clube como o Paulista, na situação em que se encontra, com as portas abertas. Mesmo com uma sensação de luto, como da perda de um ente querido, as memórias do que o Galo já foi um dia fazem com que a chama de uma reestruturação seja possível, apesar de parecer distante.

Cada torcedor tem seu motivo próprio para começar a torcer e, principalmente, para continuar esse legado. Por isso, este livro traça uma espécie de linha do tempo entre o momento de maior glória futebolística dos jundiaienses ao período menos atrativo do clube por meio de depoimentos de nove representantes do Paulista. Dos mais novos aos mais velhos, das diferentes memórias dentro do Estádio Jayme Cintra, seja no cimento ardente, nas cadeiras cobertas, nas salas de casa ou ainda nos radinhos de pilha. Das caravanas para acompanhar a equipe em outras cidades e estados ou das diversas experiências que montam cada pedaço do clube, dentro e fora de campo, o que se pretende é entender a forma como os fanáticos se entenderam como pertencentes a essa comunidade e como cada um

reagiu perante a sequência de desvios de rota passados nos últimos 18 anos.



Escada dentro do estádio Jayme Cintra: O sonho de voltar a subir? Foto:
Lucas Zacari

Paulista de Jundiaí

A relação afetiva com o clube da cidade

Na Praça Salim Gebram, em frente ao portão principal do Estádio Doutor Jayme Cintra, um senhor senta em um banco e fica admirando o estádio quase todas as manhãs. Figura conhecida entre a torcida do Paulista, ele está presente na maioria dos jogos do clube desde 1967, em todas as categorias, do profissional ao amador, como torcedor ou como radialista. Seu nome: Luiz Antônio de Oliveira. Mas o reconhecimento popular acontece muito mais pelo seu apelido: Cobrinha.

Em 16 de setembro de 2023, data em que o inesperado encontro aconteceu, lá estava ele, em seu banco, com boné, óculos, camisa de treino do Paulista Futebol Clube, na cor vermelha, e bermuda. À distância, ele parece apenas um senhor, observando a fachada do estádio que viu jogos emocionantes e decepções da beira do campo, das cabines de transmissão ou das arquibancadas. Mas nos primeiros minutos de conversa, percebe-se que os cabelos brancos carregam muito mais do que apenas os 83 anos de idade. Carrega também a história do clube centenário. “A idade ajuda, mas a memória também”, Cobrinha se define. Ele continua: “Sem memória você não vive, não vira a esquina”.

Grande amante também do futebol amador, onde jogou por mais de 30 clubes – como o Sport Clube Boa Vista, o Clube Atlético Nova Estrela e o Continental da Vila Jundiaípolis – e meio que o colocou dentro das transmissões de rádio, Cobrinha chegou a disputar algumas partidas amistosas e preparatórias pela equipe jundiaiense no ano de 1961. A continuidade no futebol profissional estava praticamente pronta, mas foi interrompida por uma resposta de seu irmão mais velho – de quem ele inclusive herdou o apelido, já que seu irmão era conhecido como Cobra. “Eu assinei o contrato porque tinha muito medo. Perdi meu pai com um mês de vida. Era o mais novo da família, com quatro irmãos. Todos esportistas e jogando bola. Eu levei o contrato lá em casa e falei para os meus irmãos. Um

deles me disse: ‘Pode entregar lá; não tem problema nenhum!’. Fui no segundo, a mesma coisa, no terceiro, a mesma coisa. Quando cheguei no mais velho, ele disse: ‘Você que sabe’”. A incerteza fez com que ele desistisse da continuidade na profissão: “Se ele falasse para devolver o contrato, era diferente. Eu já estava com o exame médico marcado. Não vou devolver o contrato”, conta Cobrinha.

Durante a conversa, Cobrinha foi interrompido algumas vezes pelos transeuntes. Homens, mulheres, dos mais velhos aos mais novos, de carro ou a pé, muitos que passavam em frente ao estádio cumprimentavam e trocavam uma palavra com Cobrinha, tamanha a identificação com o clube. Um deles, Gilson Rios, agente de trânsito, apresentou-o a um colega dessa forma: “Você falou em futebol em São Paulo e Paulista de Jundiaí, o livro tá aí. É um dos radialistas mais conhecidos de São Paulo”.

Para quase todas as principais figuras da história do Paulista, o radialista tem um causo sobre, seja de momentos históricos, de conselho ou mesmo de confidencialidade. Ele estava presente no jogo em São Carlos, em 1962, quando Enério Martinelli – para Cobrinha, o maior jogador da história do clube – pediu para o árbitro acabar o jogo quinze minutos mais cedo. O objetivo era pegar o trem de volta para Jundiaí, o que não aconteceu e tiveram que voltar três horas mais tarde. Em um treinamento, após o meia-atacante Nenê – revelado nas divisões de base do Galo da Japi e que jogaria por Palmeiras, Santos, Vasco, São Paulo e times do exterior como o Paris Saint-Germain – levar uma bronca de um diretor do clube e afirmar que ia desistir do futebol e voltar para o futebol de salão. O radialista foi até o jogador e o aconselhou a ficar na modalidade, ainda dando uma bronca no dirigente por ter feito isso na frente



Cobrinha contando suas histórias em frente ao Jayme Cintra. Foto: Lucas Zacari

de todo o elenco. “São histórias que todos eles passaram. Todos eles. E eu comia o toco deles, só que tem um detalhe. Eu conversava com o jogador longe de todos. O pessoal falava: ‘O Cobrinha tá conversando com o filho dele’. Mas na verdade eu ficava dando conselhos”, conta ele.

Situação semelhante aconteceu quando Vagner Mancini, um dos grandes nomes do início do século XXI do Paulista e o principal treinador da história do clube, faria a transição entre as duas carreiras. Cobrinha diz

que foi o primeiro a saber, e ainda recebeu o pedido de o ajudar nessa nova fase. Pela presença em todas as categorias, da base ao profissional, a relação com Mancini não foi única: “Todos os técnicos, todos os presidentes, eu tive a felicidade de todos, do presidente do Paulista falar ‘quer saber do sub-17? Conversa com o Cobrinha’”.

Uma dessas trocas com os treinadores, em especial, teria um grande impacto na histórica conquista da Copa do Brasil, em 2005. O volante Cristian, formado nas categorias de base do Paulista e que faria gols importantíssimos na futura campanha de campeão, treinava no Sub-20. Em seu início no profissional, ele era lateral, às vezes esquerdo, às vezes direito. Foi então que, segundo o próprio radialista, Cobrinha disse ao Zetti – goleiro histórico do São Paulo e que tinha sua primeira oportunidade como treinador de um elenco profissional no Paulista entre 2003 e a primeira metade de 2004 – para que colocasse o jogador no meio-de-campo, em uma posição que renderia mais. “Falei para o Zetti, ‘o melhor volante que tem aqui é o Cristian. Se não botar ele pra jogar de volante, é mais fácil não botar ele de lateral’. Falei mesmo. Eu não sei se o Biasotto¹ fez algo, o que aconteceu lá, botou ele de volante, nunca mais saiu”.

1. Marcos Biasotto exerceu as funções de treinador das categorias de base, gerente e coordenador técnico do Paulista entre 1996 e 2004.

Depois de mais de uma hora e meia, ele finalizou com uma reflexão sobre o porquê dele ser considerado, inclusive por um dos entrevistados deste livro, como “a história viva do Paulista”: “A turma não conhece. Para você contar a história, você tem que estar no meio. Eu vou contar a história da Arca da Noé? Não tem como. Não estava na Arca de Noé!”

Trilhando o caminho

A influência ferroviária no surgimento de times de futebol no início do século XX está presente na história de diversos clubes paulistas. Nacional Atlético Clube, da cidade de São Paulo, Associação Ferroviária de Esportes, de Araraquara, e Esporte Clube Noroeste, de Bauru, são alguns dos exemplos do desenvolvimento futebolístico a partir dos operários das ferrovias.

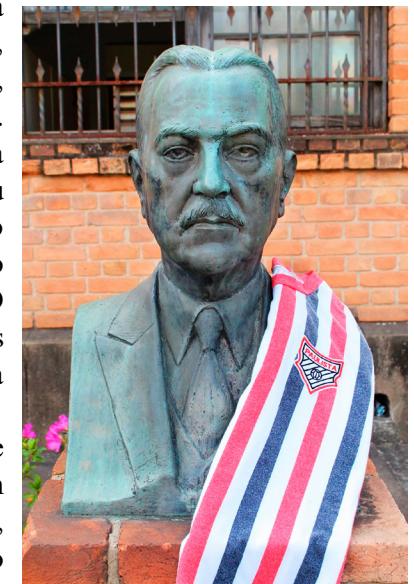
A história do Paulista Futebol Clube também é pautada nessa urbanização do interior paulista e se entrelaça, de forma muito aproximada, com a história de Jundiaí. Com a inauguração da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, em 1867, criada para escoar a produção cafeeira para o litoral, houve uma explosão industrial e demográfica da região. A segunda ferrovia brasileira e primeira estadual também teve, como intenção posterior, o deslocamento de imigrantes desembarcados no Porto de Santos para o interior paulista, concentrando o urbanismo local para as margens da estrada de ferro.

Construída pela empresa inglesa *São Paulo Railway*, a previsão inicial era que o trecho conectasse Santos até Campinas, município localizado a cerca de 36 quilômetros de Jundiaí. No entanto, por dificuldades para a construção do trecho final, os ingleses desistiram da exclusividade da estrada, cedendo à Companhia Paulista de Estradas de Ferro a conexão entre jundiaenses e campineiros. E foram os funcionários dessa empresa que colocaram a cidade no mapa do futebol do estado – que, segundo relatório de maio de 2020, produzido pela PLURI, consultoria especializada em estudos futebolísticos, conta com 89 times profissionais.

Em 17 de maio de 1909, no pátio de manobras da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, o Paulista Foot Ball Club foi fundado pelos operários da empresa. Na ata da reunião que criou a agremiação, inclusive, há um ato falho do secretário da assembleia e primeiro secretário do Paulista, Carlos Bloch. Ele referenciou o novo clube como “Jundiah”, em referência ao Jundiah Esporte Clube, clube anteriormente formado também pelos trabalhadores ferroviários e que fora extinto no ano anterior.

114 anos depois, a referência ao passado ferroviário da cidade e do clube parece ter sido deixado de lado. Além da proximidade da sede do clube à estação Jundiaí da Linha 7 - Rubi da CPTM (Companhia Paulista de Trens Metropolitanos), uma das poucas referências atuais está no nome do estádio em que o Paulista manda seus jogos. Jayme Pinheiro de Ulhoa Cintra trabalhou na Companhia Paulista de Estradas de Ferro desde 1908, antes da fundação do clube, e foi sempre um grande entusiasta do esquadrão jundiaiense. Desde a década de 1940, quando se planejava reformar o antigo campo na Vila Leme, o clube já pretendia homenagear Cintra, pelo grande auxílio financeiro ao Paulista. Também foi presidente da companhia entre 1950 e 1961, período que abrangeu a construção do estádio atual – inaugurado em 30 de maio de 1957 em um amistoso contra o Palmeiras, terminado em 3 a 1. O próprio Jayme Cintra deslocou pelo menos 20 funcionários da empresa para auxiliar na obra, trabalhando de maneira voluntária.

Segundo Ivan Gottardo, de 38 anos e atual Diretor de Patrimônio do clube, o fim da Companhia Paulista, extinta em 1971, foi um dos motivos para o distanciamento institucional: “Eu acho que tem mais essa parte histórica da lembrança de onde surgiu. Eu faço parte de um grupo,



Busto de Jayme Cintra, em Jundiaí. Foto: Jonas Arbo/
De Volta Aos Trilhos

chamado *De Volta aos Trilhos*, que a gente criou justamente para exaltar essa origem do Paulista, onde ele surgiu”. Em 2023, três integrantes do grupo entraram na diretoria do clube, incluindo Ivan. “Virar diretor não era a ideia inicial, mas pela necessidade do clube, aceitamos o convite”, conta ele.

Partindo dessa ideia de retornar aos trilhos e resgatar a origem do Paulista que Gianluca Costa, publicitário de 26 anos, resolveu criar os três jogos de uniformes utilizados pelo clube de 2021 até 2023. Ele explica que sempre gostou muito de ver e comprar camisas de futebol. Porém, nos últimos anos, achava as do Paulista muito feias. Até que, após o acesso conquistado em 2019 para a série A3 do Campeonato Paulista – equivalente à terceira divisão estadual –, ele resolveu comprar a daquela temporada. “Eu lembro que na época eu ainda namorava, olhei para minha namorada e falei ‘a próxima camisa do Paulista eu que vou fazer, tenho certeza que porque merece’”, conta.

Sem qualquer ligação com o clube para além da paixão de torcedor desde a infância, Gianluca foi até a diretoria de marketing do Paulista para oferecer o projeto, que prontamente foi aceito. O pagamento? O publicitário explica que não pediu por dinheiro: “Só queria que colocassem tudo no nome da minha avó Marina e pronto. Porque ela torceu desde sempre. Acho que a gente sempre torceu pro Paulista por causa dela. Eu não pude ser jogador de futebol, ainda bem para a minha família (risos), mas é um jeitinho dela ficar na história do Paulista”.

“O que eu tentei trazer com as camisas”, explica, “é uma coisa que eu acho que perdeu muito no Paulista que é a tradição. A gente precisa trazer esse sentimento do torcedor, porque o pessoal de Jundiaí é muito ligado à origem e à tradição, então tem que trazer isso de volta”. Assim, as camisas de mandante e de visitante remeteram ao passado ferroviário da cidade e do clube. As tradicionais listras tricolores verticais da primeira camisa, inspirada no acesso à primeira divisão estadual em 1984, se transformaram em trilhos, bem como a camisa branca com uma faixa preta entre duas vermelhas horizontais na altura do peito, também desenhadas como estradas de ferro.

O terceiro uniforme, por sua vez, dá lugar a outra tradição de Jundiaí: a produção vitivinícola da cidade. Conhecida como a Terra da Uva, a região tem registros de venda de vinhos de uva desde 1669, muito antes da formação da cidade. No entanto, foi com a imigração italiana na primeira metade do século XX, o declínio da produção de café e uma mutação genética natural na plantação – que resultou na uva niágara rosada, uma das mais consumidas pelos brasileiros –, a uva passou a ter um papel primordial para a economia do município, tornando-se um dos principais centros de produção da fruta no país. Dados de 2014 mostram que a cidade ainda era responsável por 30% da produção de uva estadual².

“Como que o Paulista nunca teve uma camisa roxa?”, indagou -se Gianluca. Dessa forma, esse uniforme é todo na coloração púrpura, apresentando também um desenho da uva niágara, um distintivo retrô, da década de 1940. Abaixo do escudo, a frase “Jundiaí, Terra da Uva, do Progresso e do Paulista Futebol Clube” está inserida, reforçando a relação entre a cidade e o time.

Segundo o publicitário, a camisa fez sucesso, ajudou o clube a pagar algumas dívidas e repercutiu também fora da cidade. Mas a maior conquista foi ter entregue a camisa principal nas mãos da avó Marina: “Ela ficou muito feliz! A minha avó é uma pessoa muito humilde mesmo, tem vergonha de tudo, não quer aparecer em câmera nem nada. Então vê-la lendo o nomezinho dela foi especial. Eu não fui jogador, mas fiz o maior gol da história”.

E mesmo que poucos saibam que foi ele que criou – como uma espécie de Peter Parker do Paulista –, ver nas arquibancadas vários exemplares das camisetas o enche de orgulho. “Chegar no estádio e ver todo mundo usando as camisas é muito legal. Eu vejo gente comentando ‘nossa, a camisa é bonita’. Uma vez o Paulista perdeu e o cara falou ‘esse time não merece essa camisa’. Fiquei triste e rindo ao mesmo tempo! Mas para mim, ver o pessoal com a camisa um, dois ou três é a realização de um sonho. É olhar para o Gianzinho lá atrás e falar: ‘Po, vencemos’”

2. Disponível em: <https://turismo.jundiai.sp.gov.br/a-cidade/jundiai-terra-da-uva/>. Acesso em: 21 set. 2023



Gianluca Costa, a Avó Marina e a camiseta criada. Foto: Arquivo Pessoal

De sangue tricolor

Junto da avó homenageada na coleção de uniformes – que, segundo Gianluca, “toda vez eu saía e voltava para casa e minha avó estava ouvindo o rádio falando sobre o Paulista –, o publicitário conta que uma série de fatores colocaram o Paulista em sua vida. Desde a família da avó materna trabalhar dentro do clube, incluindo sua mãe, até a ida constante de seu pai e seus tios, junto com o avô, para assistir aos jogos no Jayme Cintra, costume esse que foi transmitido a ele tanto do lado materno quanto paterno.

Mas um amor de dentro para fora das quatro linhas se manifestou e também manteve a equipe jundiaiense intrínseco à família. Ele

conta que o ex-zagueiro Djalma Santos – xará do bicampeão da Copa do Mundo pela Seleção Brasileira –, quando defendeu as cores do Paulista (1975-1979), conheceu sua tia-avó, integrante da torcida organizada do clube e irmã da vó Marina. Nesse período, eles começaram a sair e, posteriormente, se casaram e tiveram filhos. A data em que a conversa com Gianluca aconteceu marcava duas semanas do falecimento de Djalma Santos, que morreu em 19 de agosto de 2023.

A passagem do time do coração entre gerações não é exclusividade do publicitário. A influência familiar acontece em vários âmbitos da vida, desenvolvendo uma série de processos que envolve o modo de ser, pensar e agir da criança. Na iniciação futebolística, isso não é diferente, e o mais normal é que o filho ou filha siga os passos e a paixão dos pais. Ivan, por exemplo, conta que o início das suas visitas ao Jayme Cintra se deu pela influência paterna. Como um bom historiador que também é – catalogou todos os jogos da história da equipe jundiaiense –, ele conta um pouco do primeiro jogo em que tem lembrança de ter ido, com oito anos de idade: “Foi um Paulista e Velo Clube, um 4 a 1 [para o Paulista], em 13 de junho de 1993, um jogo domingo de manhã. Eu lembro que tinha uma senhorinha que ficava gritando o nome do lateral e aí, por algum motivo, isso grudou na minha cabeça”.

Segundo ele, no entanto, esses primeiros jogos ainda não eram para assistir à partida: “É mais aquela coisa de criança. No início você vai ali pra comer pipoca, tomar um refrigerante, você não entende muito o jogo ali. E aí fui, meu pai continuou me levando, fui crescendo e gostando do futebol; aprendendo como que eram as regras e tal e aí prestar mais atenção no jogo.



Ivan Gottardo em Machu Picchu, no Peru. Foto: Arquivo Pessoal

E aí fui acompanhando desde sempre, não perdi um jogo e está aí até hoje". Durante a visita ao estádio, conduzida pelo próprio Ivan, ele confidenciou que, além da situação em que o clube se encontra atualmente e da falta de apoio do torcedor, a morte de seu pai tirou um pouco da vontade e do afimco de acompanhar religiosamente as partidas do Paulista.

Ivan também é responsável pela elaboração do livro *1968 o ano que o Galo cantou*, que conta a história do título invicto do Campeonato Paulista da 1ª Divisão (atual série A2) e o primeiro acesso para a divisão de elite estadual. O ano seguinte foi justamente a primeira vez em que o radialista Adilson Freddo, de 64 anos, foi ao estádio do Paulista, também acompanhado do pai. E mais do que nunca, foi uma visita do Rei do Futebol aos seus súditos, pois a estreia do pequeno Adilson no Jayme Cintra aconteceu em um jogo contra o Santos de Pelé em 02 de março de 1969, o ano do milésimo gol e a primeira vez em que Vossa Majestade jogou em Jundiaí. Nilo chegou

a abrir o placar para a equipe jundiaiense e vencia a partida até os 34 minutos do segundo tempo, quando levou uma virada relâmpago do esquadrão santista.

Tendo iniciado sua carreira no jornal *Jundiaí Hoje*, Adilson fez parte de uma das primeiras equipes de jornalismo da Rádio CBN Globo da cidade de São Paulo, atuando como âncora de programas jornalísticos. Sua popularidade em Jundiaí se deu, principalmente, a partir de 1995, quando ele fundou o *Time Forte do Esporte*, equipe de jornalismo esportivo que narrava os jogos do Paulista dentro da Rádio Cidade, por onde ficou até 2012, transferindo-se para a Rádio Difusora, onde apresenta tanto jornalismo cotidiano como de esportes.

Apesar das pessoas saberem que ele é torcedor do Paulista desde a infância e dele não esconder essa paixão, o jornalista considera que a imparcialidade dentro da narrativa jornalística é mais importante:



O radialista
Adilson Freddo.
Foto: Arquivo
Pessoal

"Existe o Adilson Freddo, jornalista e radialista, então narrador de jogo, e existe o Adilson Freddo que torce para o Paulista. Eles se interagem, porém são separados pelo amor à profissão. O meu coração é do Paulista, mas eu não estou narrando para mim, mas sim para um grande público que, acima de tudo, quer ouvir o fato. Não quer distorção, ninguém vai inventar pênalti que não foi, falta que não existiu, o jogador que não merecia ser expulso e foi. Não, primeiro o jornalismo". Ele completa: "A diferença é que no interior você está muito mais próximo da pessoa do que o pessoal de rádio e TV de São Paulo, perto dos torcedores. Você consegue tomar a temperatura, ter o seu feedback, conversar com as pessoas na rua e elas dizendo para você: 'Parabéns, você foi profissional'. Uma coisa é torcer, outra coisa é o trabalho".

Futebol na porta de casa

Gilmar Mascarenhas foi um dos principais estudiosos do impacto do futebol e dos estádios na geografia urbana. Imerso em um ambiente de construção de novos estádios para a disputa da Copa do Mundo de 2014, um texto do ano anterior aborda o processo de elitização da prática futebolística. Segundo o professor, uma partida passou a ser mais que os 22 jogadores em campo, mas sim uma mercadoria: "Acima de tudo, para garantir a plena realização da mercadoria, vem sendo imposto um crescente aparato normativo que visa eliminar ou subjuguar práticas e usos populares, em favor de comportamentos mecânicos e dirigidos, voltados para o consumo passivo. Toda a nova arquitetura dos estádios aposta nesse princípio do controle dos corpos, condicionando a circulação dos frequentadores e reduzindo seu comportamento à passividade, distanciando-os do tradicional protagonismo festivo das massas ruidosas e, por vezes, imprevisíveis".

Em tempos de novas arenas e do futebol superinflacionado, com entradas custando uma boa porcentagem do salário mínimo nacional, batendo recordes de renda bruta para um jogo de futebol – a primeira partida da final da Copa do Brasil de 2023, disputada entre Flamengo e São Paulo, no Maracanã, é a atual detentora desse posto, alcançando R\$ 26.343.300,00 –, com pouca ou nenhuma interação

efetiva da torcida comum, o Estádio Jayme Cintra parece ainda resistir a esse movimento.



Fachada do Estádio Jayme Cintra. Foto: Lucas Zacari

Retornando ao 16 de setembro de 2023, data da visita ao campo do Paulista, dois jogos carregados desse simbolismo e da participação popular no futebol aconteciam: as finais da 1ª Taça das Favelas de Jundiaí. A oportunidade da vida para meninos e meninas de comunidades vulneráveis jogarem em um estádio de uma equipe de futebol profissional e, quem sabe, serem notados pelo Paulista ou algum outro clube e tentarem mudar a sua vida. Na ocasião, a equipe da Vila Ana venceu por 1 a 0 o Jardim Tamoio no feminino, enquanto o time da Vila Popular conquistou o título sobre o Fepasa no masculino com o mesmo placar³.

Conduzido pelo próprio Ivan, que deu a entrevista no mês anterior, um pequeno tour foi dado por todas as instalações do estádio – ou quase todas, já que o vestiário estava sendo utilizado pelas equipes que disputaram as finais naquele dia. A primeira parada foi logo na sala de troféus e de quadros históricos do clube. Ali, a taça

3. Disponível em <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2023/09/17/final-da-taca-das-favelas-tem-estadio-cheio-e-festa-das-comunidades/>. Acesso em 23 set. 2023

quase transparente da Copa do Brasil de 2005 é a que mais chama a atenção, localizada no canto de uma redoma de vidro. Há também outros artefatos que chamam a atenção, como o primeiro título conquistado pelo Paulista ainda na fase amadora, o Campeonato Paulista do Interior de 1919 – equivalente à segunda divisão estadual –, organizado pela Associação Paulista de Esportes Atléticos. Outro artefato que merece destaque é o quadro da equipe campeã invicta de 1968, que levou a equipe jundiaiense à elite do estado pela primeira vez. Muitos dos troféus e quadros ainda estão no chão, algo que, segundo o próprio Diretor de Patrimônio, é uma demanda de mudança.

Em seguida, passamos pela sala de imprensa, academia e de aquecimento – que está adesivada com símbolos do Palmeiras, tendo em vista a parceria com a equipe feminina do clube da capital para mandar jogos no Jayme Cintra – até chegar a uma escada toda vermelha, branca e preta e com o escudo do Paulista no topo. No alto, junto da cozinha, chega-se às salas da presidência e do administrativo do clube. É nesse local que estão as fotos completas dos elencos campeões nos últimos anos. Série A2 do Paulista e Série C do Brasileiro de 2001, Copas Paulista de 2010 e 2011 e, claro, o time campeão da Copa do Brasil de 2005 estão expostos no corredor que une os locais. Nomes que se tornaram conhecidos no cenário nacional, como o ex-jogador e treinador Vagner Mancini, o meia-atacante Nenê e o ex-técnico da Seleção Brasileira Fernando Diniz, estão enquadrados na parede do estádio.

Localizado no Jardim Pacaembu – bairro que leva o nome do estádio da capital paulista que, coincidentemente, está passando por um processo de modernização e elitização –, o Jayme Cintra está posicionado praticamente no centro de um vale, ou seja, na parte baixa entre duas avenidas. Motorista de Uber, Samuel conta que



Ivan apresentando a sala de troféus do Paulista FC. Foto: Lucas Zacari

mora próximo ao estádio desde 2011, quando se mudou de Minas Gerais para Jundiaí e data em que o Paulista ganhou o seu penúltimo título, a Copa Paulista. No trajeto de 10 minutos entre a estação Jundiaí e o estádio, ele relembrou que as ruas ao redor ficavam tomadas de torcedores do Galo da Japi, comemorando esse título.

A construção de um estádio de futebol gera, também, um processo de especulação imobiliária e de valorização de seu entorno. Lucas Rodrigues, de 32 anos, é Diretor do Departamento de Planejamento, Gestão e Finanças da Unidade de Gestão de Assistência e Desenvolvimento Social da Prefeitura de Jundiaí e ocupa a segunda vice-presidência do Paulista – responsável por ações a médio e longo prazo, principalmente no marketing da equipe – desde o início de 2023. Ele explica que, desde 1957, houve um movimento de urbanização e de mudança na demografia local. “O Paulista era do centro da cidade. O estádio ficava onde hoje é o velório municipal [na Vila Leme], e depois ele faz esse movimento de se deslocar para fora. É um movimento que é natural quando você fala de urbanismo. Na Arena Corinthians, por exemplo, constroem um estádio longe do centro e aí vão torcendo para urbanizar, chegar serviços. O raciocínio é o mesmo para o Morumbi, na década de sessenta. Mas a torcida vai com o Paulista pro Jardim Pacaembu, então a cidade cresce pra lá e o Paulista tem essa influência ali”, explica.

Já Valeska Barboza, publicitária de 28 anos, conta que, em um momento, seus pais cogitaram morar nas casas mais próximas ao estádio. Além da especulação imobiliária, valorizando os terrenos adjacentes, ela explica que o simbolismo do local é manifesto: “Quem mora em frente ao Jayme Cintra ou é filho ou neto de quem primeiro construiu aquela casa, e o bairro foi crescendo em torno. Se você perceber, as casas são até mais altas, sempre tem varanda, porque dali as pessoas viam os jogos. Eu lembro que nos anos 2000, meu pai estava vendo apartamento lá e o corretor falou que a janela para um dos lados era um valor mais alto por estar de frente para o estádio do Paulista”.

Apesar de não morar exatamente nesse local, foi nos arredores do Jayme Cintra que os dois torcedores começaram a ser inseridos na paixão pelo clube. Em meio à Copa do Mundo de 1998, disputada

na França, Lucas conta que foi nesse momento que começou a realmente gostar e acompanhar o futebol, e que uma visita simbólica ao estádio o fez efetivamente tornar torcedor do Galo da Japi: “Eu me apaixonei pelo clube em uma visita ao estádio. Uma tia minha era voluntária do Grendacc [Grupo em Defesa da Criança com Câncer], que é uma ONG aqui de Jundiaí que cuida de crianças que estão enfrentando câncer, e aí ela vai levar a molecada lá e me convida. Eu tinha sete anos”.

Ele relembra ainda que o primeiro jogo dele nas arquibancadas do Jayme Cintra aconteceu no ano seguinte, com a participação de um personagem que, apesar de ter uma curta história na equipe jundiaiense, fez história no futebol brasileiro e, ainda hoje, se destaca no jornalismo esportivo. Em 13 de fevereiro de 1999, o Etti Jundiaí – nome que o Paulista utilizou durante a parceria com a Parmalat na virada do século – enfretava o América de Rio Preto pela primeira fase do Paulistão Série A2. “Eu lembro que tava bem cheio, não lotado, mas bem cheio. Tinha um cara que andava de muletas e ficava andando na arquibancada fazendo embaixadinha e pedindo dinheiro. Tinha um cara vendendo amendoim que, até muito pouco tempo atrás, ele vendia amendoim no estádio também. E o jeito de vender era o mesmo, jogando o amendoim para a galera”, relembra esse dia.

A equipe estava perdendo por 2 a 1 para o América de Rio Preto até os últimos minutos da partida, quando o pai de Lucas pediu para que ele e sua irmã começassem a se movimentar para ir embora. É nesse momento que entra em cena o Craque Neto, como o ídolo do Corinthians e Guarani e atual apresentador e comentarista da TV Bandeirantes ficou conhecido. Com apenas quatro gols em onze



Lucas Rodrigues dentro do Jayme Cintra. Foto: Arquivo Pessoal

jogos pelo Etti Jundiaí, um deles foi presenciado pelo pequeno Lucas – ou quase isso. “A gente tem que rodar o anel quase inteiro para sair pela saída principal, e a mureta era mais alta que eu e minha irmã. Então a gente estava indo embora e deixou de ver o jogo”, conta ele. “Nisso saiu uma falta na entrada da área pro Paulista. Meu pai olha pra trás, o Neto bate e faz o gol. Não vi o gol, mas eu vi a torcida comemorando, o barulho, a explosão. Não sabia direito o que tinha acontecido e tal, mas foi aquela maluquice, então isso foi legal pra caramba”.

Para Valeska, que declara ser torcedora do Paulista “desde que se conhece por gente”, a proximidade com a equipe jundiaiense tornava o futebol mais concreto: “Na minha cabeça de criança era muito louco, eu podia ir no estádio do Paulista. Os bairros em que vivi, o Colônia e o Cidade Nova, são mais próximos do estádio, são os bairros antigos. Por isso, eu conseguia escutar a torcida de perto da minha casa, ver as luzes, era algo mais palpável. Eu via na TV e conseguia assistir perto de casa”. Uma rápida pesquisa no Google Maps mostra que a distância entre o portão principal do Jayme Cintra e os dois bairros citados são de aproximadamente 1,5 km e 3 km, respectivamente.

Hoje vivendo em um movimento pendular entre Jundiaí e a capital paulista, a publicitária conta que voltar ao Paulista e ao Jayme Cintra é um símbolo também de aconchego do lar: “Uma coisa é ver o jogo do Paulista sentada ali naquela arquibancada sem nenhum luxo, a cadeira toda enferrujada, mas ainda assim é um amor muito diferente”. Valeska continua: “É uma sensação muito boa, de verdade. Quando eu chego perto do estádio parece que dá aquela sensação de estar em casa, minha nostalgia vai lá atrás”.

O bairrismo local

De acordo com o Censo 2022, a cidade de Jundiaí conta com 443.116 habitantes. Desses, mesmo os que não acompanham tanto o futebol ou que torcem para equipes de outras cidades, há um consenso de que o município tem três grandes representações: o histórico ferroviário, a vitivinicultura e o Paulista. Mesmo com outros sete

clubes defendendo a cidade na história do Campeonato Paulista – segundo o Mapa do Futebol Paulista, além do próprio Paulista, Hydecroft Foot-Ball Club, Associação Atlética Ipiranga, Jundiaí Futebol Clube, Paulistano Futebol Clube, Associação Esportiva Promeca e Clube São João participaram de alguma das divisões estaduais – tanto o maior número de participações nas séries mais altas quanto o tradicionalismo de ser o mais antigo da cidade fizeram com que o Galo carregasse o legado para fora de seus domínios. “O Paulista sempre foi um representante da cidade de Jundiaí no futebol”, explica Ivan, “mas acho que é um expoente mesmo da cidade. Porque quando você vai em outra cidade, ninguém fala só ‘Paulista’, o pessoal fala ‘Paulista de Jundiaí’. Uma coisa está ligada a outra”. Para Valeska, essa é uma relação que se torna intrínseca ao nascido no município: “Faz parte da história e da cultura da cidade torcer para o Paulista. É assim, nasceu, tem certidão jundiaiense e do Paulista, não dá para desvincular”. O próprio apelido do clube, Galo da Japi, faz referência à Serra do Japi, cadeia montanhosa que atravessa o município.

A publicitária conta ainda que os anos de glória do início do século XXI do Paulista se refletiram também no movimento comercial da região. No caminho para um estádio de futebol, é comum a presença de uma série de *food trucks* e barraquinhas de lanches. Para muitos, essa é uma parada obrigatória seja no pré-jogo, para encontrar os amigos e se preparar para assistir à partida, seja no pós, como um movimento de consagração após uma alegre vitória ou para afogar as mágoas após uma dolorosa



Valeska Barboza nas bilheterias do Jayme Cintra. Foto: Arquivo Pessoal

derrota. Durante mais de 30 anos, a família de Valeska tinha uma dessas barracas, a Barraca da Tia Dilma. Localizada em uma das pontas da Avenida dos Imigrantes Italianos – em frente à Praça Mário Magaglio, revitalizada em 2019 e homenageando o país de origem de muitos dos formadores da cidade, com uma grande bandeira da Itália no centro⁴ –, o quiosque ficava a cerca de 15 minutos a pé do campo do Jayme Cintra, o que tornava o local um ponto de encontro da torcida do Paulista. Foi na década vitoriosa que o pai de Valeska começou a tocar o empreendimento e, como um bom torcedor do Galo, se desdobrava para vender os lanches e acompanhar o time. “Meu pai assistia o primeiro tempo, ou às vezes assistia até o final, e já ia correndo, pegava o carro ou voltava a pé mesmo, ou colocava alguém pra ajudar ali no dia, para ajudar na barraca”, conta.

Carinhosamente apelidados de “podrão”, os lanches chegavam a pesar um quilo, segundo a publicitária. O grande diferencial estava nas vendas durante a década gloriosa: “Foi muito frutífero nessa questão econômica ali para o bairro. Na época dos jogos, as pessoas tinham que passar por ali, então ia todo mundo do entorno, voltava e parava pra comer ali, dava um belo movimento. E era assim, jogo do Paulista era tudo em dobro. Se ele vendia cem lanches na noite, em dia de jogo do Paulista eram duzentos. E ali eles ganharam dinheiro. Não vendiam cerveja, essas coisas. Era bem um ambiente mais familiar”, relembra Valeska.

Com a facilidade e a proximidade da maior metrópole do país – uma hora e vinte e cinco minutos de trem entre as estações Jundiaí e Luz, trajeto feito de carro em cerca de uma hora e dez minutos – e da segunda maior cidade brasileira sem ser capital – Campinas está a 40 minutos de carro e há planos de construção de interligações ferroviárias com Jundiaí e São Paulo⁵ –, o município jundiaiense se tornou uma cidade-dormitório. Nesse tipo de local, milhares

4. Disponível em: <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2019/04/22/praca-com-conceito-turistico-historico-e-entregue-a-populacao/>. Acesso em 28 set. 2023

5. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2023/07/20/trem-intercidades-entre-campinas-e-sp-e-indicado-pelo-estado-para-novo-pac-veja-o-que-se-sabe.ghtml>. Acesso em 29 set. 2023

de pessoas fazem um movimento pendular diário ou semanal de deslocamento entre a cidade de moradia e a cidade em que trabalham ou estudam, ou mesmo para o lazer.

Com essa nova dinâmica, migrantes vêm para dentro da cidade de Jundiaí, com seus próprios times, convicções e tradições. Apesar disso, os torcedores contam que ainda é comum ver, todo o dia, pessoas com as cores do Paulista andando pela rua. “De manhã eu passo de carro e tem gente com a camisa”, conta Valeska. “Não tem um dia que você ande por Jundiaí que você não veja uma pessoa, da mais nova à mais velha, usando a camisa do Paulista. Você vai encontrar no mercado ou na avenida”.

Esse sentimento de pertencimento à cidade também vai para o campo. O antropólogo Igor José de Renó Machado explica no artigo *Futebol, clãs e nação* que, ao defender e torcer por um clube de futebol, a pessoa está, ao mesmo tempo, defendendo sua cidade e sua tribo. Cobrinha conta que há outros três rivais que os jogos são à flor da pele: XV de Piracicaba, o agora Red Bull Bragantino e Ponte Preta. Mas o principal deles, segundo os próprios torcedores, é com a equipe campineira. Pela diferença de tamanho populacional – o número de habitantes de Campinas é 2,5 vezes maior que de Jundiaí –, os jogos contra eles passavam a ser uma espécie de Davi contra Golias.

Na visão dos torcedores, o Jayme Cintra recebeu uma das partidas mais emblemáticas desse duelo. Nas quartas-de-final do Paulistão de 2004, Paulista e Ponte Preta se enfrentaram em jogo único para definir quem avançaria de fase. Lucas e Ivan, antes de se conhecerem, estavam no estádio acompanhando a partida. Em campo, o time de Campinas abriu 2 a 0 ainda no primeiro tempo, com o atacante Weldon e o meia Piá. No segundo tempo, a equipe de Jundiaí se reorganizou e, com gols do lateral-direito Lucas e do meio-campo Aílton, empatou a partida. Na prorrogação, a superioridade do Paulista foi transformada em gols do zagueiro Danilo e novamente de Aílton, virando o jogo. O lateral-direito André Cunha ainda diminuiu o placar, mas não foi o suficiente para acabar com a festa dos torcedores do Galo da Japi.

Apesar do resultado, o que realmente ficou destacado desse dia foram os episódios de violência, infelizmente comuns no futebol paulista e brasileiro. Segundo os torcedores, o esquema de organização e segurança foi mal feito, fazendo com que o provável conflito se tornasse praticamente certo. Lucas critica a forma com que a Polícia Militar organizou os visitantes: “Os torcedores da Ponte desceram por uma avenida que não era para a torcida visitante, porque eles rodearam quase o nosso estádio inteiro. E aí foi pau e pedra de fora pra dentro do estádio”. No dia da visita ao estádio, Ivan mostrou como foi feita a marcha dos torcedores adversários. Ao invés de levar a massa visitante pela Rua Zeferino Cosin, que desemboca direto no portão de visitantes, o esquema escolhido foi trazê-la pela Avenida dos Imigrantes Italianos e dar meia-volta por trás das arquibancadas. Foi nesse momento em que os problemas começaram a acontecer, quando os pontepretanos começaram a jogar



O portão dos visitantes, na lateral do Jayme Cintra. Foto: Lucas Zacari

objetos para dentro do estádio, na torcida do Paulista, deixando muitos feridos. Até hoje esse fato assola a diretoria e o clube jundiaiense, explica Lucas: “Tem um homem que perdeu a visão nesse dia, tomou uma pedrada no olho, e esse processo estourou no clube esse ano. O Paulista não se defendeu à época e aí sobrou pro Paulista, acho que temos que pagar R\$ 600 mil pro cara porque o Paulista ficou como o único culpado. A torcida do adversário jogou pedra dentro do nosso estádio e sobrou pra gente”.

“Mesmo sabendo que nem todo mundo era torcedor só do Paulista, a gente sabia que estava torcendo por uma causa maior”, resume Alex Rossi, de 35 anos, operador de produção e ex-integrante da Raça Tricolor, uma das torcidas organizadas do Paulista.

Um ribeirão-pretano jundiaiense

Mesmo quem não nasceu em Jundiaí e foi ter uma relação com o Paulista e com a cidade posteriormente desenvolveu um carinho grande por ambos. É o caso de Vagner Mancini, ex-jogador e atualmente treinador. Nascido e criado na cidade de Ribeirão Preto, foi em Campinas que ele começou a sua carreira nos gramados, mas jogando pelo Guarani, com uma rivalidade fortíssima e mais intensa com a Ponte Preta. Perguntado sobre como conhecia o Galo da Japi, ele explica que foi também por uma relação familiar: “Eu sou filho de um ex-jogador de futebol [Vastinho Mancini]. Então o futebol fez parte da minha infância, assim como do meu irmão. E desde muito cedo, através de álbuns de figurinhas, de revistas, ficávamos muito atentos a tudo que estava acontecendo. E a gente acompanhava muito o Campeonato Paulista, porque os dois times de Ribeirão [Botafogo e Comercial] estavam na primeira divisão nessa época, junto com o Paulista. O Paulista figurou em alguns momentos. Era um time em que a gente tinha uma certa proximidade e conhecimento em função disso”.

Estreando em 1988 pela equipe de Campinas, o volante rodou por uma série de times do Brasil, além do Honda FC, do Japão, até rumar para os lados do Jayme Cintra. No entanto, Mancini conta que houve uma mudança de rota para ir até Jundiaí: “No ano de 2000, quando

sai do Noroeste de Bauru, eu estava indo pro Remo, de Belém do Pará. E aí, no meio do caminho, na hora que eu estou entrando em São Paulo, tem uma ligação do Paulista e acabo desistindo de ir pro Remo. Fico em Jundiaí e acabo acertando um contrato com o Paulista, que é exatamente o começo desses seis anos que a gente tem de relação”.

Ainda sob o nome de Etti Jundiaí – que se manteve até 2002 –, Mancini explica que esse cenário era atrativo para os jogadores: “Todo mundo naquela época buscava um clube sólido, um clube que poderia te dar uma possibilidade de receber salários em dias. E o convite do Paulista veio muito a calhar para mim e eu acabei aceitando. Chego na cidade e encontro um time se estruturando por causa do dinheiro da Parmalat, com bons jogadores”. Além disso, ele conta que a relação com a torcida também auxiliou nesse processo: “Uma coisa que sempre chamou a atenção da gente que atuava, que estava dentro de campo, era como a torcida se comportava. Sempre com muito amor ao clube!”.

Nos quase quatro anos em que o volante e também capitão defendeu a camisa tricolor, o Paulista foi galgando divisões estaduais e nacionais. Nesse período, ergueu os títulos da Série A2 estadual e da terceira divisão do Brasileiro de 2001, conquistando a quarta colocação na Série B nacional de 2002 – diferente das edições mais recentes, em que os quatro primeiros sobem, o acesso era apenas para o campeão e vice. “Foi tudo muito rápido, mas, ao mesmo tempo, foi tudo muito intenso. Há uma identificação muito grande com a minha chegada e com os resultados do Paulista”, conta ele.

Com o fim da parceria com a empresa italiana, ele saiu do Paulista e ainda defendeu Figueirense, Sport, Ceará e Ituano, até encerrar a carreira como jogador em 2004. Ele lembra que, enquanto jogador da equipe jundiaiense, já



O ex-jogador e treinador Vagner Mancini. Foto: Reprodução/ Facebook

havia um movimento para que se tornasse treinador por sua liderança dentro de campo. No entanto, o processo de pendurar as chuteiras foi quase forçado pela diretoria do Galo da Japi.

Voltando para a história citada no início do capítulo, de Cobrinha com o então jogador, em uma sexta-feira à tarde, os dois personagens se encontraram em frente ao Jayme Cintra, quando Mancini o confidenciou que iria assinar o último contrato como jogador. “Meia hora depois ele me chamou e falou ‘pô, Cobrinha, mudou o meu caminho’. Falei ‘por quê?’ ‘Vou ser técnico do Paulista’. Ele não sabia nem apitar ainda (risos). ‘Mas eu vou precisar da sua ajuda’”, conta o jornalista.

Para Mancini, a negociação foi ainda mais inesperada. “Ao término do Campeonato Paulista, o Pitico [Luiz Roberto Raymundo], na época vice-presidente do clube, me chamou para voltar. Prestes ali a completar 38 anos, eu falo que quero voltar a jogar no Paulista. Aí vem a frase na sequência ‘mas você não vai voltar a jogar; você vai voltar para ser o meu técnico’”, explica o agora treinador. Ele continua: “Eu ainda era atleta, ainda pensava como um. Então foi uma decisão que tive que tomar de um dia pro outro. E talvez a decisão mais difícil, porque não é fácil você encerrar a carreira, porque o atleta de futebol vive sob constante emoção o tempo inteiro, e adorava o que fazia. Eu tive que, da noite para o dia, pendurar a chuteira, pegar o apito e desenvolver um trabalho”.

Apesar do susto inicial, a carreira logo trouxe resultados positivos. Até 2007, quando saiu do clube, o treinador comandou o time que conquistou a Copa do Brasil de 2005, participou da Copa Libertadores da América e que chegou ao quinto lugar da Série B do Brasileirão de 2006, em um dos momentos mais importantes do clube. Para praticamente todos os entrevistados, Mancini é considerado o maior ídolo da história do Paulista: “Ele era fora de série,

um jogador muito bom, um volante com muita classe, bonito de ver jogar. Então eu gostava dele já na época de jogador”, ressalta Ivan. Ele continua: “Era o batedor de pênalti oficial também, dificilmente perdia. E como treinador, também foi uma aposta do Paulista para substituir o Zetti, que tinha levado o time até o vice-campeonato paulista em 2004. Ele foi uma aposta que deu certo, já conhecia o clube, tinha essa identificação por ter sido jogador, já era um ídolo da torcida. E ele conseguiu montar um time excelente que, principalmente em Jundiaí, era quase imbatível. Então com certeza ele é o meu maior ídolo”.

Essa idolatria e os feitos com a camisa do clube fizeram com que ele recebesse o título de cidadão jundiaiense no ano de 2006. Sua família, inclusive, tornou-se sócia de um clube de Jundiaí, tamanha a integração com a cidade. “Eu já passei por vários lugares, e tem lugares onde passei e que até fiquei um bom tempo, e não tenho nenhum tipo de relação. Mas Jundiaí está no meu coração realmente”, explica Mancini. O treinador, que no momento da escrita, está comandando a equipe do Ceará na Série B, ressalta o carinho com o município: “Nem falo que é a minha segunda cidade. Jundiaí está no mesmo ponto de Ribeirão Preto, que é a cidade onde eu nasci. Eu me sinto em casa em Jundiaí”.

Cidade (e coração) divididos

Alex entende que, mesmo com a representatividade do Paulista para Jundiaí e a ligação com o passado ferroviário, os jundiaenses tem um sentimento dúvida com o clube: “Tem muita gente que ama e muita gente que odeia. Tem gente dentro de Jundiaí mesmo que torce contra. Mas não é culpa do clube, a instituição em si sempre foi muito querida. Foram gestões que passaram e humilharam o torcedor, desapontando o torcedor e perdendo a credibilidade”.

Além disso, o momento do clube foi algo que sempre influenciou a participação e o envolvimento da cidade com o Galo, algo até comum dentro da história futebolística brasileira. Há uma frase popular que expressa esse sentimento comum nas torcidas do país: “O brasileiro não gosta de futebol, gosta de vencer”. Com

raríssimas exceções, nas fases baixas de clubes, o distanciamento em relação a comunidade passa a ser cada vez mais expresso. E, no caso do Paulista, isso infelizmente apareceu. Valeska entende que o interesse da cidade com o clube tem também uma influência política: “A relação é de amor. A cidade abraça o Paulista, mas de uma forma meio egoísta. Na forma que eu vejo, quando o time está em alta, os grandes políticos vivem falando dele, por quê? É algo antes dos nossos costumes, Jundiaí é conhecida pela Terra da Uva e, em consequência, pelo Paulista. Tem gente que não sabe que é a Terra da Uva, mas pelo Paulista ter sido tão gigante no estado, acaba conhecendo pelo time. E aí os políticos, quando o clube está bem, vira cabo eleitoral. E nesses momentos que a gente está agora, ninguém liga”.

A proximidade entre as cidades maiores, além de tornar Jundiaí uma cidade-dormitório, também faz com que o apelo por times de outros locais, sobretudo os da capital, seja impulsionado. Dentre os entrevistados, três dividem o coração com o Palmeiras – também pela relação italiana a qual o alviverde foi formado e é mantido, assim como boa parte dos cidadãos jundiaenses. “Na minha época, quem nascia em Jundiaí, torcia primeiro para o Paulista, mas todo mundo tem um time grande também. Eu também tenho, sou torcedor do São Paulo, mas você torce primeiro para o Paulista e depois para o São Paulo”, explica Adilson. A ideia de ter o futebol no quintal de casa é um pouco o que retrata e o que movimenta as duas paixões divididas, de acordo com Valeska: “Minha família toda é palmeirense também, mas o Paulista, ele bate diferente na gente, é o pertencimento da cidade, não tem outra palavra. Eu falo que é o meu time de casa. O meu time, que eu aprendi a gostar também ao mesmo tempo, foi o Palmeiras. Então tem isso, o Paulista é por causa da cidade que eu nasci, por causa da estrutura familiar, que sempre respirou muito futebol em família”.

Ivan, que se declara torcedor único e exclusivo da equipe jundiaiense, conta que essa dinâmica de migração diária faz com que haja um descolamento também das próprias tradições da cidade, o que, consequentemente, afasta das partidas do clube.



Pai e filho nas cadeiras do Jayme Cintra. O mais velho com camisa do Paulista e o mais novo, do Corinthians. Foto: Lucas Zacari

grande, de outra cidade. Perdeu um pouco, mas tem quem gosta do Paulista, além do jundiaiense ter esse orgulho do Paulista, mesmo quem não acompanha tão de perto ainda tem esse sentimento”, explica o Diretor de Patrimônio.

Outra dinâmica envolvendo a torcida e seu distanciamento também está em relação às novas gerações. “Hoje quem nasce em Jundiaí torce para outro time grande de São Paulo ou para o time da cidade de onde o pai ou a mãe são. Se for de outra cidade do interior, é Barcelona, Real Madrid, Bayern de Munique, Tottenham, Manchester City, não torce pra times brasileiros, isso mudou muito”, pontua Adilson. Com a facilidade na visualização de jogos do exterior, a ida dos grandes ídolos para as principais ligas europeias e a popularização dos jogos de videogame sem o licenciamento de clubes brasileiros, os novos torcedores tem cada vez mais voltado os olhos para as equipes que disputam as competições estrangeiras. Em abril de 2023, uma pesquisa realizada pela CNN Esportes, a Rádio Itatiaia e o instituto de pesquisa Quaest mostrou que um terço dos brasileiros acima dos 16 anos torcem para algum time de fora do Brasil⁶.

“Muita gente não vive a cidade nos fins de semana, por exemplo, quando tem jogos do Paulista. Acaba se perdendo um pouco essa relação. Hoje é muito fácil pegar aqui e sair de Jundiaí e ver um jogo do Palmeiras, do São Paulo, do Corinthians. E então as pessoas, às vezes, preferem isso, ter essa ligação com outro clube

Mesmo com essa relação dúbia dentro da cidade, existe um entendimento de que, se não fossem os torcedores e Jundiaí como um todo, o Galo já teria fechado as portas: “É legal porque, independente da série que o Paulista está jogando, você vê torcedor velho, vê torcedor novo, vê gente levando família. Então é uma coisa assim que acho que a cidade abraça muito o clube. Eu acho que o clube não acabou até hoje por causa da cidade”, reafirma Gianluca.

6. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/um-em-cada-tres-brasileiros-torce-para-algum-time-europeu-real-madrid-lidera/>. Acesso em 01 out. 2023

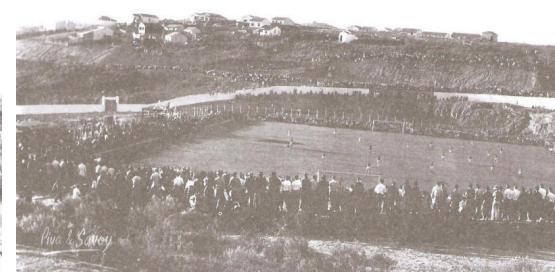
**Tabela com jogos citados, ordenados anualmente
(destaque para os gols do Paulista)**

Jogos	Competição	Ano	Estádio	Gols
Paulista 3 x 1 Palmeiras	Amistoso	1957	Jayme Cintra	Belmiro, Alceu, Chiquinho; Ney
Bandeirantes 3 x 1 Paulista	Torneio da Amizade	1961	Estádio do Paulista (São Carlos)	Tampinha, Paraguai, Vivaldo; Enério Martinelli
Paulista 1 x 2 Santos	Campeonato Paulista	1969	Jayme Cintra	Nilo; Toninho, Edu
Paulista 4 x 1 Velo Clube	Campeonato Paulista - Divisão Intermediária	1993	Jayme Cintra	Carlinhos Gouveia, Mathias, Gersinho, Cléber; Valmir
Etti Jundiaí 2 x 2 América de Rio Preto	Campeonato Paulista Série A2	1999	Jayme Cintra	Marcinho, Neto; Paulo César, Roberto Carlos
Paulista 4 x 3 Ponte Preta	Campeonato Paulista Série A1	2004	Jayme Cintra	Lucas, Aílton (2x), Danilo; Weldon, Piá, André Cunha
Vila Ana 1 x 0 Jardim Tamoio	Taça das Favelas de Jundiaí	2023	Jayme Cintra	Miriã
Vila Popular 1 x 0 Fepasa	Taça das Favelas de Jundiaí	2023	Jayme Cintra	Caio

Fotos



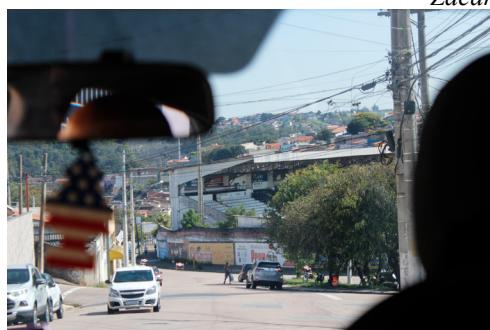
Estádio da Vila Leme. Foto:
Arquivo Pessoal/Ivan Gottardo



Inauguração do Estádio Jayme Cintra.
Foto: Arquivo Pessoal/Ivan Gottardo



O Jayme Cintra nos dias atuais. Foto: Lucas Zacari



Chegada ao estádio. Foto: Lucas Zacari



Fachada do Jayme Cintra por outro ângulo. Foto: Lucas Zacari



Recorte de jornal de foto de Pelé em partida entre Paulista x Santos, em 1969. Foto: *De Volta aos Trilhos*



Quadro com os brasões do Paulista FC.
Foto: Lucas Zacari



Elenco campeão
da Série C do
Brasileirão. Foto:
Lucas Zacari

Torcida acompanhando a final feminina da Taça das Favelas. Foto: Lucas Zacari



O apogeu

A conquista da Copa do Brasil e as reações ao título

Apesar do clichê, o futebol não é uma caixinha de surpresas à toa. Parecer decidido não significa estar decidido, e aquela noite de 1 de maio de 2005 provou mais uma vez “que você nunca pode dizer que já ganhou”. A frase dita por Vagner Mancini explica um pouco do que aconteceu naquela partida.

Uma semana antes, em 25 de maio, à distância de 10.576 km, um roteiro de remontada semelhante já havia sido escrito na principal competição entre clubes do mundo. No chamado Milagre de Istambul, o Milan também abriu 3 a 0 em cima do Liverpool, durante o primeiro tempo da final da Champions League. Na volta do intervalo, contudo, a equipe inglesa empatou a partida e levou a decisão para os pênaltis, conquistando o título europeu no Estádio Olímpico Ataturk, na capital da Turquia.

No mesmo dia, mas na noite brasileira, o Jayme Cintra viu o Paulista vencer o Cruzeiro por 3 a 1, com gols do meio-campista Cristian, e dos atacantes Márcio Mossoró e Jéfferson para os jundiaienses, enquanto o gol dos mineiros foi marcado pelo atacante Fred. Só que na semana seguinte, essa euforia estava sendo encerrada em meio a uma avalanche azul, tanto em campo quanto pelos 35.850 torcedores pagantes no Mineirão. Em 36 minutos, a equipe de Belo Horizonte reverteu o placar e vencia o jogo de volta da semifinal da Copa do Brasil de 2005 por 3 a 0, com uma atuação de gala de Fred. Com dois gols, uma assistência e uma cabeçada no travessão, a classificação cruzeirense parecia decidida pelo talento do artilheiro daquela edição, com 14 gols – marca que o tornou o maior artilheiro de uma única Copa do Brasil –, e futuro titular da Copa do Mundo de 2014.

Segundo Mancini, depois de marcar os três gols que classificaram o Cruzeiro, os mineiros recuaram, tentando controlar e manejá o resultado. O treinador recorda que, no intervalo do jogo, encontrou

seus jogadores cabisbaixos, com semblante de derrotados. O auxiliar técnico, Wagner Lopes, entra no vestiário e escreve em uma lousa o placar da partida entre ingleses e italianos. “Eu começo a falar ‘espera aí, o jogo ainda não acabou, faltam 45 minutos. Nós temos um exemplo’ e apontei pra lousa ‘da semana passada, de Milan e Liverpool e nós não vamos aplicar isso na nossa vida? Se o Cruzeiro quisesse ganhar o jogo, ele não teria recuado! Vamos voltar para o segundo tempo e vamos para cima deles aqui no Mineirão, porque a gente merece!””, foi um pouco do que o treinador relembrava de seu discurso para recuperar emocionalmente os jogadores para o segundo tempo.

A missão do Paulista era mais simples do que a realizada pelos ingleses na semana anterior: bastava um gol para levar a decisão para os pênaltis, e dois para conquistar a classificação no tempo normal. A injeção de ânimo no vestiário deu certo e, logo aos 4 minutos da etapa final, a vantagem no placar agregado estava de volta para o lado jundiaiense. Os gols saíram, no primeiro e no quarto minuto do segundo tempo, de forma praticamente idêntica: falta marcada a alguns metros antes da entrada da área, Cristian na batida, cobrança rasteira no canto esquerdo do goleiro Fábio.

A partir desse momento, a atmosfera do Mineirão mudou. Arthur Belvel, de 20 anos, estudante de engenharia mecânica e integrante da Raça Tricolor, principal torcida organizada do Paulista, mesmo sem ter vivido presencialmente, traz com emoção os relatos contados a ele: “O que é marcante é que, naquele momento, a torcida do Galo calou o Mineirão. Os torcedores do Cruzeiro estavam incrédulos com o que estavam vendo, sem conseguirem falar mais nada, e os



A comemoração de Cristian no segundo gol de falta da partida.

Foto: Reprodução/Youtube

quinhetos malucos ali do tricolor cantando sem parar e fazendo a maior festa durante o segundo tempo inteiro”.

Com a vantagem devolvida para a equipe visitante, o Paulista se fechou e conseguiu, por meio de contra-ataques, controlar a partida. Ao final dos 90 minutos, o placar terminou em 3 a 2 para o Cruzeiro, mas o agregado da semifinal terminou em 5 a 4 para os jundiaienses. Pela primeira vez na história, a equipe do interior paulista alcançava a classificação para a disputa da final da principal competição eliminatória nacional. Rafael Bracalli, goleiro e ídolo do Galo da Japi, desabafou após o final da partida: “Todo mundo falou que o Paulista ia vir aqui e ia ser massacrado. Acharam que iam massacrar no primeiro tempo e, no intervalo, tava todo mundo dizendo ‘po, vocês não conhecem o Fred?’”. Tá aí no final, conhecemos todo mundo do Cruzeiro¹.

Mancini relembrava que, ao adentrar no vestiário, conversando com a comissão técnica e com os dirigentes do clube à época, demonstrou confiança naquele elenco e na conquista: “Ali a gente fala: ‘nós estamos com sorte de campeão!’”.

Ivan relembrava que o jogo de ida contra o Cruzeiro foi a única partida em casa que ele não acompanhou das arquibancadas naquela campanha: “Eu tinha uma prova na faculdade, já tinha faltado em algumas e não podia mais faltar. Não lembro nem que matéria era, mas com certeza a minha cabeça estava mais no jogo do que na prova. Foi criando essa expectativa, essa euforia. Onde você ia só se falava sobre o Paulista, mesmo quem não torcesse para o clube. Eu andava com a camisa o tempo todo e o pessoal vinha perguntar”.

Próxima parada: Copa do Brasil

Antes da final, é preciso regredir algumas estações e entender como o Paulista chegou a esse momento.

A edição de 2005 foi a estreia da equipe de Jundiaí na Copa do Brasil. Isso porque o número de participantes até aquele momento era reduzido – dessa edição para a de 2023, a quantidade de times

1. Disponível em <https://ge.globo.com/video/em-2005-cruzeiro-faz-3-a-2-sobre-o-paulista-mas-e-eliminado-da-copa-do-brasil-1957859.shtml>. Acesso em 29 ago. 2023

passou de 64 para 92 –, o que condicionava a participação no torneio a um bom desempenho no campeonato estadual do ano anterior.

A classificação à competição nacional veio com a chegada à final do Campeonato Paulista de 2004. Depois de passar pela Ponte Preta e vencer o Palmeiras nos pênaltis, o título seria disputado contra a principal sensação do futebol brasileiro no início do século: o São Caetano. O azulão, como o clube do ABC Paulista é conhecido, havia conquistado os vice-campeonatos nacionais de 2000 e 2001 e da Copa Libertadores de 2002.

Mas para além dessa história e da qualidade do adversário, o torcedor do Galo da Japi via essa final como uma espécie de revanche: “A gente achou que dava pra ser campeão, queria ser campeão contra o São Caetano por causa daquele final de A2”, explica o operador de produção Alex Rossi. A final em questão aconteceu quatro anos antes, na disputa de quem conquistaria o título e o acesso para a divisão de elite do futebol paulista. Sob a administração da Parmalat e com o nome de Etti Jundiaí, a equipe perde por 1 a 0 a primeira partida jogando no Jayme Cintra, gol de bicicleta do icônico atacante Túlio Maravilha. Na volta, um empate sem gols no Anacleto Campanella faz o São Caetano subir de divisão.

O acesso da equipe jundiaiense acontece no ano seguinte, com o título da Série A2, ano também da conquista da Série C do Brasileirão. Três anos depois aconteceria o duelo entre os times sensações de fora da cidade de São Paulo, naquele ano que ficou conhecido como “o ano das zebras” (Grécia campeã da Eurocopa, Once Caldas da Libertadores e Santo André da Copa do Brasil, para dar alguns exemplos).

A recorrência em finais de campeonatos de alto nível, no

entanto, fez diferença na final do Paulistão de 2004 para o São Caetano. O azulão tinha nomes já consagrados nas campanhas anteriores, como o goleiro Sílvio Luiz, promessas, como o volante Mineiro, e jogadores experientes, como o atacante Euller, o “filho do vento”. Todos esses comandados por Muricy Ramalho, o primeiro trabalho de destaque do treinador que se tornaria tetracampeão brasileiro.

Assim como na final da A2, o Paulista perdeu em casa o primeiro jogo da decisão, dessa vez pelo placar de 3 a 1, tendo sofrido a virada. No Pacaembu, a equipe jundiaiense perdeu novamente por dois gols de diferença, dessa vez pelo placar de 2 a 0, e ficou novamente com o vice-campeonato em uma final contra o São Caetano, perdurando o até então tabu de vitórias contra a equipe, não tendo vencido nenhum jogo desde a fundação do time do ABC, em dezembro de 1989.

A diferença entre as duas finais é que, dessa vez, o vice promoveu a classificação do Galo da Japi para a Copa do Brasil do ano seguinte, o que mudou a história do clube para sempre.

A primeira mudança de rota

Um pouco de incredulidade, um pouco de mágica. É assim que muitos dos torcedores caracterizam a campanha na Copa do Brasil de 2005. Mancini explica um pouco do porquê a conquista foi tão inesperada e impactante para o cenário nacional: “O Paulista é o único time campeão da Copa do Brasil que só enfrentou adversários de série A”.

Para Alex, o título era praticamente impossível: “O próprio jundiaiense não acreditava, só pensávamos em não fazer feio”. E a mudança de rota do Galo acontece logo na primeira rodada. O adversário da estreia seria o Glória de Vacaria, do Rio Grande do Sul, após a terceira colocação no campeonato estadual. O clube, no entanto, desiste da competição e, em seu lugar, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) convida o Juventude para a disputa. A equipe de Caxias do Sul já havia sido campeã do torneio em 1999, época em que também contava com a parceria com a Parmalat, encerrada no ano seguinte.



Elenco campeão da Série A2 do Paulista. Foto: Lucas Zacari

“Se passar da primeira fase, já tá no lucro!”, Ivan relembra o pensamento dos torcedores à época. Ele continua: “Era a primeira vez que o Paulista ia jogar a Copa do Brasil, contra um time da série A. A gente pensou ‘se passar, está ótimo’. Só que era realmente um time muito bom, foi a melhor fase do clube, com certeza. Apesar de estarmos na série B do Brasileiro, estava na série A1 do Paulista. Tinha um time bom, jovem, jogadores que eram 70%, 80% da base do clube. Foi meio que jogo a jogo, a gente foi criando a expectativa, mas lá no início, acho que nem de brincadeira o pessoal falava”.

Na partida de ida, no Jayme Cintra, o jogo foi decidido nos últimos minutos. Após um 0 a 0 até os minutos finais de jogo – tendo um gol do zagueiro do Paulista Thiago Matias anulado no primeiro tempo e uma atuação segura do goleiro Rafael Bracalli –, o zagueiro do Juventude intercepta a bola com a mão e, nos acréscimos do segundo tempo, o meio-campista Davi marca o gol da vitória de pênalti.

Na volta, em Caxias do Sul, o time de Jundiaí abre o placar logo no começo, com um gol de cabeça do atacante Jefferson, o que colocava o Paulista com uma vantagem confortável por conta do critério do gol fora de casa – o empate no placar agregado dava vantagem à equipe que fizesse mais gols nos domínios adversários. Precisando marcar três gols para se classificar, o Juventude se lançou ao ataque, mas a defesa jundiaiense suportou a pressão e só levou o empate, em um gol também pelo alto do atacante Zé Carlos.

Um sonho no Maracanã...

A próxima fase seria uma viagem mais próxima, mas não por isso mais fácil. O adversário seria o Botafogo, com a partida de volta no Maracanã. A desconfiança e o receio ainda estavam presentes na torcida jundiaiense: “Pô, é o Botafogo... Se não perder de muito, tá bom”, relembra Alex.

No Jayme Cintra, um empate por 1 a 1 dava a vantagem à equipe carioca, tendo em vista que outro empate na partida de volta, dessa vez sem gols, classificava o Botafogo. O gol do Paulista foi marcado por Márcio Mossoró, com um belo chute da entrada da área após driblar

três marcadores, enquanto o atacante botafoguense Alex Alves marcou na saída do goleiro Rafael Bracalli – atualmente, o lance seria analisado pelo VAR (árbitro de vídeo), pois o atacante estava, no mínimo, em uma posição duvidosa em relação ao impedimento. Essa partida marcou também a força que essa equipe tinha em jogos em seu estádio, completando oito meses sem derrotas jogando em casa² – curiosamente, a invencibilidade acabou no jogo seguinte no estádio, contra o União Barbarense, pelo Campeonato Paulista³.

Na volta, o primeiro tempo foi extremamente agitado, mas o Paulista esteve quase a todo o instante no controle do jogo. Logo aos quatro minutos, o atacante Léo Aro acerta um chute rasteiro de fora da área e abre o placar. O Botafogo empata aos 12, com o volante Juca, encobrindo Rafael. Com esse resultado, a partida iria para as penalidades. Aos 32, Cristian apresenta a categoria na cobrança de falta que faria a diferença na futura semifinal, acertando a bola no ângulo do goleiro Jefferson. Pouco depois, Alex Alves novamente marca para os cariocas. Com os dois gols marcados, o Paulista se classificou pelo critério do gol fora de casa.

“A partir do momento em que nós eliminamos dois times de série A, começamos a sonhar que poderíamos chegar um pouquinho mais longe, mas ninguém ali naquele momento vislumbrava ainda um título”, explica Mancini.

Classificação na risca

A rodada seguinte era duríssima para o Paulista. A equipe jundiaiense iria voltar ao Rio Grande do Sul para enfrentar o Internacional. O time de Porto Alegre seria vice-campeão do Campeonato Brasileiro daquele ano, disputando o título até a última rodada com o Corinthians. No ano seguinte, essa equipe foi a base do elenco que conquistaria a Libertadores da América, vencendo o então atual campeão da competição São Paulo na final, e o Mundial de Clubes, contra o Barcelona de Ronaldinho Gaúcho.

2. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2005/03/16/ult59u92016.jhtm>. Acesso em 29 ago. 2023

3. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/uniao-quebra-sequencia-do-paulista/>. Acesso em 30 ago. 2023

Na tarde de 21 de abril de 2005, uma quinta-feira, os times se enfrentaram no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre. O empate por 0 a 0 perdurou até os 39 minutos do segundo tempo, quando o Paulista sofreu com o mesmo artifício que ajudou no jogo contra o Botafogo e que, posteriormente, classificaria o clube para a final. Jorge Wagner, meio-campista especialista em cobranças de falta, cobrou com perfeição por cima da barreira e acertou o ângulo jundiaiense.

O jogo de volta, no dia 05 de maio (05/05/05), ficou marcado na vida de Lucas. Naquela noite de quinta-feira, “era meu aniversário de quatorze anos e era aniversário também do Rafael, nosso goleiro, de 24 anos. Ele é exatamente dez anos mais velho que eu. O Rafael é um dos meus maiores ídolos do futebol”, conta o atual segundo vice-presidente do Paulista.

A partida teve um roteiro no placar praticamente idêntico à ida: igualdade sem gols até os últimos seis minutos do tempo regulamentar. Poucos minutos antes, Mancini promoveu a estreia do meio-campista Juliano e, aos 39 minutos da segunda etapa, uma boa troca de passes terminou com um chute do estreante da entrada da área, entrando no canto esquerdo do goleiro colorado Marcelo Boeck.

O resultado levou a partida para os pênaltis, onde a história entre os aniversariantes continuou entrelaçada. O Paulista bate quatro pênaltis, com o zagueiro Anderson, Márcio Mossoró, Cristian e Jéfferson convertendo todas as cobranças. Do lado do Internacional, as duas primeiras cobranças terminaram em gol; na terceira, Rafael Bracalli defendeu o chute do lateral-direito Élder Granja, colocando a equipe de Jundiaí em vantagem. No quarto pênalti, o volante Perdigão seria o responsável por manter o Colorado na disputa ou eliminá-lo.

Lucas, que estava atrás do gol, relembrava o que viu nesse momento: “A bola entra e o juiz não dá. O Rafael já sai correndo, tira a camisa e o juiz acaba o jogo”. A cobrança de Perdigão explode na parte de baixo do travessão e vai em direção a grama, quicando na linha e saindo do gol. Apesar da reclamação do Internacional, o juiz logo encerra o jogo, para a festa da equipe e da torcida do Galo. “Eu juro, pra mim bateu fora! A minha visão enviesada diz que a bola bateu fora”, diz Lucas.

Na transmissão da partida, não há imagens conclusivas se a bola entrou por completo ou não, mas a sensação é de que a disputa de pênaltis deveria ter continuado. Depois do apito e do encerramento do jogo, a explosão dos torcedores do Paulista era de emoção e de esperança para vôos mais altos. “Opa, acho que dá pra chegar longe”, resume Ivan.

A estrela de um goleiro

Em tese, as quartas de final seriam as fases mais fáceis e parelhas na campanha do Paulista. O adversário foi o Figueirense, equipe de Santa Catarina que tinha uma tradição bem menor que os adversários anteriores do Galo da Japi. No entanto, se o time de Jundiaí havia eliminado o futuro vice-campeão do campeonato nacional daquele ano, os catarinenses eliminaram o campeão brasileiro de 2005, em um roteiro extremamente semelhante. Contra o Corinthians, cada time venceu a sua partida em casa por 2 a 0, e o Figueirense conquistou a classificação nas penalidades. A crescente catarinense seria concretizada dois anos depois, com o vice-campeonato da Copa do Brasil, vencida pelo Fluminense.

E como futebol não necessariamente segue o roteiro esperado, a disputa desta fase teve tons tão ou mais dramáticos que o das oitavas de final. No Orlando Scarpelli, a equipe de Florianópolis abriu o placar com Cláudio logo no início do jogo, depois de dominar a bola já dentro da grande área e encobrindo o goleiro jundiaiense. Além da derrota pelo placar mínimo, Cristian, um dos destaques daquela campanha, foi expulso, tendo que cumprir suspensão no jogo de volta.

No Jayme Cintra, o Paulista consegue empatar o placar agregado no início do segundo tempo, com um chute de sem pulo do lateral Lucas, após rebote do goleiro Edson Bastos para a entrada da área. Indo para as penalidades, uma característica importante do elenco, que havia tido um aperitivo contra o Internacional, seria decisiva para a classificação. “Ali a gente já percebia algumas coisas interessantes: que nós tínhamos jovens valores, que certamente iriam brilhar no futebol brasileiro; e nós tínhamos um goleiro diferenciado, o Rafael

Bracalli, que nas disputas de pênalti tinha um peso muito grande, porque ele era pegador de pênaltis”, explica Mancini.

Nessa decisão, dos quatro pênaltis batidos pelos catarinenses, somente um balançou as redes de Rafael: um foi defendido pelo goleiro no seu canto direito e outros dois passaram sobre o gol. Do lado jundiaiense, o contrário aconteceu, com Anderson, Márcio Mossoró e Jéfferson convertendo suas cobranças, e somente Julinho – escolhido para substituir Cristian – perdendo, com uma defesa com os pés do goleiro adversário. Valeska, apesar de lembrar pouco daquela campanha, conta que essa disputa ficou marcada para ela por um motivo curioso: “Eu tinha 10 anos, estava assistindo pela TV e lembro que alguém em casa bateu a cabeça na hora do último pênalti”, tamanha a emoção que a torcida estava com a classificação.

... virando realidade em São Januário!

Mesmo com a crescente campanha, foi somente depois da partida contra o Cruzeiro que a torcida do Paulista realmente passou a confiar e acreditar no título. A conquista seria inédita para qualquer um dos lados, tendo em vista que o adversário daquela final, o Fluminense, do Rio de Janeiro, também nunca havia levantado o troféu da Copa do Brasil. Para muitos torcedores, no entanto, a vitória em cima da equipe mineira já dava certeza do título para o Paulista.

“A gente já sabia, como torcedor você já sentia que não ia perder do Fluminense, porque o Cruzeiro, na época, era o melhor time do Brasil. Estava goleando todo mundo, tinha o Fred marcando gol de tudo quanto é jeito”, Ivan sintetiza o sentimento da torcida para aquela final.

Enquanto o Paulista enfrentou somente clubes grandes e tradicionais do cenário nacional, sendo que todos estavam na primeira divisão nacional, os cariocas tiveram uma campanha menos difícil: enfrentaram Campinense, da Paraíba; Esportivo, do Rio Grande do Sul; e o também paraibano Treze, respectivamente na 1^a fase, 2^a fase e quartas-de-final. O Fluminense ainda enfrentou o Grêmio nas oitavas de final e o Ceará na semifinal, no entanto, as equipes tradicionais estavam disputando a Série B do Campeonato Brasileiro naquele ano.

Assim como na semifinal, a partida de ida no Jayme Cintra seria essencial para fazer um bom resultado e tentar já resolver o confronto. E foi exatamente isso que os 14.573 pagantes que encheram o estádio viram a equipe jundiaiense fazer naquela noite de quarta-feira, 15 de junho. Depois de um primeiro tempo com grande domínio do Paulista – incluindo uma bola na trave –, o Galo da Japi fez a torcida explodir no começo e no final da segunda etapa. Logo aos 3 minutos, após uma troca de passes desde a intermediária de defesa e um belo corta-luz de Léo Aro, Márcio Mossoró saiu na cara do goleiro Kleber e, com um chute colocado, abriu o placar. 35 minutos depois, o lateral-esquerdo Fábio Vidal puxou um contra-ataque e encontrou Léo Aro sozinho na entrada da área. A bola escapou do domínio do atacante, mas isso fez com que o goleiro do tricolor carioca saísse do gol e, com isso, Léo deu um leve toque na bola para encobrir o adversário. A emoção do gol foi tamanha que o autor do gol foi comemorar com os torcedores e subiu no alambrado, mas isso o fez levar um cartão amarelo e ficar suspenso do jogo no Rio de Janeiro.

Com o apito final do árbitro, os torcedores já decretavam o título e gritavam “É campeão” nas arquibancadas do Jayme Cintra. Alex explica um pouco daquele sentimento: “A gente foi pro Rio de Janeiro já sabendo que íamos vencer o Fluminense”. Apesar da empolgação, Lucas relata uma pequena decepção com o local da partida de volta: “Acho que a única frustração é não ter sido no Maracanã, porque estava fechado por causa de mais uma reforma”. À época, o principal estádio brasileiro estava em obras para abrigar os Jogos Pan-Americanos de 2007. Por conta disso, o tricolor carioca teve de mandar a partida em São Januário, estádio do Vasco da Gama.

A chegada do Paulista no Rio de Janeiro foi pouco amistosa: na noite anterior à final, a torcida do Fluminense estourou fogos de artifício no hotel em que a delegação jundiaiense estava hospedada. Já na ida para São Januário, paus e pedras atingiram o ônibus do visitante⁴.

Pressionado para reverter o placar, o tricolor carioca foi para cima do Galo da Japi, rondando e trazendo perigo para o gol do Paulista. No entanto, foram poucos os momentos em que Rafael

4. Disponível em <https://fb.watch/mQEyy0oNVp/>. Acesso em 28 ago. 2023

Bracalli trabalhou nessa partida. Para Mancini, a falta de atletas à disposição foi um dos principais motivos para o descontrole no jogo. “Naquela época, era uma lista de [inscritos na competição] de apenas 25 atletas, e nós tivemos alguns negociados, outros lesionados, e a gente vai para o jogo com apenas 14 jogadores em condições de jogar, isso ninguém sabe. Nós tínhamos um jogador que tinha operado o joelho, dois lesionados que não podiam entrar, e o goleiro reserva. Então eu só tinha quatro jogadores para fazer as alterações. Então nós tínhamos um elenco enxuto, muito pequeno, mas um elenco guerreiro que tinha sofrido muito para estar ali, e que isso também tornou mais forte”, explica o treinador. Por meio de contra-ataques, o time jundiaiense ainda conseguiu oferecer perigo aos mandantes.

O placar zerado se manteve até o final da partida, quando o árbitro Leonardo Gaciba e decretou o maior título da história do Paulista naquele 22 de junho de 2005. Além da conquista da Copa

Poster do Paulista campeão da Copa do Brasil 2005. Foto: Lucas Zacari



do Brasil, Ivan guarda uma lembrança com carinho dessa data: “Não fui no jogo, mas meu pai foi. Eu estava assistindo pela TV e, no finalzinho, ele apareceu no meio da torcida. Nossa, comecei a chorar e não acreditava que estava acontecendo aquilo”.

Nós podemos ganhar de qualquer um!

Se os jogadores e a torcida estavam na alegria de comemorar o título inédito da Copa do Brasil, Jundiaí estava pronta para explodir com aquele título. Os moradores e torcedores da cidade, inclusive, pediram e acreditaram que o dia seguinte da final fosse ponto facultativo, tamanho o feito do Galo⁵.

Apesar da não aprovação do ponto facultativo pela prefeitura, isso não impediu que os jundiaenses recebessem a delegação como os grandes campeões que haviam se tornado. “A cidade mesmo, depois da chegada dos jogadores, foi uma coisa que a gente nunca tinha visto, da cidade em volta do time. Então foi muito bonito de se ver”, relembra Ivan. O grupo pousou no final da tarde no Aeroporto de Congonhas, na zona sul da capital paulista, e chegou em Jundiaí no começo da noite com um mar de fãs para levar o time ao Jayme Cintra, celebrando e idolatrando o time. Relatos da época contam que mil pessoas acompanharam o trajeto do caminhão de bombeiros com a delegação nos cerca de seis quilômetros entre a entrada da cidade, na Avenida Jundiaí, até o estádio.

Mancini lembra que, durante a campanha, a comunidade como um todo abraçou o clube para levar ao título: “Nós tínhamos uma

5. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u90602.shtml>. Acesso em 03 set. 2023



A taça da Copa do Brasil no museu do Paulista. Foto: Lucas Zacari

rede de supermercado, que não sei se ainda existe em Jundiaí, que é o Russi [atual Ricoy Supermercados]. Lá havia uma promoção que as pessoas que comprassem no supermercado ganhariam ingressos para as partidas. Então isso acabou motivando muitas pessoas a irem ao estádio também, mostrando a força daquela comunidade”.

Todo esse momento de euforia parecia, acima de tudo, que elevaria o patamar do clube jundiaiense. Lucas relembrava a sensação do momento: “Só aproveitei mesmo, não tinha uma grande reflexão do tipo ‘cara, tenho que aproveitar porque esse momento não vai se repetir nunca mais’, porque pra mim era muito possível repetir depois que aconteceu. A gente estava numa ascendente, era aquela sensação de confiança mesmo. Eu vou para o estádio e vai ser muito legal porque gosto de futebol, vai ser muito legal porque nós vamos ganhar e vai ser muito legal porque vou voltar feliz pra casa. Depois, no próximo jogo, nós vamos destruir de novo”.

A campanha da Copa do Brasil rendeu prêmios fora de campo para um torcedor do Paulista em especial: “2005 também foi o meu ano”, resume Adilson Freddo. Ele e sua equipe do *Time Forte do Esporte*, responsáveis pelas jornadas esportivas na Rádio Cidade de Jundiaí, cobriram todas as partidas *in loco* nos estádios, tendo ele feito a narração de quase todas as partidas. “Eu narrei todos os jogos que foram disputados no Jayme Cintra. Fora de casa, um rapaz que mora em Ponta Grossa (PR), chamado Edson Garcia, que morava aqui em Jundiaí, narrou o jogo contra o Figueirense e a final contra o Fluminense, lá no campo do Vasco da Gama”, pontua.

Essa jornada rendeu ao jornalista a Bola de Ouro de 2005, o maior prêmio concedido pela Associação Brasileira dos Cronistas Desportivos (ABCD). “Fui escolhido pelos cronistas do Brasil como o melhor narrador de futebol do interior do estado de São Paulo”, explica Adilson. Ele conta ainda que o momento de auge e reconhecimento nacional do Paulista “também serviu para alavancar mais a minha carreira”.

A sequência nacional dessa temporada culminou apenas em um meio de tabela na Série B. No entanto, o ano de 2006 ainda reservava momentos mágicos para o clube jundiaiense

Paulista da América

O campeão da Copa do Brasil, além do título, conquistava também a vaga para a edição seguinte da Copa Libertadores da América, o principal torneio de clubes sul americanos. Novamente com uma participação inédita, o Paulista levaria o nome da cidade de Jundiaí não somente para fora da região, mas também para fora do país.

No sorteio, os jundiaenses caíram em um grupo difícil de se classificar, enfrentando o tradicional Libertad, do Paraguai, e com o El Nacional, do Equador. A equipe que completava aquela chave era o River Plate, multi campeão argentino e, à época, bicampeão da competição internacional – mais dois títulos seriam conquistados na década seguinte, em 2015 e 2018. Os *Millonarios*, como a equipe de Buenos Aires é conhecida, ainda havia chegado à semifinal da Libertadores no ano anterior, sendo eliminado pelo São Paulo, que viria a conquistar a taça.

Apesar da euforia internacional, os resultados não acompanharam o nível de expectativa da cidade. Nos seis jogos disputados, foram apenas uma vitória, três empates e três derrotas, ficando em último no grupo. Mas os três pontos conquistados em Jundiaí foram, sem dúvida, um dos mais inesperados e inesquecíveis para o Galo da Japi.

Após empatar os dois primeiros jogos, o Paulista foi ao Monumental de Nuñez e sofreu uma goleada dos donos da casa, pelo placar de 4 a 1. O gol da equipe brasileira foi marcado pelo atacante colombiano Muñoz, emprestado pelo Palmeiras ao clube do interior paulista naquele ano.



Publicidade para compra de ingressos da Libertadores. Foto: Lucas Zacari

No jogo de volta, no Jayme Cintra, o resultado acachapante fez com que a expectativa dos torcedores diminuisse: “Poxa, se empatar, já está bom”, Ivan relembra. Mas na noite de 05 de abril de 2006, em quinze minutos, o Paulista mudou a história e já abria 2 a 0 no placar. Aos seis minutos de jogo, o volante Amaral, formado nas divisões de base jundiaiense, acertou um lindo chute da intermediária do campo de ataque, encobrindo o goleiro Germán Lux. Aos 17, o lateral-direito Lucas cruzou na área para o cabeceio do atacante Jailson, fazendo a festa da torcida jundiaiense. Mesmo com o gol feito logo em seguida pelo meio-campo Jairo Patiño, com um chute com curva de fora da área, que enganou Rafael, o Paulista conseguiu se segurar durante o restante da partida e conquistar a vitória contra os argentinos.

“Este jogo do River Plate”, explica Mancini, “foi realmente simbólico porque nos fez parar e entender qual era o tamanho do Paulista naquele momento. Porque o River Plate, em qualquer momento da sua história, se vier jogar aqui no Brasil, esta equipe vai ter dificuldade em vencer, e o Paulista venceu e foi um marco para todos nós”.

A vitória deu esperança para a classificação do clube, que chegou até a última rodada podendo avançar para a fase seguinte, dependendo de uma combinação de resultados. Jogando em casa, contra os equatorianos do El Nacional, o Paulista novamente ficou no empate em 0 a 0, o que não foi suficiente para a classificação.

Arthur, mesmo com três anos à época, acredita que esse jogo contra o River Plate “fez o Paulista consolidar muito mais o seu nome”. Segundo ele, esses foram os momentos mais marcantes da história do clube e representou a crescente que a equipe estava no



O placar no Jayme Cintra que marca a história do clube. Foto: Reprodução/
Facebook Paulista F.C

momento: “Ter vivido esses momentos, especialmente 2005 e 2006, fez o Paulista marcar seu nome, não é um clube que vai sair da memória das pessoas. Quando você comenta do Paulista, muita gente vai lembrar e vai se admirar por conta desses feitos”.

Por um gol

A saga da temporada continuou na disputa da Série B. Diferentemente da temporada anterior, o clube estava fazendo uma boa campanha na competição, disputando as primeiras colocações para subir para a divisão de elite do campeonato nacional. Em 2006, essa foi a primeira edição da segunda divisão inteiramente disputada em pontos corridos. Com 20 clubes disputando, bastava estar entre os quatro colocados dos que mais pontuaram para chegar à Série A.

Será que era só isso?

O Paulista chega à última rodada não dependendo apenas de si para subir. Depois de aplicar um sonoro 9 a 0 contra o Paysandu, no Jayme Cintra, na 37ª rodada – placar esse que, até hoje, é a maior goleada da história da competição – a equipe jundiaiense precisava vencer o Brasiliense fora de casa para ter chance de conquistar a vaga. “Ninguém ganhava do Brasiliense lá na Arena do Jacaré”, lembra Lucas. Para além disso, os torcedores precisavam torcer para outro Galo: o América de Natal (curiosamente, também conhecido em conjunto com a cidade-sede) não poderia pontuar como visitante no duelo contra o Atlético Mineiro, que já havia conquistado o título daquela edição antecipadamente e fazia daquela partida uma comemoração com sua partida.

A missão era muito difícil, mas por alguns poucos minutos, ela esteve completa. Com os jogos acontecendo simultaneamente, o resultado de uma partida acabava influenciando o da outra. Em Taguatinga, no Distrito Federal, o Paulista abre o placar aos oito minutos, com o atacante Jailson. No entanto, com 28 minutos, o Brasiliense já tinha virado e impedia a classificação dos jundiaenses. Até aquele momento, o resultado em Belo Horizonte era favorável, pois o outro Galo fazia 1 a 0 no América. Para o Paulista, somente uma segunda virada interessava.

Na volta do segundo tempo, logo aos 10 minutos, o zagueiro Rodolfo empata a partida na Arena do Jacaré e, seis minutos depois, o atacante Roni abre 2 a 0 no Mineirão. O América de Natal, na saída de bola, diminui o placar, mas a equipe de Jundiaí ainda precisava de um gol para conquistar a quarta vaga do acesso.

Gol esse que veio com Jaílson, aos 32 minutos do segundo tempo. Com a combinação de placares, o Paulista estava subindo para uma inédita primeira divisão do campeonato nacional. A alegria, no entanto, durou pouquíssimo. Mais precisamente três minutos, quando Max tocou na saída do goleiro e empatou o jogo para os potiguares. Paulista e Brasiliense ainda marcaram um gol cada, mas pouco adiantou.

Com o 4 a 3 em Brasília e o 2 a 2 em Belo Horizonte, América de Natal e Paulista de Jundiaí terminaram a competição empatados em 61 pontos. Apesar do melhor ataque do campeonato e de um melhor saldo de gols, o primeiro critério de desempate da Série B era o número de vitória e, nesse caso, a equipe jundiaiense tinha duas a menos que os potiguares – o Galo fez uma campanha com 17 vitórias, 10 empates e 11 derrotas, contra 19 vitórias, 4 empates e 15 derrotas do América.

Isso leva o time do interior de São Paulo ao quinto lugar, amargando a quase classificação. Para Lucas, esse resultado e o não acesso mudaram a história do clube: “Doeu bastante ali, acho que é um ponto de inflexão também. Aquele é o fim de tudo, sabe? Aqui parou de dar tudo certo”.

O que talvez nem o mais pessimista torcedor do Paulista esperava era que a falta de um gol culminaria em um espiral de quedas e de erros, dentro e fora de campo.

**Tabela com jogos citados, ordenados anualmente
(destaque para os gols do Paulista)**

Jogos	Competição	Ano	Estádio	Gols
Etti Jundiaí 0 x 1 São Caetano	Campeonato Paulista Série A2	2000	Jayme Cintra	Túlio Maravilha
São Caetano 0 x 0 Etti Jundiaí	Campeonato Paulista Série A2	2000	Anacleto Campanella	-
Paulista 1 x 3 São Caetano	Campeonato Paulista	2004	Jayme Cintra	Canindé; Euller, Warley (2x)
São Caetano 2 x 0 Paulista	Campeonato Paulista	2004	Anacleto Campanella	Marcinho, Mineiro
Paulista 1 x 0 Juventude	Copa do Brasil	2005	Jayme Cintra	Davi
Juventude 1 x 1 Paulista	Copa do Brasil	2005	Alfredo Jaconi	Zé Carlos; Jéfferson
Paulista 1 x 1 Botafogo	Copa do Brasil	2005	Jayme Cintra	Márcio Mossoró; Alex Alves
Paulista 1 x 2 União Barbarense	Campeonato Paulista	2005	Jayme Cintra	Abraão; Carlinhos, Adriano Iversen
Botafogo 2 x 2 Paulista	Copa do Brasil	2005	Maracanã	Juca, Alex Alves; Léo Aro, Cristian
Internacional 1 x 0 Paulista	Copa do Brasil	2005	Beira-Rio	Jorge Wagner
Paulista 1 x 0 Internacional	Copa do Brasil	2005	Jayme Cintra	Juliano
Figueirense 1 x 0 Paulista	Copa do Brasil	2005	Orlando Scarpelli	Cláudio
Paulista 1 x 0 Figueirense	Copa do Brasil	2005	Jayme Cintra	Lucas
Milan 3 x 3 Liverpool	Champions League	2005	Estádio Olímpico Ataturk (Turquia)	Maldini, Crespo (2x); Gerrard, Šmicer, Xabi Alonso

Paulista 3 x 1 Cruzeiro	Copa do Brasil	2005	Jayme Cintra	Cristian, Márcio Mossoró, Jéfferson; Fred
Cruzeiro 3 x 2 Paulista	Copa do Brasil	2005	Mineirão	Kelly, Fred (2x); Cristian (2x)
Paulista 2 x 0 Fluminense	Copa do Brasil	2005	Jayme Cintra	Márcio Mossoró, Léo Aro
Fluminense 0 x 0 Paulista	Copa do Brasil	2005	São Januário	-
River Plate 4 x 1 Paulista	Copa Libertadores	2006	Monumental de Nuñez (Argentina)	Santana, Montenegro (2x), Abán; Muñoz
Paulista 2 x 1 River Plate	Copa Libertadores	2006	Jayme Cintra	Amaral, Jaílson; Jairo Patiño
Paulista 0 x 0 El Nacional	Copa Libertadores	2006	Jayme Cintra	-
Paulista 9 x 0 Paysandu	Campeonato Brasileiro Série B	2006	Jayme Cintra	Dema, Jaílson (5x), Fábio Vidal, Marcus Vinícius, Victor Santana
Atlético-MG 2 x 2 América-RN	Campeonato Brasileiro Série B	2006	Mineirão	Danilinho, Roni; Paulo Isidoro, Max
Brasiliense 3 x 4 Paulista	Campeonato Brasileiro Série B	2006	Arena do Jacaré	Josiel, Warley, Allan Delon; Jaílson (3x), Rodolfo

Fotos



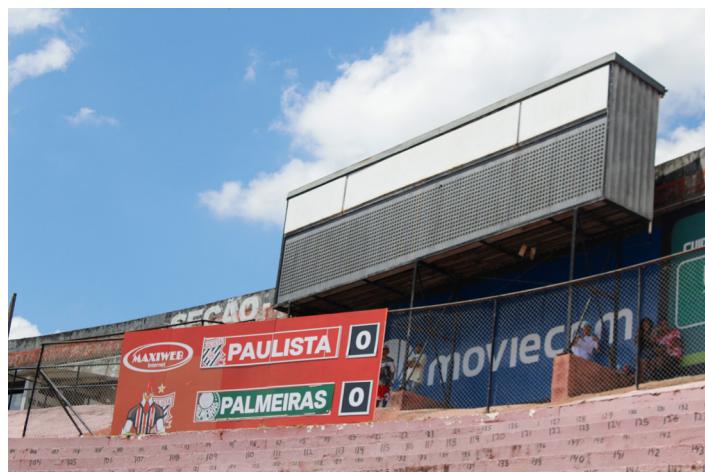
Inscrição no título da Copa do Brasil 2005. Foto: Lucas Zacari



Camiseta do ano de 2003, assinada pelo elenco. Foto: Lucas Zacari



Faixas de campeão da Copa do Brasil e da Série A2. Foto: Lucas Zacari



O placar eletrônico icônico não funciona mais. Foto: Lucas Zacari

As contradições

Dos rebaixamentos ao distanciamento de Jundiaí, do gato à manipulação, da crise financeira à falta de resultados em campo

Como um torcedor fanático que é, Arthur Belvel conhece o passado glorioso e o que é ser torcedor do Paulista. Tamanho é essa identificação com a equipe jundiaiense que duas pessoas diferentes, que não se conhecem, indicaram-no para fazer parte das entrevistas. Devido à pouca idade, as memórias em relação ao futebol não remontam aos títulos nacionais ou à participação na competição continental, mas sim acompanham um espiral de quedas, problemas administrativos, polêmicas no campo e fora deles. “O verdadeiro torcedor nunca teve dúvida de que o Paulista chegaria nesse patamar [de conquistas e participações nos campeonatos]. O que o torcedor não acredita é que o time esteja no patamar que está hoje, é isso que é incongruente com a história do clube”, relata o estudante de engenharia.

Assim como boa parte dos torcedores, ele se define como um bairrista e, por isso, torcedor do Galo da Japi, mas que a influência familiar também foi primordial para fazer parte da torcida. Nascido em 2003 em Jundiaí, seu primeiro jogo em um estádio de futebol foi com seis anos de idade, em uma vitória por 4 a 1 contra o Guaratinguetá, no Jayme Cintra, pelo Campeonato Paulista. Ele conta que foi com seus dois irmãos, um que é apenas um ano mais velho, enquanto outro, à época, com 29 anos. A experiência, segundo ele,

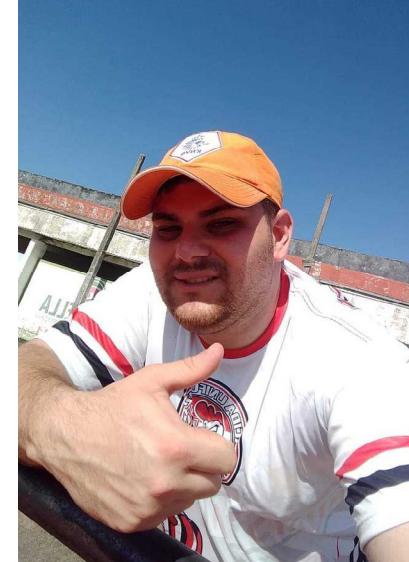


Arthur Belvel nas arquibancadas do Jayme Cintra. Foto: Arquivo Pessoal

foi transformadora: “Desde então, eu me considero torcedor do Paulista”.

Mesmo com 15 anos de diferença, Alex Rossi e Arthur levam consigo uma semelhança: a participação na principal torcida organizada do clube, a Raça Tricolor. Fundada em novembro de 2005, meses após a conquista da Copa do Brasil, a torcida se formou a partir de dissidências entre outras duas organizações, a Gamor – que ainda tem uma participação, mas muito menos do que no período das glórias – e a Torcida Império Tricolor. Se torcer e acompanhar um time de futebol pode ser considerado como uma defesa de seu clã, os torcedores dessas organizações podem ser considerados como a linha de frente do seu batalhão, empurrando os jogadores às vitórias e, como expresso na situação atual do clube, cobrando-os na mesma ou mais intensa toada. Com vestimentas, símbolos e cânticos de guerra próprios, mas que remetem ao Paulista, os torcedores explicam que fazer parte da Raça é uma sensação semelhante a de ter uma segunda família. “Era uma torcida basicamente de jovens, que começou em 2005, e eles iam pra todo canto. O Paulista poderia jogar no Nordeste que os caras iam. Sempre tinha alguém pra levar faixa e bandeira. E era gostoso. Como não era um grupo tão grande de torcedores, a gente conhecia todo mundo e falava a mesma língua”, ressalta Alex.

Curiosamente, o momento de distanciamento do mais velho foi o ponto em que o mais novo passou a interagir e cantar junto com a torcida organizada. Tendo entrado oficialmente em 2023 na organizada – e, segundo ele, sendo o integrante mais recente da torcida –, Arthur conta que, desde 2019, estava presente religiosamente no Jayme Cintra, mas que sempre foi torcedor exclusivo do Galo: “Quando o Paulista começou a ir bem na Bezinha [apelido da quarta divisão estadual] de 2019, eu passei a frequentar os jogos e ir em quase todos, virou obrigação. Em 2019, fui em todos, em 2020, só não fui em um, mas daí parou o campeonato [por conta da pandemia de covid-19]. Em 2021, também fui no que deu, e, esse ano, só não fui em uma partida. Ficava perto da Raça, cantava junto algumas músicas que já conhecia por frequentar o estádio. Mas considero que



Alex Rossi nas arquibancadas do Jayme Cintra. Foto: Arquivo Pessoal

entrei mesmo na torcida depois que começou a Segunda Divisão de 2023”.

Alex ressalta que também era presença constante nas arquibancadas, fora e, principalmente, dentro de casa, porém: “O Paulista está conseguindo acabar com a paciência do torcedor. Desde 2021, quando teve a parada do futebol por causa da pandemia, estou meio afastado. Mas até o último acesso eu ia com frequência, não perdia uma partida em Jundiaí. Ia em alguns fora também, dependendo da distância, mas não perdia um jogo no Jayme Cintra”.

Caravanas também ficaram marcadas na ainda curta participação de Arthur na Raça Tricolor. Ele relatou uma em específico, que aconteceu na partida contra o Ska Brasil, no Estádio Municipal Prefeito Gabriel Marques da Silva, em Santana de Parnaíba, a cerca de 40 km do estádio do Paulista. Apesar da derrota por 1 a 0, que deu início à péssima fase na Segunda Divisão e que acarretou no descenso para a nova divisão, a experiência de acompanhar o time em outras arquibancadas foi significativa para o jovem torcedor. Ele conta que seu tio e alguns primos já estavam dentro do estádio quando o ônibus da organizada chegou, mas que os torcedores foram impedidos de entrar: “Qualquer equipamento, roupa, nada que estivesse escrito Raça Tricolor iria entrar. Só que estava todo mundo trajado ali de como organizada e nisso ficamos um tempo fora do jogo, encontramos umas brechinhais ali para gritar. Depois tomamos a decisão de que quem não estava trajado da cabeça aos pés de Raça Tricolor, tirasse a camisa e entrasse”. Mesmo com a experiência negativa tanto em campo quanto fora dele, até mesmo, segundo Arthur, com a falta de apoio da diretoria, esse momento mudou a percepção do estudante em relação a seu papel como torcedor organizado. “A gente precisa estar lá para apoiar o time, isso é maior do que se mostrar como Raça Tricolor”, resume.

Para além do aspecto de torcer, celebrar e sofrer com o clube, existe um sentimento de pertencimento correlacionado, o de simplesmente se sentir parte de um coletivo, que pode, mesmo que, indiretamente, auxiliar em momentos difíceis do indivíduo. Foi o que aconteceu com o próprio Arthur. Mesmo já em uma fase complicada do Paulista, com problemas financeiros e dentro de campo, a decisão de entrar na torcida organizada, passar horas na sede – que fica localizada em frente ao Jayme Cintra – e acompanhar o clube tanto como mandante como visitante teve impacto significativo na vida do estudante de engenharia mecânica. Desde ir nas caravanas até simplesmente vender faixas e objetos remetentes ao clube e à Raça Tricolor foram essenciais para sua retomada pessoal, apesar do resultado final e da queda para a quinta divisão estadual: “Foi um campeonato que começou quando eu estava numa fase muito ruim da minha vida, não estava muito bem na cabeça, estava bem mal, na verdade. E esse ritmo de jogo toda semana, de frequentar a sede toda semana também, foi mudando minha vida”.

A saída do protagonismo nacional

Apesar da participação na divisão de elite do campeonato estadual, Arthur começou a torcer para o Paulista em um momento em que o time já se encontrava na Série D do Brasileirão, após dois rebaixamentos em sequência. O que parece surpreendente, devido ao acesso à primeira divisão do campeonato nacional em 2006 ter escapado das mãos por detalhes – alguns dos entrevistados pontuaram a derrota por 1 a 0 contra o próprio América de Natal, na 32ª rodada, e a derrota para a Portuguesa por 2 a 0, na 35ª rodada, ambos em casa, como partidas que decretaram o não acesso.

O primeiro movimento que aponta para a queda acontece logo após o Campeonato Paulista de 2007. Mesmo com uma boa campanha na primeira fase do torneio, alcançando a 6ª colocação e à frente de equipes como o Corinthians e a rival Ponte Preta, o clube jundiaiense não conseguiu se classificar para as semifinais do torneio. Naquele ano, porém, para premiar as quatro melhores equipes de fora da capital que não se classificaram para as fases finais do campeonato,

a FPF (Federação Paulista de Futebol) criou o Torneio do Interior. Também com disputa em semifinais e final, o Galo da Japi enfrentou o Guaratinguetá, enquanto, do outro lado da chave, Noroeste e Ponte Preta se enfrentaram.

Se o confronto final poderia ser o clássico local, movendo as cidades quase vizinhas para a disputa, faltou combinar com os adversários. Na outra semifinal, o Noroeste venceu em Campinas e empatou em Bauru. Do outro lado, a equipe jundiaiense tinha o favoritismo por ter a melhor campanha entre os disputantes e por enfrentar um time que terminou em décimo na primeira fase. No Estádio Municipal Professor Dario Rodrigues Leite, o Guaratinguetá aproveitou o mando de campo e venceu por 1 a 0. No Jayme Cintra, o Paulista bem que tentou reverter a situação, marcando com o atacante Marcos Denner ainda no primeiro tempo. No entanto, os visitantes viraram o placar e se classificaram para a final, que levaria ao primeiro e único título da curta história do Guaratinguetá¹, fundado em 1998. Lucas conta que, pela boa campanha na fase de grupos, a derrota foi uma ducha de água fria nos torcedores: “É um climão no estádio porque tinha pouca gente. O torneio não tinha apelo nenhum, se não tem hoje, tinha menos ainda quinze anos atrás. E aí eu lembro que o clima era muito hostil, tinham alguns atletas que a gente apontava o dedo como culpados”.

A derrota e a desclassificação culminaram na saída de Vagner Mancini do comando técnico da equipe, após 156 jogos na função. Na opinião de Lucas, depois de tantos bons momentos e de comemorações – o treinador destaca, por exemplo, que o Paulista não perdeu nenhum jogo em casa para as equipes consideradas grandes –, existia um desgaste do treinador com o time e a torcida. Mancini, no entanto, explica que uma atitude dos novos financiadores do clube, que entraram naquela temporada, o fez optar pela demissão: “O Banco Fator, através do Campus Pelé, entra no Paulista com uma maneira de se tocar o clube de forma profissional. E eu fiz várias reuniões com o CEO do Banco Fator para um aumento de salário, só

1. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/vale-do-paraiaba-regiao/futebol/times/guaratingueta/noticia/neste-dia-ha-13-anos-guaratingueta-vence-noroeste-fora-de-casa-e-e-campeao-paulista-do-interior.ghml>. Acesso em 06 out. 2023

queria um aumento simbólico fruto de tudo isso que nós havíamos vivido. E o banco não queria me dar aumento, me lembro que por uma quantia de 5 mil reais, porque ele achava que o meu salário já era alto para os padrões que ele, Banco Fator, queria implantar dentro do clube. E fui muito sincero com eles, falei ‘esperei esse tempo inteiro para ter um aumento, aí de repente vocês entraram no clube, não posso de maneira alguma abrir mão do meu aumento. Se vocês não me derem esse aumento simbólico, eu vou embora’. Eles pediram dois dias e me disseram para sair”. Mesmo com a vontade de se manter na cidade, o treinador aceitou o convite do Al-Nassr, da Arábia Saudita – bem antes do enorme aporte financeiro estatal pelo qual o campeonato local passa atualmente – para continuar se desenvolvendo na função. “Sabia que um dia eu ia ter que sair do Paulista, mas não queria naquele momento. A minha família nessa época morava em Jundiaí, meus filhos estudavam, a gente estava muito integrado”, ressalta.

Em seu lugar, é contratado Marcelo Veiga, treinador extremamente ligado com a história do Bragantino pré-Red Bull. O treinador e a equipe jundiaiense, contudo, sofreram com uma máxima pontuada por Pep Guardiola, um dos maiores técnicos da história do futebol. Em sua biografia *Guardiola Confidencial*, o espanhol afirma que “O título se ganha nas últimas oito rodadas e se perde nas oito primeiras”. E o recorte inicial da Série B de 2007 demonstrou que a jornada seria dificílima, com apenas duas vitórias nos oito jogos. Para completar o cenário, Veiga aceitou uma proposta de treinar o América de Natal, justamente quem disputou ponto a ponto a vaga para a divisão de elite nacional no ano anterior. Em 14 de dezembro de 2020, o treinador faleceu em decorrência da covid-19, após ficar 30 dias internado².

Essa indefinição no comando técnico fez com que o time jundiaiense demorasse a se ajustar, acarretando na queda para a terceira divisão nacional. “É difícil apontar um fator. Se você pegar o time no papel, não era ruim. Tiveram jogos que foram muito bons, o Paulista ganhou

2. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/tecnico-marcelo-veiga-idolo-do-bragantino-morre-aos-56-anos-por-covid-19/>. Acesso em 20 out. 2023

de 7 a 0 do Barueri aqui em Jundiaí, 3 a 0 do Vitória. Mas no meio do campeonato você já via que o time não ia pra frente. Então acho que, nesse campeonato específico, faltou um pouco dessa visão de gestão do futebol”, tenta explicar Ivan. Naquela temporada, a equipe jundiaiense foi comandada por quatro diferentes treinadores: além de Mancini e Veiga, Waldemar Lemos e Marcus Vinícius assumiram o comando do time.

Nos anos seguintes, parecia que o Paulista estava em um escorregador para fora do calendário nacional. Em dois anos, o Galo foi da Série C para a D, e da D para a falta de divisões nacionais. Para Lucas, ainda tinha um aspecto até místico nesse período: “É uma sucessão de estar no lugar errado, na hora errada, que acontece a partir de 2007”. Na primeira fase da terceira divisão, o último jogo – e que culminou na desclassificação e consequente descenso – foi um empate contra o Duque de Caxias, do Rio de Janeiro, que subiu de divisão. Na estreante quarta divisão, situação semelhante, mas na segunda fase: enfrenta o também carioca Macaé, que conquistou o acesso.

“E agora?”, Lucas relembrou a indagação.

Tentativa de salvação estadual

“Eu não colocaria esse momento da Série D como a derrocada do Paulista”, afirma Arthur. Apesar da saída do calendário nacional, o Galo ainda se mantinha na divisão de elite do campeonato estadual, costumeiramente de maior qualidade e com premiações mais altas que os torneios de outros estados e até mesmo das divisões menores estaduais. Para efeito de comparação, enquanto o Palmeiras arrecadou R\$ 9 milhões pelo título do Paulistão 2023³, a premiação do Ferroviário (CE), campeão da Série D, foi de R\$ 800 mil⁴.

Tanto não foi que, ainda em 2009, o clube jundiaiense retornou à Copa Paulista, o segundo torneio de São Paulo e que já havia

3. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/palmeiras/noticia/2023/03/20/palmeiras-ja-faturou-r-10-milhoes-com-premiação-em-2023-veja-quanto-vale-o-título-paulista.ghtml>. Acesso em 07 out. 2023

4. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/jogada/campeao-da-serie-d-ferroviario-garantiu-quase-r-5-milhoes-em-premiacoes-na-temporada-1.3416998>. Acesso em 07 out. 2023

conquistado em 1999, e já chegou à final. Normalmente disputado no segundo semestre, o campeonato é uma forma de completar o calendário das equipes que ou não participam ou que saíram precocemente das divisões nacionais, como foi o caso do Paulista. O retorno não foi coroado após uma apresentação de gala do Votoraty, que aplicou 5 a 1 em Votorantim, na segunda partida da final. Lucas explica que “foi um dos dias tristes da minha vida também. São 100 quilômetros voltando de Votorantim [para Jundiaí], mas pareciam 5 mil quilômetros, a viagem não acabava”. A equipe campeã era treinada por Fernando Diniz, primeiro trabalho do atual técnico campeão da Libertadores pelo Fluminense e que viria a comandar o time de Jundiaí no ano seguinte.

Nos dois anos seguintes, a esperança de tempos melhores para os lados do Jayme Cintra parecia ter retornado, com a conquista das duas Copa Paulista disputadas no período. Treinados por Diniz, dois empates por 1 a 1 contra o Red Bull Brasil garantiram o título de 2010 ao Paulista por ter uma melhor campanha na fase inicial. O bicampeonato veio em 2011 após vencer o Comercial, de Ribeirão Preto, com um placar agregado de 3 a 2. Arthur explica a relevância das conquistas: “É o único time que foi campeão dois anos seguidos e é o maior campeão do torneio, com três títulos. Nós somos o maior campeão do segundo campeonato estadual de maior relevância de São Paulo. Por isso que eu não colocaria aí o momento da derrocada. Para mim, o problema se dá ali a partir da gestão em 2014, quando vamos para a A2”.

Os entrevistados entendem que, depois de dois anos sem maiores destaque no cenário estadual e a não participação nacional – com



Campeões da Copa Paulista de 2010, com Fernando Diniz. Foto: Lucas Zacari

exceção das participações discretas na Copa do Brasil obtidas pelas conquistas da Copa Paulista –, a falta de competitividade prejudicou a gestão técnica. Tanto Alex quanto Lucas criticam veementemente o então gerente de futebol José Macena pelas escolhas dos jogadores para a disputa do Paulistão. Ivan explica o cenário encontrado naquele momento: “Em quinze jogos, o Paulista teve três treinadores e quarenta e cinco jogadores. A cada cinco jogos era um time”.

O diretor de Patrimônio destaca ainda que a demissão de Giba após cinco partidas – dois empates e três derrotas, sendo uma delas para o Corinthians – foi um dos fatores preponderantes para o resultado final. “O Giba era um ídolo também da torcida. Apesar do time não estar correspondendo, acho que com ele brigaria pelo menos pra não cair. Nesse campeonato, para falar a verdade, ele nem brigou pra não cair, já entrou rebaixado”, explica. O Paulista foi o primeiro e o último clube em que o treinador exerceu sua função, falecendo em junho daquele ano por amiloidose, uma doença rara que afeta os rins⁵. No clube, conquistou a Copa São Paulo de Futebol Júnior de 1997, e os títulos do Paulistão A2 e da Série C de 2001. O Cobrinha conta um caso envolvendo o ex-treinador, ressaltando um pouco da identificação com a torcida e os envolvidos no clube: “O Giba foi que nem um filho para mim. A turma falava que ele era chato. Ele não era chato, tinha um perfil diferente, não ficava dando risada. Ele foi o único cara que quando eu fiz aniversário, me chamou de lado e me perguntou ‘Cobrinha, você tá fazendo aniversário?’. Ele saiu do carro e me deu um beijo e esse relógio, custou quatrocentos reais era caro pra dar com pau”.

Todo esse cenário culminou no recorde negativo obtido pela equipe jundiaiense: a pior campanha da história da Série A1 do Campeonato Paulista, não conquistando nenhuma vitória. Com 11 derrotas e 4 empates, somente Marília, em 2015, e São Caetano, em 2021 – com três jogos a menos –, conseguiram piorar o feito. Lucas conta que a situação foi tão extrema que, nas últimas três rodadas,

5. Disponível em https://www.espn.com.br/noticia/420666_campeao-com-o-corinthians-em-90-e-ex-tecnico-giba-morre-aos-52-a. Acesso em 08 out. 2023

com o Paulista já rebaixado, “a gente desmonta o time para jogar com um time de moleques, do amador, do Sub-20. E a gente ainda consegue dois empates”. Ele ainda completa: “E ainda não era o fundo do poço. Isso é o pior, a gente vai descobrindo que ainda não era o fundo do poço”.

As falhas financeiras

É praticamente unânime um dos motivos que fizeram com que o Galo da Japi se colocasse nessa situação: os problemas envolvendo o dinheiro em caixa do clube. Depois do desligamento da Parmalat, no início de 2002, e o nome da equipe voltando a ser Paulista, a empresa italiana ainda se comprometeu a continuar pagando os salários e as despesas do clube. No entanto, Adilson explica que faltou muito a ser pago do compromisso inicial: “Era R\$ 400 mil todo mês que o clube recebia, durante um ano, esse era o valor mensal que a Parmalat teria que pagar para. No contrato de 30 anos, ela teria que cumprir mais 25 pagamentos, mas ela só pagou um ano. E com esse um ano de pagamento de contrato, de R\$ 400 mil por mês, dá R\$ 4 milhões no ano, a diretoria encabeçada pelo Eduardo Santos Palhares conseguiu manter o clube vivo na primeira divisão do Campeonato Paulista”.

Isso ajudou o Paulista a conseguir desenvolver sua equipe e manter a estrutura deixada pela empresa, o que auxiliou nos resultados esportivos de meados da década de 2000. “Reza a lenda”, apresenta Lucas, “mas nunca se apresenta documentos, de que quando a Parmalat sai, não só não tem dívida como tem dinheiro em caixa. São especulações, mas essa é uma tese de que a gente aproveita esse dinheiro durante os anos seguintes, 2003, 2004, 2005, 2006, até que o caixa acaba”. O atual segundo vice-presidente do clube continua: “De repente, de um time que tinha zero dívidas, a gente começa a ouvir falar em 25 a 30 milhões de dívidas na época em que a gente cai da Série A1 pra série A2, em 2014”. Segundo Alex, nem mesmo a venda de jogadores importantes do futebol brasileiro surgidos nas divisões de base do clube tiveram retorno.

Nesse meio tempo, a tentativa por uma parceria para manter financeiramente o Paulista, modelo funcional para o clube na virada

do século, acabou não se sustentando. “Quando a Parmalat saiu, ela deixou o clube com uma estrutura de time de Série A, sem tirar nem pôr. Era só manter aquela administração, aquele cuidado em cima do Galo que o time com certeza teria subido para a primeira divisão do Brasileirão. Mas o problema é que o pessoal viu que dava dinheiro e muita gente colocou o nome pela grana, colocou um patrocínio ou entrou na diretoria sabendo que ia tirar muito dinheiro”, reforça Arthur.

A primeira das parcerias foi o Campus Pelé, citado por Mancini como uma mudança que dificultou sua manutenção no clube. A iniciativa, que levava o nome e a participação do Rei do Futebol, seria para desenvolver novos talentos tanto no aspecto tático quanto técnico da modalidade, quase como uma universidade do futebol, preparando-os também para jogar fora do país. O projeto em questão, financiado pela instituição de investimentos Banco Fator, envolvia o Paulista, o Litoral Futebol Clube, de Santos, e o Lausanne Sport, da Suíça. Para Jundiaí, estava prometido um novo centro de treinamentos, com seis campos, e investimentos de alto valor na divisões de base, na casa dos R\$ 50 milhões⁶, os quais seriam revertidos para os investidores com a venda dos atletas. Os jogadores que se destacassem, por sua vez, fariam uma espécie de intercâmbio com o Lausanne, para se adaptar à realidade europeia. Três anos depois, contudo, o projeto foi encerrado sem maiores explicações e informações sobre rombos financeiros, anunciado primeiramente pela equipe suíça e, logo em seguida, confirmado pelos jundiaienses⁷. “Iam construir um CT, iam investir na base, mas esse valor nunca chegou. E eles ficaram ainda com o direito de alguns jogadores. O CT também nunca saiu e o Paulista começou a se perder aí”, pontua Alex. Mesmo com a saída conturbada, Mancini ressalta que o projeto era uma ideia interessante, pela característica de formação de atletas dos jundiaienses, mas que acabou afetando o futuro do clube: “O Campus Pelé veio com uma ideia interessante, um pouco diferente da época da Parmalat, porque

6. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2019/11/campeao-da-copa-do-brasil-tenta-renascer-apos-anos-desastrosos.shtml>. Acesso em 10 out. 2023

7. Disponível em http://www.espn.com.br/noticia/113586_clube-suico-sai-de-cena-e-projeto-de-pele-fracassa. Acesso em 09 out. 2023

estava inserido também na parte de formação de jogadores, num centro de treinamento também com cunho social. Então ali a gente achava que realmente sairia algum bom projeto, mas o Campus Pelé ficou pouco tempo. E quando você não tem dinheiro para tocar o futebol, você sofre, porque o futebol é muito caro. As coisas acontecem muito rapidamente e você tem que ter bala na agulha pra tomar a frente muitas vezes e sair na frente de outros clubes”.

E para piorar a situação encontrada, além de ficar com o direito da maioria dos jogadores formados na base do clube, a instituição de investimentos ainda entrou com um processo contra o clube, pedindo a penhora do Estádio Jayme Cintra, juntamente com uma série de outras dívidas trabalhistas a que o clube foi submetido no início dos anos 2010⁸. A manutenção na Série A1 do Paulistão, principal renda da equipe, era essencial para o pagamento desses valores. “Acho que o pior de tudo mesmo foi quando caiu da A1 para A2, aí acabou de vez. Sem o dinheiro da A1, começou essa queda aí que a gente está e não sabe onde vai parar”, afirma Ivan. Em 2019, estimava-se que o Paulista estava com R\$ 30 milhões de dívidas, principalmente na esfera trabalhista, com mais de 100 processos em curso⁹. Hoje, de acordo com os entrevistados, esse valor em débito varia entre R\$ 40 milhões e R\$ 60 milhões.

A sucessão de problemas financeiros, em conjunto com outras tentativas de parcerias sem muito sucesso, foram um dos principais pontos que levou o clube até o então ponto final das divisões estaduais, quando, em 2017, caiu para a quarta divisão estadual. Houve uma tentativa de reestruturação do clube, com uma nova parceria: em 2019, as empresas Kah Sports e Fut Talentos passaram a gerir, respectivamente, a gestão do futebol profissional e da base do clube. Dessa forma, existe o entendimento por parte dos torcedores de que o time que entrou em campo não era propriamente do Paulista, e sim da parceira: “Essa empresa [Kah Sports] terceirizou o futebol,

trouxe o time, trouxe o técnico Edson Fio, e essa estrutura que subiu o time”, explica Adilson.

Apesar da terceirização, o movimento funcionou, com a equipe jundiaiense fazendo a melhor campanha da quarta divisão estadual na primeira fase e conquistando o acesso. Na final, a conquista do título veio com dois empates contra o Marília, sendo a segunda partida um eletrizante 3 a 3, com o último gol dos jundiaienses saindo aos 43 minutos do segundo tempo, a partir de uma cabeçada do zagueiro João Paulo. Os cerca de oito mil torcedores presentes no Jayme Cintra puderam soltar o grito da garganta que estava entalado em meio a tristezas de quase uma década. “Com a vitória em 2019, que é o famoso título que a gente nunca quis ter, mas já que estava lá, era melhor ter, aquele momento de ser campeão fez o Paulista colocar muita gente lá dentro do Jayme Cintra. Foi um ponto em que voltou um pouco da fé das pessoas no clube”, relata Arthur. Lucas ressalta que aquele elenco deu sorte por ter bons valores, que posteriormente se provaram em competições de maior relevância: “Montaram um time muito bom, muito acima da divisão. Tanto que o Joaquim, zagueiro, está jogando a série A no Santos, já jogou pelo Cuiabá em 2022. Teve o João Paulo que jogou a Série B, foi daqui direto para o Fortaleza, depois foi emprestado pro Náutico. Tem uma galerinha que se destacou e joga no interior de São Paulo hoje, em um nível Série A1 e A2”.

Só que havia um desnível muito grande entre o time montado e a realidade do clube, algo escancarado no ano seguinte. “Não estava preparado pra subir, a verdade é essa. A verdade é que era um time que deu certo dentro de campo, mas fora de campo ainda tinha deficiências”, ressalta Ivan. Começando pela própria parceria com a Kah Sports, que foi desfeita no início de 2020 após um início de Série A3 com quatro derrotas nos primeiros cinco jogos, culminando também no desligamento do técnico campeão anteriormente¹⁰. Além da multa rescisória por interromper o contrato, Adilson conta que o clube ficou com um alto valor de dividendos: “Depois a diretoria

8. Disponível em <https://www.conjur.com.br/2013-jan-22/justica-penhora-estadio-paulista-quitar-divididas-trabalhistas>. Acesso em 15 out. 2023

9. Disponível em https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/5373974/com-divida-de-quase-r-30-milhoes-clube-paulista-ve-parceria-com-red-bull-como-salvacao. Acesso em 10 out. 2023

10. Disponível em <https://ge.globo.com/sp/tem-esporte/futebol/times/paulista/noticia/na-lanter>

soube que eles deixaram uma dívida de R\$ 400 mil para o Paulista pagar, e aí eles foram embora”.

Só que pela gestão da equipe ser conduzida pela empresa, ela retirou os seus toda a montagem estrutural que havia entregue ao Paulista naquele tempo. “O time ficou na Série A3, sem time, porque os caras saíram e levaram os jogadores deles, sem estrutura, sem nada. E aí, pra ajudar, ainda veio a pandemia, e aí voltou para a Segunda Divisão, e desde que voltou, não chegou nem perto de subir de novo”, resume Alex. Mais do que não voltar de novo, cavou ainda mais o buraco em que estava.

O gato que fez o Paulista subir no telhado

Fazendo uma pausa na cronologia, um dos pontos de maior euforia da torcida do Galo da Japi nos últimos anos aconteceu durante a Copa São Paulo de Futebol Júnior de 2017. Mas diferente dos acontecimentos na década, a tragédia não estava anunciada, mas como em bons filmes – ou maus, na visão dos torcedores do Paulista –, a virada no roteiro foi impactante e alterou aquela que estava sendo uma história de cinema.

A já tradicional competição, que está em sua 53^a edição e religiosamente acontece em janeiro, com a final no dia 25, data do aniversário da cidade de São Paulo, reúne mais de uma centena de times do Sub-20 das mais diversas localidades do país ao longo da capital e do interior de São Paulo. Na edição em questão, jogadores de 120 equipes disputavam em 27 estádios a chance de, mais do que conquistar o título, mostrar seu futebol e potencial em rede nacional para tentar a sorte no futebol profissional. A competição é considerada por muitos a principal competição juvenil do Brasil, tendo em vista a exposição na televisão e a movimentação local para acompanhar as equipes.

O estádio Jayme Cintra era uma das principais sedes da competição, tendo em vista a tradição do clube em revelar grandes jogadores. Além disso, no ano de 2017, completava-se 20 anos do título do Galo da Japi da Copinha, nome carinhoso dado ao torneio, após o Lousano Paulista – nome utilizado pelo clube entre 1995 e 1998

durante a parceria com a empresa de condutores elétricos – vencer o Corinthians nos pênaltis. Além disso, a própria equipe era muito qualificada, então havia um clima de euforia rondando a cidade de Jundiaí. Gianluca, por exemplo, relata que a competição de 2017 foi a mais significativa para ele: “Porque quando teve a Copa do Brasil eu era muito novo. Então para mim a Copinha foi sensacional. Tinha gente velha, mas era muito mais gente nova, e é muito legal você ver a juventude de novo no estádio. E geralmente, quando tem jogo de time do interior, sempre tem pessoas com camisa de clube do estado de São Paulo. Na Copinha era só a camisa do Paulista, pessoal louco, criançada no alambrado”. Para o publicitário, essa manifestação efusiva em campeonatos de menor expressão representa a relação de Jundiaí com o clube. “A Copa do Brasil é gigante por si só, é um campeonato que todo mundo quer estar lá. Mas você vê a tradição de todo mundo ali junto, num campeonato menor, mas está lá para apoiar, acho que para mim supera qualquer coisa”, pontua.

A participação no torneio, por sua vez, era algo invejável e empolgante na torcida. Na primeira fase, três vitórias por 1 a 0, em cima de Red Bull Brasil (SP), Joinville (SC) e Vitória da Conquista (BA) garantiram o primeiro lugar do grupo 11 da competição. Nas duas fases seguintes, novamente duas vitórias pelo placar mínimo, contra Atlético Goianiense e, novamente, o Red Bull Brasil – na Copa São Paulo, o chaveamento possibilita o cruzamento entre times do mesmo grupo antes das oitavas de final. Na sequência, vitória contra o São Carlos (SP), por 2 a 1, e contra a Chapecoense, também por 1 a 0, levaram a equipe do Paulista para as semifinais contra o Batatais, também do interior. Essa sequência de resultados, com uma defesa sólida e o ataque efetivo, encheu os torcedores de confiança: “Sabe aqueles filmes de superação, que ninguém acredita na equipe, mas começam a se destacar, as pessoas começam a torcer? Para mim era isso, a gente estava acostumado a ser coadjuvante e virou o ator principal”, ressalta Gianluca. Ele continua explicando que o foco, no começo, era apenas saber quem poderia ir para o profissional: “Acho que ninguém botava tanta fé, só que começou a passar por

todo mundo e percebemos que tínhamos um time estrelado. Não tinha mídia, não tinha nada e foi ganhando na raça”.

Para a semifinal, tamanho o interesse no público, a organização do evento teve de mudar o esquema de entrega de ingressos. Ivan contou que, normalmente, em jogos da Copinha, os ingressos são distribuídos de graça pouco antes do jogo, ou então por um valor simbólico. “Nesse dia, eu lembro que tive que vir buscar o ingresso no Jayme Cintra às seis da manhã, e já tinha uma boa fila”, relata. A partida, que iria começar somente às 10 horas da manhã do dia 22 de janeiro, contou com um público de cerca de 10 mil pessoas, lotando as arquibancadas do estádio. Em campo, um espetáculo do Galo. Os gols deslancharam e, ao final da partida, um sonoro 5 a 1, com dois gols do atacante Molter, um do zagueiro Maurílio, um do meio-campista Brayan e outro do também atacante Matheus

Sylvestre. “Quando ganha do Batatais, a gente sai do estádio com a certeza de que seríamos campeões. Sabia que o Corinthians ali era o maior vencedor da Copinha, mas tinha certeza de que seria campeão. Tanto que acabou o jogo contra o Batatais e já tinha gente falando sobre fazer caravana para ver o jogo no Pacaembu [onde tradicionalmente a final da competição era disputada], e eu ia também”, conta Gianluca.

Estavam prontos para reeditar a final de 20 anos antes e, pela qualidade da equipe, tinha tudo para repetir também o resultado final de campeão.

Em menos de 24 horas, contudo, a euforia deu lugar à apreensão e à incredulidade. Valeska Barboza, que à época era estagiária no Jornal da Cidade, conta que o burburinho de um boato envolvendo falsidade ideológica começou a tomar conta da redação. “Chegava ligação de um, de outro. A gente mesmo se perguntava, ‘nossa, que menino grande’”, conta.



A comemoração do último gol contra o Batatais. Foto: Reprodução/Youtube

O menino em questão estava relacionado na súmula da partida como o camisa 14 da equipe jundiaiense: Brendon Matheus Lima dos Santos. Zagueiro titular em todas as partidas da competição, Gianluca lembra que comparavam-no com o defensor colombiano Yerry Mina, que defendia o Palmeiras naquele ano, tanto pela fisionomia quanto pela característica de jogo. “O moleque parecia muito, e foi mais engraçado que no último jogo ainda o moleque jogou para caramba e eu falei ‘nossa, impossível ele ser menor de idade’”, brinca o publicitário, em uma espécie de riso e lamentação. O jogador, inclusive, fez o gol que classificou o Paulista para as oitavas-de-final, na segunda partida contra o Red Bull Brasil. Alex, que foi em todos os jogos no Jayme Cintra naquela competição, conta que o jogador era querido pela torcida: “Não o conheço, nunca conversei com ele, mas o pouco que a gente viu da interação que ele tinha com o torcedor era um cara carismático, um dos líderes do elenco”.

Na noite da partida, a diretoria do Batatais apresentou uma denúncia ao TJD-SP (Tribunal de Justiça Desportiva de São Paulo) de que o jogador estaria utilizando documentos falsos para poder jogar a competição¹¹. Na verdade, ele se chamaria Heliton Matheus Cardoso, e teria nascido em 1994, ou seja, com 22 anos, acima da idade limite da competição e a apresentada pelo atleta. Na verdade, Brendon Matheus Lima dos Santos estava preso no Rio de Janeiro por assalto com arma de fogo, além de responder por tráfico de drogas¹². Cobrinha chegou a contar ao *ge*, no período das investigações, que o próprio jogador pedia para chamá-lo de Matheus, presente em ambos os nomes¹³.

Gianluca conta que, no começo do boato, havia uma espécie de indignação dos torcedores jundiaenses com os denunciantes, como se não soubessem perder. Na manhã seguinte, os jogadores

11. Disponível em <https://sportv.globo.com/site/programas/sportv-news/noticia/2017/01/batatais-denuncia-paulista-por-escalacao-irregular-na-copa-sao-paulo.html>. Acesso em 12 out. 2023

12. Disponível em <https://ge.globo.com/futebol/Copa-SP-de-futebol-junior/noticia/2017/01/documentos-de-atleta-do-paulista-na-copinha-seriam-de-acusado-de-roubo.html>. Acesso em 14 out. 2023

13. Disponível em <https://ge.globo.com/sp/sorocaba/futebol/noticia/2017/01/reporter-diz-que-brendon-pediu-para-ser-chamado-apenas-de-matheus.html>. Acesso em 12 out. 2023

do Paulista deveriam treinar no Jayme Cintra para se preparar para a grande final, mas Helton não apareceu, o que corroborou para a tese e fez com que a Federação Paulista expulsasse a equipe jundiaiense da Copinha, de acordo com o artigo 25 do regulamento da competição. A revolta tomou conta da torcida, conta Valeska: “A gente não sabia se brigava com a administração, com o empresário, com o jogador que fez isso, porque ele sabia a idade que tinha. Todo mundo começa a brigar entre si, xinga o Paulista e xinga a administração, xinga o empresário, xinga o menino. Teve mais esse capítulo que parece que o roteirista da vida fez a gente se sentir humilhado. Essa é a palavra. Humilhado, patético”. Para Alex, a punição dada pela federação foi injusta, tendo em vista que, na visão dele, o clube foi duplamente punido. Junto a isso: “A diretoria mais uma vez foi amadora, mais uma vez teve culpa de não ter detalhes, de não ter se certificado, de não ter contratado um advogado decente, porque a hora que deu a punição, o clube simplesmente acatou e ficou por isso”, considera o operador de produção.

Ele ainda ressalta que, no seu entendimento, não ter conferido os documentos do jogador é a manifestação do amadorismo do clube na época: “Trouxeram ele lá do Nacional [de São Paulo], disseram que o cara jogava com outro RG desde o Rio de Janeiro, só que o cara passou em três lugares e nunca acharam. Você pega uma documentação de alguém que passou em 3 clubes diferentes e ninguém percebeu. Precisou vir o pessoal do Batatais e dedurar o rapaz”. Helton teria jogado a Copinha em 2014, pelo São Gonçalo, utilizando seu nome e idades reais, e teria passado pelo Santa Cruz do Rio Grande do Norte antes de ir para a equipe da capital de São Paulo. Depois de ser suspenso por quase um ano, o jogador rodou por equipes do futebol paulista, carioca e gaúcho. No momento de escrita desse livro, ele defende o Naft Al-Basra, do Iraque.

Para além da eliminação do torneio, o jogador não prejudicou somente os torcedores e o time do Paulista, mas também os próprios colegas de time. De acordo com o atual segundo vice-presidente Lucas Rodrigues, dos integrantes do elenco, somente o técnico Umberto Louzer teve algum sucesso: “Foi campeão da série B com

a Chapecoense, já subiu com o Guarani. A maioria daqueles atletas pararam de jogar, mas aquele time era bom, tinha bons valores”. Normalmente, equipes de destaque na competição conseguem vender e emplacar alguns jogadores em times de maior escalão, rendendo tanto prestígio como retorno financeiro para o clube. Dos relacionados para aquela partida, o volante Vinicius Balieiro foi um dos poucos com maior destaque na carreira, transferindo-se para o Santos pouco tempo depois da competição. Em agosto de 2023, o jogador foi emprestado para o Ituano, para a disputa da Série B do Brasileirão.

“Sabe quando você é corno? Você sabe que você vai ser corno, perdoa a pessoa e, quando volta, volta pior? É essa a sensação que a gente teve, a gente ficou pensando ‘de novo, Paulista?’”, Valeska relata a indignação do momento com o clube. Na final, agora com o Batatais como o representante deste lado da chave, o Corinthians venceu por 2 a 1 e conquistou a décima taça da competição. Para os torcedores, no entanto, o segundo título do clube jundiaiense era certo. “Foi muito frustrante ver o que uma pessoa conseguiu fazer para uma cidade inteira. Então foi difícil, um clima de luto total. Com certeza íamos ganhar, então quando aconteceu a final, a gente ficou frustrado. Foi uma tristeza coletiva”, relata Gianluca Costa. A ilusão do título foi ainda mais impulsionada no encontro seguinte com o Corinthians, segundo Alex Rossi: “Dois meses depois, o mesmo time que foi eliminado da Copinha ganhou do Corinthians no Paulistão Sub-20. Então a gente tinha certeza que dava!”.

Foi pênalti?

No início de 2023, a *Operação Penalidade Máxima* foi deflagrada pelo MP-GO (Ministério Pùblico de Goiás) envolvendo manipulação de resultados nas duas primeiras divisões nacionais e escandalizou o futebol brasileiro¹⁴. Atletas de times das séries A e B foram denunciados por aceitar realizar ações dentro de uma partida em troca de pagamentos por parte de apostadores. As punições para os

14. Disponível em <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2023/05/11/penalidade-maxima-entenda-investigacao-sobre-esquema-de-apostas.ghtml>. Acesso em 12 out. 2023

jogadores denunciados variaram de suspensões de até 720 dias da prática esportiva e multas de R\$ 30 a R\$ 70 mil.

A modalidade analisada nos casos, chamada de *spot-fixing* (fixação de pontos, em tradução literal), envolve a realização de ações que não são diretamente influenciadoras do resultado final das partidas. Movimentos como pênaltis, cartões amarelos e vermelhos e quantidades de escanteios, tem probabilidades mais altas de acontecerem e, com isso, oferecem premiações melhores aos apostadores. Além disso, por serem eventos específicos de uma partida, é mais difícil de ser detectado pelas autoridades.

Apesar da incredulidade que esse processo levou à mídia e aos torcedores, a manipulação de resultados é uma ação que está fortemente presente no futebol brasileiro. Um relatório da *Sportradar* – empresa líder global em monitoramento e tecnologia esportiva, parceira, por exemplo, da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) – acessado com exclusividade pelo portal ge¹⁵ mostrou que o Brasil foi o país com maior número de jogos com suspeita de manipulação de resultados em 2022. Só no futebol, foram 139 partidas suspeitas. No mundo, foram 775 partidas sob análise, sendo que mais da metade delas (52%) ocorreram da terceira divisão nacional para baixo.

Felipe Marchetti, doutor em Ciência do Movimento Humano pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), é responsável por um dos poucos estudos sul americanos envolvendo o processo manipulatório no futebol. A sua tese de doutorado *Tipos, potenciais alvos e condições de suscetibilidade para a manipulação de resultados no futebol brasileiro*, defendida em 2019 em Porto Alegre, apresenta oito motivos que colocam o Brasil como um dos principais alvos dessa atuação: má remuneração e/ou atrasos salariais; partidas não monitoradas; má governança nas entidades esportivas; dificuldade para investigar e aplicar punições; falta de confiança nos mecanismos de denúncia; falta de regulação do mercado de apostas esportivas; falta de compreensão sobre o tema; e contratos de curta duração.

15. Disponível em <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2023/03/22/brasil-e-o-pais-com-mais-jogos-suspeitos-de-manipulacao-no-mundo-em-2022.ghtml>. Acesso em 12 out. 2023

Essa introdução é necessária para apresentar como o Paulista também se viu denunciado em um esquema de manipulação de resultados, logo após a subida da quarta divisão estadual. “Até sermos rebaixados para a quinta divisão, pra mim, essa era a maior vergonha da história”, opina Arthur.

Em meio à crise sanitária e ao caos social desencadeado pela pandemia de covid-19, sobretudo no ano de 2020, o futebol foi uma das atividades paralisadas para propiciar e promover o distanciamento social. A Série A3, divisão em que o Paulista havia conquistado o acesso no ano anterior, já estava na segunda metade da primeira fase quando, em 16 de março, a FPF optou por suspendê-la por tempo indeterminado¹⁶. A equipe jundiaiense, no momento da paralisação, amargava a última colocação do torneio após onze rodadas, precisando de um milagre para não ser rebaixado mais uma vez. Além disso, o clube precisou paralisar as atividades internas e alegou não poder alojar funcionários e jogadores em suas dependências, liberando-os também por tempo indeterminado¹⁷. A situação financeira estava em níveis tão precários que o clube precisou fazer uma rifa de uma medalha da Copa do Brasil de 2005, que totalizaria mil reais, para poder pagar contas básicas para a manutenção das instalações, como contas de luz e de água¹⁸.

Pouco mais de seis meses depois, em 18 de setembro, a competição estadual foi reiniciada para as quatro partidas restantes da primeira fase. Lucas relembra das sensações que teve nesse meio tempo entre as competições: “A parada é quase que um alívio, só que é angustiante, porque a gente parou em maio e a gente vai até setembro para voltar. São seis meses na zona de rebaixamento, sem ter jogo, angustiado, não sabendo se vai voltar, se não vai voltar. Se não voltar, será que não é melhor? Será que não suspendem o campeonato? Tipo o holandês,

16. Disponível em <https://ge.globo.com/sp/tem-esporte/futebol/paulista-serie-a3/noticia/federalo-suspende-serie-a3-do-paulista-por-prazo-indeterminado.ghtml>. Acesso em 13 out. 2023

17. Disponível em <https://ge.globo.com/sp/tem-esporte/futebol/times/paulista/noticia/apos-paralizacao-da-serie-a3-paulista-suspende-atividades-por-tempo-indeterminado.ghtml>. Acesso em 13 out. 2023

18. Disponível em <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/05/12/time-rifa-medalha-de-campeao-da-copa-do-brasil-2005-para-pagar-contas.htm>. Acesso em 13 out. 2023

que não teve campeão. Seria tão bacana, esses conflitos éticos do tipo ‘será que não é melhor nem voltar?’”.

Para essa retomada, o Paulista precisou contratar jogadores por um período muito curto de tempo para completar seu elenco e poder entrar em campo. “Nenhum atleta está sob contrato. Não só nosso, mas também do primeiro colocado, que devia ser o Noroeste. Ninguém conseguiu bancar os atletas na pandemia nem na Série A, quanto mais um time que está sem renda e está jogando a A3”, explica o atual segundo vice-presidente. Para sair da zona de rebaixamento, os jundiaienses ainda enfrentariam Olímpia, Desportivo Brasil, Linense e Velo Clube. Na visão de Lucas, jogos plausíveis a serem ganhos e que poderiam tirar a equipe da possibilidade de um novo rebaixamento.

Mas logo na primeira partida desta volta, que poderia ser de alento para os torcedores do Galo, podendo ver seu time jogando mais uma vez, em meio a incertezas e dúvidas que a pandemia do coronavírus trouxe, uma denúncia de manipulação de resultados foi mais um banho de água fria. O resultado foi trágico para as perspectivas do clube, quando sofreu a virada para o Olímpia e perdeu em casa por 3 a 2. Antes do jogo da semana seguinte, contra o Desportivo Brasil, um jogador do Paulista – que não teve seu nome divulgado – registrou um Boletim de Ocorrência contra um apostador que o teria aliciado para que ele fizesse um gol contra na partida seguinte, pelo preço de R\$ 5 mil¹⁹. Ele não foi para o jogo e, em campo, vitória dos jundiaienses fora de casa, pelo mesmo placar de 3 a 2. Com a vitória na sexta-feira, o final de semana parecia que daria uma trégua para os torcedores jundiaienses.

Até que, no domingo, dia 27 de setembro, o programa *Esporte Espetacular*, da TV Globo, veiculou uma reportagem²⁰ apresentando que a Drade (Delegacia de Repressão aos Delitos de Intolerância Esportiva) estava analisando uma denúncia de manipulação de resultados em duas partidas do retorno da Série A3: Barretos 0 x 4 Linense e Paulista 2 x 3 Olímpia. Os repórteres tiveram acesso a relatórios da Sportradar, que também tem parceria com a Federação Paulista de

19. Disponível em <https://ge.globo.com/sp/tem-esporte/futebol/paulista-serie-a3/noticia/noticias-manipulacao-resultados-serie-a3-paulista-jundiai.gh.html>. Acesso em 14 out. 2023

20. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/8891653/>. Acesso em 14 out. 2023

Futebol, que apontavam que, no primeiro jogo, os apostadores teriam informações de que a equipe mandante perderia por uma diferença de quatro gols – os lances dessa partida são realmente inusitados, com saídas de bola displicentes e um gol contra no mínimo suspeito aos 49 minutos do segundo tempo, concretizando o resultado. No segundo, de acordo com a análise, houve um volume elevado de apostas na seguinte combinação de resultados: o Paulista venceria o primeiro tempo, enquanto o Olímpia viraria a partida no segundo e seria o vencedor. Ao todo, segundo a empresa de monitoramento, R\$ 123 mil foram movimentados nessa partida em sites de apostas, sendo 62% do valor na sequência citada. Na reportagem, Rodrigo Alves, presidente do clube jundiaiense, afirmou que desconhecia qualquer envolvimento dos jogadores da equipe e que a apuração fosse feita da forma mais rápida possível, ou seja: “Para saber de onde é a origem disso, porque coloca toda a integridade do campeonato, do futebol, em cheque”.

E esse é um dos pontos que, durante as entrevistas, mais trouxe dúvidas e contradições entre os entrevistados. Vendo de casa por conta do isolamento, o estudante assistiu aos lances das duas partidas e acho que algo estranho estava acontecendo: “Quando começaram a surgir as denúncias de manipulação de resultado, começou a fazer sentido, porque não dava para aqueles caras estarem jogando tão mal assim. É descarado o que eles estavam fazendo; é muita cara de pau”.

No lance suspeito do Paulista, logo no início do segundo tempo, o lateral-esquerdo Samuel Sampaio interceptou com a mão um cruzamento e, por estar dentro da área, foi marcado o pênalti, convertido por Doriva, que empateou a partida. Adilson considera que o clube foi vítima no caso. Ele explica que o jogador “nem sabia que iria jogar. O titular da posição se machucou na véspera, e esse menino, que tinha acabado de chegar, acabou tendo que estrear meio na loucura”. Além disso, o radialista opina que a própria marcação da penalidade é duvidosa: “O pênalti é interpretativo: a bola bate na mão dele, não é ele que vai com a mão em busca da bola. Isso até o Sálvio Espíndola Fagundes Filho, que foi árbitro e comentarista da TV, falou que era um lance interpretativo, não houve dolo. Não

sei de onde partiu essa coisa de que o jogador tinha acertado com o empresário desses apostadores de jogos, mas praticamente acabou com a carreira do garoto”.

Depois de a Federação Paulista de Futebol suspender preventivamente três dos quatro clubes – o Linense não foi considerado suspeito – de se inscreverem em novas competições estaduais e oito jogadores, estando Samuel como o único representante jundiaiense²¹, o lateral se pronunciou em coletiva de imprensa, negando todo e qualquer envolvimento em possíveis esquemas de manipulação e colocando-se à disposição da Justiça para mostrar sua inocência. “O que for necessário para limpar o meu nome e o Paulista deixo aqui à disposição, tanto meu sigilo bancário quanto o meu sigilo telefônico estão à disposição de quem precisar. Nunca nem apostei. Isso me dá tranquilidade para chegar aqui e falar, olhando no olho de cada um, que essas acusações são infundadas”, ressaltou à época²².

Essa defesa também foi alvo de discordia entre os torcedores entrevistados. O diretor jurídico e de futebol do clube à época, Marco Antonio Zuffo, esteve na coletiva junto com o jogador e, na visão de Lucas, fez uma defesa veemente do jogador, o que levou a uma estranheza no atual segundo vice-presidente: “O discurso desse advogado que estava montando o time, ele é tão incisivo na defesa do atleta de imediato, logo no dia seguinte, que levanta a suspeita. Para mim, é isso o que ficou. É suspeito demais. A circunstância toda é muito confusa, na verdade, só que a defesa levanta muito mais suspeita do que o próprio pênalti”. Adilson, por sua vez, alega ser



O espaço de coletiva do Paulista. Foto: Lucas Zacari

amigo de Zuffo e que, sobretudo, a suspensão do clube foi injusta: “Ele quem saiu com a defesa do próprio clube e nunca ficou provada a manipulação de resultados. O Paulista cumpriu pena sem ter sido condenado”. Após o caso, o diretor jurídico e de futebol se afastou das atividades no clube.

O time jogou as últimas duas partidas que lhe restavam na Série A3, mas não conseguiu sair da última colocação e se salvar do rebaixamento, retornando à Segunda Divisão. Em 26 de novembro daquele ano, o TJD-SP julgou o caso e multou o Paulista em R\$ 25 mil por infração ao artigo 191 do CBJD (Código Brasileiro de Justiça Desportiva) – por deixar de cumprir o regulamento da competição – combinado com os artigos 18 (atual artigo 20) do Código Disciplinar da FIFA (Federação Internacional de Futebol) e 43 do Regulamento Geral de Competições da FPF, ambos tratando sobre a manipulação de resultados. Além disso, por infração ao artigo 184 do CBJD, que diz que: “Quando o agente mediante mais de uma ação ou omissão, pratica duas ou mais infrações, aplicam-se cumulativamente as penas”, o clube também foi submetido a mais R\$ 25 mil e suspensão de 120 dias. Samuel Sampaio, por sua vez, foi suspenso por 360 dias e multa de R\$ 2.500,00 por considerarem que ele infringiu o inciso 1º do artigo 243, atuando deliberadamente de forma a prejudicar sua equipe. Arthur expressa que achou injusta a punição aos jundiaenses por considerar ter sido o mais prejudicado com o suposto esquema: “Eu não sei como funciona a justiça do esporte. Mas o que eu vejo até hoje é que o Paulista foi penalizado duas vezes. A gente foi rebaixado pelos resultados que foram vendidos e foi punido depois por conta disso, sendo que o Paulista denunciou. Então é uma coisa que não faz sentido pra mim até hoje”.

Em 27 de abril do ano seguinte, após recursos de ambos julgados, o lateral foi absolvido da acusação, enquanto o clube só teve de cumprir a segunda punição, ressaltando que, entre os dois julgamentos, o período de 4 meses já fora cumprido. Lucas entende que essa foi uma punição branda e sem muito efeito prático: “A própria federação não foi transparente, deu uma punição pra inglês ver, porque a gente já não ia ter jogo mesmo, a punição acabaria antes do começo da

21. Disponível em <https://ge.globo.com/sp/tem-esporte/futebol/paulista-serie-a3/noticia/fpf-suspende-tres-clubes-e-oito-jogadores-em-caso-de-suposta-manipulacao-na-terceira-divisao.htm>. Acesso em 14 out. 2023

22. Disponível em <https://escanteiosp.com.br/noticias/suspenso-por-manipulacao-jogador-do-paulista-nega-envolvimento-e-desabafa-tristeza/>. Acesso em 14 out. 2023

Bezinha. Ninguém foi punido exemplarmente, nem atleta, nem clube. Não foi esclarecido de onde são, qual é o esquema, quem são os personagens, o cara foi preso, não foi preso, foi identificado, não foi? Então, do ponto de vista da gestão da crise da Federação Paulista, eu achei péssimo”.

Além do prejuízo esportivo e financeiro que a manipulação de resultados acometeu ao Paulista, os seus torcedores passaram a ter que lidar com mais uma incerteza em demais jogos: e se esse estiver comprado? Ainda mais com a dificuldade de se reerguer, pagando baixos salários e com contratos cada vez mais curtos, para disputar poucas rodadas de campeonatos, os jogadores se tornam alvos mais fáceis dos aliciadores. Ivan pontua também que começam a surgir inconsistências em relação a resultados que deveriam ser normais: “Você começa a duvidar. Quando tem uma goleada de cinco, seis a zero, você fala ‘opa, estranho’. E não deveria ser assim, deveria ser normal. Então perde um pouco desse encantamento que você tem quando você acompanha futebol. Eu acho que é triste por causa disso, porque os torcedores começam a duvidar, começa a colocar em cheque o futebol em si como um negócio”. Já Arthur vê de forma ainda mais pessimista, afetando diretamente a sua percepção com os jogos do clube. “Virou um fantasma. Eu, pelo menos, não consigo ver algumas jogadas desde então e pensar que não foi comprado. Não estou fazendo nenhuma acusação, só tô dizendo que, às vezes, o nível de futebol é tão baixo que você fica neurótico. Isso tirou o prazer de muita gente de torcer pelo clube, saber que estava torcendo e sendo enganado”, ressalta o estudante.

Apesar dessa sensação de desconfiança na torcida, Lucas entende que essa é uma preocupação que reverbera menos do que deveria no clube. Tanto ele quanto Ivan contaram que, no início de 2023, houve uma palestra por parte da FPF para que os atletas e a comissão técnica fossem alertados quanto ao risco e os problemas da manipulação de resultados. “Eu acho que o que reverberou agora foi muito mais esses escândalos que foram deflagrados na série A e na série B do que esse do Paulista, em um passado que nem é tão distante, são três anos só. Mas esse aqui tá muito mais recente, tem dimensão e

divulgação muito maiores, então a repercussão seria muito negativa caso acontecesse alguma coisa”, ressalta o segundo vice-presidente. O diretor de patrimônio contou também uma medida contínua do clube para tentar minimizar as possibilidades de aceitação das propostas: “Manter os salários em dia para que realmente não crie na cabeça do jogador esse tipo de dúvida, de querer aceitar ou não. ‘Aqui está tudo certinho, deixa eu fazer meu trabalho bem que uma hora serei recompensado’. Apesar de tudo isso, a gente nunca sabe. Se teve jogador até do Santos [Eduardo Bauermann], que ganha duzentas vezes mais do que os caras ganham aqui, é complicado”.

Os dois membros da diretoria contaram também que, junto da palestra, os jogadores tiveram de assinar um termo de responsabilidade que “se fosse encontrado alguma coisa, isentaria o clube e qualquer punição seria deles. Para ser punido o CPF ao invés do CNPJ”, explica Ivan.

Mesmo com esses esforços, a própria cidade de Jundiaí e seus moradores passaram a também desconfiar e criticar o Paulista, de acordo com Arthur. Segundo o estudante, com o título da Segunda Divisão, havia tido uma trégua entre o município e o clube. “Desde quando a gente foi rebaixado em 2014, o time começa a virar chacota entre os moradores de Jundiaí. Muita gente tem carinho, mas muitos perderam a credibilidade e começaram desacreditar do time”, conta, “mas quando ganha, aumenta o carinho da cidade, as pessoas que falavam mal, se seguraram. Mas com a manipulação de resultado voltou tudo e pior. Eu acho que afetou bastante a imagem do time”.

Isolamento do jundiaiense

Esse cenário de distanciamento e desconfiança entre cidade e clube, sentido por Arthur, não é de agora. Lucas explica que existe um discurso entre os moradores e torcedores de que o Paulista foi isolado pelo município, sobretudo na década seguinte ao título da Copa do Brasil. Para ele, porém, o movimento real é o contrário: o clube não soube utilizar do poder da cidade para se engrandecer, e acabou se isolando. Tanto ele quanto Valeska pontuam que o clube não soube nem mesmo utilizar o poder midiático e de torcida que



construiu durante o período de glórias do clube. “Tem os erros da arrogância de quem está sempre ganhando de achar que você vai continuar sempre ganhando. E é um desafio grande se manter no topo. Então, você se isola, acaba achando que é meio autossuficiente, não precisa das outras pessoas, dos outros movimentos, da própria torcida”, opina o segundo vice-presidente.

Para a publicitária, foi justamente por não saber capitalizar e envolver a vitória na competição nacional que fez ele se isolar: “Quando foi jogar contra o River, não tinha uma assessoria de imprensa. Quem fazia esse trabalho eram os jornalistas, que ficavam sabendo das coisas e ligavam para alguma fonte de dentro do clube. Eu e meu pai sempre caímos nessa, acho que se o Paulista tivesse conquistado a Copa do Brasil em outros tempos, nessa coisa do marketing que a gente está vivendo no futebol, a história do time poderia ter sido outra. Eles não souberam aproveitar o tamanho que foi isso. A cidade e o torcedor aproveitaram, mas não teve uma gestão de marketing, econômica, administrativa. Era um dia após o outro, não tinha uma estratégia de como levar isso. Infelizmente, pode ter sido uma das coisas que deixamos a desejar”.

Essa transmissão de informações, de acordo com Lucas, já era deficitária antes e, com cada vez menos protagonismo e participação em competições de elite, isso foi sendo deixado para trás. “Eu maluco por futebol e pela equipe, não conseguia acessar as informações.

Vista da cidade de Jundiaí, no caminho do Jayme Cintra. Foto: Lucas Zacari

O meu pai, que só se informava pelo rádio, menos ainda. O meu avô, que só se informava pelo rádio e de vez em quando, menos ainda. Então, tem esse movimento de escassez de informações, a gente só ouve falar do futebol, não entende como funciona o clube”, relata. Além disso, enquanto esteve nos holofotes, somente como torcedor, ele sentia que faltavam ações e esforços por parte do clube: “Com esse envolvimento da cidade abraçar, não se capitalizou esse sucesso. Está ganhando, então todo mundo está indo, é natural, o sucesso esportivo traz as pessoas. Não se capitalizou esse sucesso, não se formou torcida, não tinha camisa para criança. Eu não tenho nenhuma camisa do Paulista de criança, a primeira camisa que eu fui ter era pirata, porque era o que tinha vendendo no varal na frente do estádio. Não tem loja, não tem marketing, não tem trabalho de comunicação”. Atualmente, o clube possui uma loja própria, dentro do Jayme Cintra, mas parece não haver uma mobilização grande para que ela funcione em momentos importantes para a venda no clube. O próprio Ivan Gottardo, enquanto conduzia o tour pelo estádio, indignou-se ao ver que a loja estava fechada, justo em um dia em que teve um grande movimento de pessoas e torcedores ali, mesmo que fosse pela Taça das Favelas.

Outro ponto importante destacado por Gianluca é o caráter tradicional e conservador que Jundiaí apresenta. “O triste é a gente acreditar no clube, defender isso de tradição. Pessoal se considera italiano só porque mora em Jundiaí. Então tem essa dificuldade de você ter esse sentimento, de abraçar a causa, e ver que quem está ali para representar não está no mesmo empenho. Não tem mais aquele aquele tesão de ver o jogo, de estar lá, porque a equipe pode ganhar um jogo ali, mas sempre fica naquela sensação do ‘e depois?’”, explica o publicitário.

Valeska, apesar de concordar com esse ideia de que falta empenho e entendimento de onde o jogador está, ela apresenta um contraponto: “A gente acaba indo descontar no menino que sonha em ser jogador de futebol e aí o olho dele brilha para ele jogar no Paulista, que é um time de história. Só que quando ele chega lá, ele tem um salário baixo, infraestrutura baixa, que o clube, apesar de ter ali algo meio honesto, agora que eu vi que eles fizeram alguns investimentos nessa parte de fisioterapia, e ainda precisa ter essa pressão de uma torcida que é sedenta por um título. Então isso acaba sendo injusto com o trabalhador tentando fazer o papel dele. Muitas vezes esse menino nem sabe da história do clube, veio de outra cidade, outro estado. Ele não entende o ‘peso da camisa’, que tanto falam, mas não é romantização. Ele está ali dando o corpo dele, o trabalho dele, para conseguir levar a história do clube”. Ela continua: “Só que se a gente fizer uma régua, eles são a ponta. Antes de chegar nos jogadores, nos desempenhos dos jogadores, a gente tem um monte de coisa por trás. E esse monte de coisa que está por trás deixa a desejar”.

A sua própria casa também é um alvo frequente de ataques e tentativas de vendê-lo, pela alta especulação imobiliária que o Jardim Pacaembu, bairro em que está localizado o Jayme Cintra, apresenta. Com cerca de 32 mil m² de área, o estádio já passou por um processo de penhora pela Justiça do Trabalho para o pagamento de dívidas trabalhistas e de ações individuais. Em decorrência desses processos, já chegou a entrar em leilão por três vezes, sendo duas em 2017 e outra em 2021. Nos dois primeiros, a ação foi determinada por um juiz da 3^a Vara do Trabalho de Jundiaí e movida por 19 reclamantes,

como o Sindicato dos Empregados de Clubes Esportivos e em Federação e a Confederação e Academias Esportivas no Estado de São Paulo. O terreno, avaliado em R\$ 35 milhões, não recebeu lances de interessados em arrematá-lo²³. Na terceira oportunidade, por ação movida pelo INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), o Tribunal Regional Federal da 3^a Região suspendeu o leilão antes mesmo de acontecer²⁴.

Para evitar novas tentativas de ofertas e compras, houve uma mobilização dos torcedores do Paulista para que o Estádio Jayme Cintra fosse considerado um patrimônio público: “A torcida foi à Câmara Municipal e conseguiu convencer os vereadores a tombar. Hoje não vai mais a leilão porque se for, quem comprar não pode mexer, porque é patrimônio da cidade”, explica Alex. Valeska entende que esse é um processo importante pelo local representar “uma sensação de pertencimento tão grande para a cidade, para o bairro, para a história”. Em 12 de julho de 2023, o Compac (Conselho Municipal do Patrimônio Artístico e Cultural), parte da Unidade de Gestão de Cultura da Prefeitura de Jundiaí, aprovou o processo de tombamento do estádio como bem cultural da cidade²⁵. O órgão tem até 2 anos para realizar estudos e definir se o local será tombado em definitivo mas, nesse primeiro momento, obtém proteção provisória equivalente a um patrimônio já considerado. Concordando com a importância histórica e cultural do Jayme Cintra tanto para o torcedor quanto para a cidade de Jundiaí, Ivan traz um outro lado que acaba dificultando a sobrevivência financeira do clube. “Até com o clube parado, tem um custo fixo ali do estádio. Mesmo não tendo jogos, você tem que fazer manutenção, você tem que manter ele em ordem, os laudos em dia, tudo. Então assim, são custos que tem sem jogar”, explica.

23. Disponível em <https://ge.globo.com/sp/tem-esporte/futebol/times/paulista/noticia/em-novo-leilao-estadio-jayme-cintra-nao-recebe-ofertas-e-segue-sendo-do-paulista.ghtml>. Acesso em 15 out. 2023

24. Disponível em <https://ge.globo.com/sp/tem-esporte/futebol/times/paulista/noticia/justica-federal-suspende-leilao-do-estadio-jayme-cintra.ghtml>. Acesso em 15 out. 2023

25. Disponível em <https://jundiai.sp.gov.br/noticias/2023/06/12/compac-aprova-abertura-do-processo-de-tombamento-do-estadio-jayme-cintra/>. Acesso em 15 out. 2023

Todo esse cenário de incertezas dentro do clube também resulta em uma baixa presença de torcedores fiéis, com participação religiosa no estádio. Trazendo novamente as crônicas conceituais futebolísticas do escritor argentino Eduardo Galeano, o texto *Estádio* faz uma pergunta que parece simples ao leitor, mas carregada de simbolismo: “Você já entrou, alguma vez, num estádio vazio? Experimente. Pare no meio do campo, e escute. Não há nada menos vazio que um estádio vazio. Não há nada menos mudo que as arquibancadas sem ninguém”. A situação em que se encontra o Paulista hoje, assim como muitos clubes de divisões inferiores, faz com que os próprios torcedores se afastem das arquibancadas e das cadeiras cativas do Jayme Cintra.

Hoje, de acordo com o diretor de patrimônio, a capacidade atual do estádio é de 15.155 pessoas. Mas em dias de jogos do clube jundiaiense, esse valor está longe

de ser totalmente completo. “A gente falava lá na Copa do Brasil, ‘ah, temos os quatro mil e quinhentos, cinco mil de sempre’. Daí a gente deixa de jogar a série B, viram os três mil de sempre. Aí é só a série A1, os dois mil e quinhentos de sempre. Hoje em dia, são os setecentos, oitocentos, novecentos quando a gente está jogando a Bezinha”, relata Lucas. Esses últimos números vão ao encontro da

As arquibancadas vazias do Jayme Cintra. Foto: Lucas Zacari

média de público jundiaiense na última competição. Considerando o boletim financeiro do clube²⁶ dos quatro jogos disputados no Jayme Cintra na Segunda Divisão e descontando os ingressos para visitantes, o Paulista teve uma média de 948 torcedores por partida. No último

26. Disponível em <https://futebolpaulista.com.br/Competicoes/Sumulas.aspx?idCampeonato=104&ano=2023&idCategoria=74&nav=1>. Acesso em 15 out. 2023

jogo, contra o União Barbarense, que decretou a queda para a nova quinta divisão, estavam presentes 524 torcedores guerreiros.

Atualmente distante do Jayme Cintra, Mancini resume um sentimento seu que pode estar intrinsecamente ligado aos pensamentos dos torcedores e essa sensação de isolamento do clube: “Eu também fico triste e não quero ir ver uma partida na 5ª divisão. Após a minha saída, eu fui algumas vezes a Jundiaí assistir alguns jogos, mas aquilo vai me deprimir. Se eu for ao estádio do Paulista hoje, eu vou ficar muito chateado, então eu até evito isso”.

Dualidade em uma presidência

Além de compartilharem a participação na torcida organizada Raça Tricolor, Alex e Arthur fazem duras críticas ao atual presidente da equipe, Rodrigo Alves. Segundo eles, o atual mandatário teria traído a torcida organizada, organização a qual também fora presidente entre 2005 e 2018. “Era alguém que, teoricamente, era pra estar lá defendendo os interesses da torcida, trazer o melhor pro time, aumentar a transparéncia do clube perante a torcida e trazer resultado. Era isso que a gente acreditava, mas não se mostrou dessa forma”, reclama o estudante, enquanto o operador de produção opina que “tudo que ele falava, hoje ele faz exatamente o contrário. Era um cara que, quando estava na torcida, sempre brigava por transparéncia, para abrir as contas, reformar o estatuto, mas não fez nada”.

A entrada de Rodrigo no comando presidencial do Paulista aconteceu em maio de 2020, durante a pausa da Série A3 e o período de quarentena ocasionado pela covid-19. Dois meses depois de finalizar o contrato com a Kah Sports, empresa que geria o futebol profissional do clube, o então presidente Rogério Levada pediu exoneração do seu cargo para, segundo ele, compromissos profissionais como corretor de imóveis fora da cidade de Jundiaí, o que impediria a dedicação a função no clube. “Teve um grupo político que sempre esteve aí, desde a época que eu comecei a acompanhar até largarem tudo em 2020, o clube ali já asfixiado, pra morrer. E aí com essa sensação de que vai fechar as portas, a cidade não ajuda, esse discurso que é cansativo e, para mim, é falso e também é intencional

de certa maneira”, relata Lucas. Ele continua “Daí teve essa tentativa de começar a não fazer dívidas novas com o Rodrigo. Ele sai de presidente da torcida organizada para ser presidente do clube porque é o momento que ninguém mais quer”. Rodrigo assumiu o primeiro mandato em maio de 2020, para completar o período que Levada deveria comandar, e foi reeleito para um novo mandato em dezembro de 2022, para mais quatro anos no cargo²⁷.

Em campo, Arthur admite que, na situação em que o clube já se encontrava naquela Série A3, seria muito difícil de que a mudança de presidente pudesse recuperar o ano: “A gente já estava muito mal no campeonato, precisava muito da vitória para ganhar, mas o time já estava todo montado, não era época de contratação, não era época de nada. Aí esse rebaixamento não dá pra atribuir a culpa nessa diretoria, porque os caras assumiram e caiu. É óbvio que se fosse uma diretoria excelente, talvez tivesse feito alguma coisa. Mas não dá para também atribuir a culpa”. No entanto, para o estudante, a gestão nos anos seguintes, e que culminaram na queda para a quinta divisão, cai muito sob a responsabilidade do grupo presidencial, personalizado na figura de Rodrigo. “Dali em diante, o cara não fez nada. Em 2021, a gente disputou e não se classificou para a última fase. Em 2022, parou na segunda fase. E esse ano, a gente foi rebaixado na primeira fase, com o Rodrigo tendo votado a favor do rebaixamento, porque na hora de escolher se ia ser fundado uma quinta divisão ou não, o Paulista votou a favor”, reclama o torcedor.

O jornalista Cobrinha, no entanto, indaga sobre a seletividade da crítica à atual gestão, ao comparar com outros mandatos: “Não sei porque o torcedor criou ódio dele. O Paulista foi rebaixado 11 vezes [entre competições nacionais e estaduais] e não teve barulho, não teve vaia, não teve faixa, não teve nada. E caiu com dinheiro. Podia criticar ele, pode ser. Provavelmente ele deve ter prometido cargos, porque ele era presidente da Raça, ali dentro tem pessoas inteligentes, formadas, e ficou só na promessa. Então acho que quem criou o ódio foram eles, não podem nem ver pintado de ouro. Por

que o Eduardo Palhares [presidente do clube entre 1998 e 2010], quando o time caiu, ninguém falou nada pra ele?”.

Um dos pontos que tem apresentado maiores dores de cabeça tanto para o torcedor quanto para a atual diretoria é algo que, a priori, aparenta trazer benefícios para o clube: a parceria com a equipe feminina do Palmeiras. Em fevereiro deste ano, os dois clubes assinaram um acordo para que as Palestrinas possam mandar jogos dos campeonatos, desde o profissional até a base, quando o Allianz Parque não estiver disponível pela agenda de shows²⁸. No Campeonato Brasileiro, por exemplo, o Palmeiras atuou em duas partidas no Jayme Cintra, contra Ferroviária e Grêmio, durante a primeira fase do torneio. O acordo, que tem duração de dois anos, também traz que o Palmeiras ficou responsável por custear a troca do gramado e pela manutenção do estádio jundiaiense. Para Ivan Gottardo, que trabalha nessa parte de responsabilidades e manutenção dentro do Jayme Cintra, a costura do acordo foi essencial para continuar com o estádio aberto: “Era um gramado que estava desde 2012, a Federação já estava colocando algumas restrições por conta do estado do gramado, e a gente conseguiu colocar um gramado totalmente novo, com a mesma empresa que cuida dos gramados por exemplo da Arena do Grêmio, do próprio Palmeiras, apesar do nosso não ser sintético. Foi uma melhoria que, se o Paulista tivesse que tirar do bolso, não ia ter como. Está sendo uma parceria muito boa assim pro clube, está desonerando a folha [de pagamentos]. Muitas coisas precisariam ser feitas e acaba que o Palmeiras, por querer uma estrutura um pouco melhor, eles tem essa condição”.

No entanto, os torcedores alegam que essa parceria também gerou uma certa perda de identidade do clube dentro do estádio. “Você vai a alguns lugares do estádio”, relata Arthur, “e está todo decorado de Palmeiras. Eu fui lá assistir dois jogos da base contra os clubes de Bragança, perdemos os dois jogos. Mas o que eu lembro desse dia, cara, cheguei lá no Jayme Cintra, e tinha coisa decorada em verde,

27. Disponível em <https://www.futebolinterior.com.br/rodrigo-peterneli-alves-e-reeleito-presidente-do-paulista>. Acesso em 15 out. 2023

28. Disponível em <https://www.palmeiras.com.br/noticias/palmeiras-fecha-parceria-com-paulista-fc-e-time-feminino-ganha-mais-uma-casa/>. Acesso em 15 out. 2023

sabe? Falam que o vestiário está cheio de decoração do Palmeiras. Não tem como alguém fazer isso com o clube, sabe?”. No dia da visita ao estádio, uma lona grande com o escudo e os patrocinadores do alviverde estavam posicionados ao lado do gramado, em virtude de uma partida ser disputada no dia seguinte entre as Palestrinas e a equipe do Taubaté, pelo Campeonato Paulista Sub-15, com vitória da equipe da capital por 3 a 1. Além disso, a sala de aquecimento do estádio está toda envelopada com os patrocinadores do Palmeiras.

Por causa da final da Taça das Favelas, não foi possível adentrar no vestiário para conferir o relato do estudante de engenharia, mas Lucas confirmou a situação e adicionou que isso também é objeto de debate dentro do clube. “A última reunião do conselho que a gente teve foi um absurdo porque, de tudo que tinha pra ser discutido, de tudo que foi apresentado pela diretoria executiva, o que mais gerou polêmica foi o vestiário, se ele deveria estar plotado [adesivado] de Paulista ou de Palmeiras, se a plotagem que vem em cima é daqui ou do Palmeiras. Por termos práticos, o alviverde fica fixo e a gente coloca quando vai jogar. Os torcedores vão olhar e falar que é um absurdo, tem que ser o Paulista por baixo. E ficou nessa discussão quase dez minutos. Eu acho um puta desrespeito, fui resistente, sugeri reformar o visitante e colocar de Palmeiras, mas é operacionalmente inviável, tem um monte de argumentos para justificar”.

Junto da parceria com as Palestrinas, Adilson ressalta que uma outra forma do Paulista tentar se manter e sobreviver: por meio de parcerias com empresas locais. “As empresas permутam serviços



Sala de aquecimento do estádio com patrocinadores do Palmeiras. Foto:
Lucas Zacari

por publicidade. A portaria do clube, por exemplo, é terceirizada, então a empresa que terceiriza tem um espaço no estádio ou na camisa. A empresa que faz pintura no estádio, fornece tinta, também, a mesma coisa. Isso vale para praticamente tudo o que é necessário para manter o clube aberto funcionando”, ressalta o jornalista. Ivan mostrou que uma fonte de renda envolve a pintura das paredes internas e externas do estádio. “A gente faz um plano anual com as patrocinadoras. Se a empresa renova, a gente mantém, não precisa pintar de novo, a não ser que queiram um espaço maior, mas geralmente as empresas da cidade pagam uma taxa anual e a gente mantém. As que vão entrando, a gente vai pintando, tira as que não renovam e pinta por cima as outras”, explica. Enquanto empresas como Amarelinho Tintas e a papelaria Lepok tem uma pintura mais nítida, pela parceria recente, outras como a distribuidora de gás Consigaz e a clínica Icon Diagnósticos já estão desgastadas pela ação do tempo.

Houve tentativas de se entrar em contato com o presidente Rodrigo Alves por email, LinkedIn, canais oficiais do Paulista, redes sociais, além de pedidos para os integrantes entrevistados da atual diretoria para contatá-lo, mas sem retorno. No dia da visita ao Jayme Cintra, Rodrigo estava no camarote do estádio, onde aconteceu um rápido encontro, mas com poucas palavras trocadas, por ele estar acompanhando a final da Taça das Favelas feminina que acontecia naquele momento.

Queda tragicamente anunciada

Para 2023, em um novo mandato, Lucas e Ivan entraram na diretoria, tentando aproximar torcedores comuns das decisões da diretoria. “Eu acho importante porque a gente tem essa mentalidade. Um dos motivos para aceitar entrar foi quando vi os responsáveis por outros departamentos, são pessoas que realmente amam o Paulista e que não tem interesses por trás. Não conhece empresário de jogador, não é do meio ligado ao futebol propriamente dito. A gente sabe que hoje quem está trabalhando ali está tentando fazer o melhor pro time,

mesmo com todas as dificuldades de um clube pequeno”, ressalta o diretor de patrimônio.

Antes da temporada começar, Lucas relata que uma sensação de azar começou a rondar as expectativas do clube. A própria criação de uma nova divisão estadual deixou as pessoas dentro do clube receosas: “Todas as vezes que isso aconteceu, deu ruim”, pontua o segundo vice-presidente. A reação condiz com o retrospecto do clube, tendo em vista a queda em 2008 para disputar a primeira edição da Série D nacional, em 2009.

O Paulista aparentava ter um cronograma e um projeto futebolístico interessante para a temporada. Contratou o técnico Aarão Alves ainda em dezembro do ano anterior, cinco meses antes da Segunda Divisão começar, visando o planejamento e o treinamento antes dos efetivos testes. O treinador já tinha passagem na equipe, sendo o comandante do vice-campeonato da Copa Paulista de 2009 e na campanha do estadual do ano seguinte, sendo responsável por subir para o profissional nomes como o goleiro Felipe Alves, com passagens por Athletico Paranaense, Fortaleza e São Paulo, e o lateral Samuel Xavier, finalista da Libertadores de 2023 pelo Fluminense. Além disso, fez um trabalho muito bom durante a década de 2010 no Sub-17 do Santos, demonstrando um retrospecto favorável de desempenho com a base, essencial para a disputa da Bezinha – o torneio é disputado por jogadores Sub-23. “É um profissional que tem alguma ligação com o clube. Eu não inventei o nome dele do nada, tem alguma coisa para compartilhar de currículo”, ressalta Lucas.

Para melhorar, o Paulista venceu dois dos quatro jogos-treino da preparação, incluindo uma partida contra o Sub-20 do São Paulo, e mesmo os que perdeu, foram por placares mínimos. Parecia que o time estava apresentando um resultado interessante, que poderia render frutos ao clube. No entanto, o segundo vice-presidente conta que os ânimos não eram os melhores dentro do elenco: “Me relataram um time muito nervoso nos jogos-treino, começa a ter briga pra caramba. Os atletas nervosos, tinham umas laranjas podres que vieram do Santos, uns refugos do Santos indicados por ele”.

Até que chegou o fatídico dia que demonstrou que não seria uma temporada fácil.

Em 31 de março, um novo jogo-treino estava sendo realizado no Clube de Campo do Sindicato dos Metalúrgicos de Jundiaí – cerca de 14 km do Jayme Cintra, que passava por reformas no gramado – entre o Paulista e a equipe do Jabaquara, de Santos. Segundo os relatos, já havia desavenças entre os jogadores advindos da Baixada Santista e os visitantes, o que aumentou a tensão de um grupo que já se mostrava conflituoso. Quando o jogo estava 1 a 0 para o Jabaquara²⁹, um desentendimento entre os jogadores das duas equipes escalonou para um nível extremamente alto e fora do comum. “Os caras brigaram de uma maneira que não está nem dentro de níveis razoáveis de você dizer que são seres humanos. Porque na civilidade, já não tem briga, agora quando você chuta a cabeça de alguém caído no chão, aí pelo amor de Deus”, relata Lucas. A briga generalizada fez com que quatro jogadores do Jabaquara tivessem de receber atendimento médico. O zagueiro Matheus Alessandro, de 20 anos, era o jogador citado pelo diretor. Ele caiu no chão após levar um soco e, em seguida, recebeu seguidos chutes na cabeça, o que fez o atleta convulsionar e desmaiá. Ele foi levado ao Hospital São Vicente de Paulo, em Jundiaí, onde ficou internado durante cinco dias, sendo dois na UTI (Unidade de Terapia Intensiva)³⁰.

A partida, obviamente, foi suspensa após a batalha campal. No mesmo dia, o Paulista se pronunciou em suas redes sociais, dando apoio ao Jabaquara e dispensando os atletas envolvidos na briga. A equipe da Baixada Santista registrou um boletim de ocorrência em uma delegacia próxima ao local da partida: “O que aconteceu em Jundiaí não pode ser caracterizado apenas como agressão, mas como tentativa de homicídio”, afirmou Adriano Piemonte, então técnico do Jabaquara, ao ge³¹. Três dias depois do ocorrido, a equipe

29. Disponível em <https://sampi.net.br/bauru/noticias/2751230/esporte/2023/03/jogotreino-do-paulista-e-paralisado-por-briga-e-jogadores-sao-dispensados>. Acesso em 17 out. 2023

30. Disponível em <https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/jabaquara/noticia/2023/04/05/zagueiro-do-jabaquara-recebe-alta-hospitalar-apos-ser-agredido-com-chutes-na-cabeca-por-jogadores-do-paulista-tontura-e-fraqueza-nas-pernas.shtml>. Acesso em 17 out. 2023

31. Disponível em <https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/jabaquara/noti>

jundiaiense também demitiu Aarão Alves que, de acordo com Lucas, “estava incitando os atletas, estava nervoso, já tinha sido expulso no primeiro tempo desse jogo treino”. Curiosamente, no final de abril, o técnico foi contratado pela equipe da Baixada Santista, também para a disputa da Segunda Divisão³².

Faltando então cerca de três semanas para o início do estadual, o Paulista teve de tentar corrigir a rota e salvar a temporada antes mesmo dela começar. Assim, foi chamado de volta o treinador Roberval Davino, em sua quarta passagem pelo clube, incluindo na temporada anterior, e que estava comandando o Comercial de Ribeirão Preto, que havia alcançado às quartas de final da Série A2 em 2023. “Tinha um ou outro atleta remanescente, então o cara conhece, sabe qual é a estrutura do clube. Ele é um treinador experiente, tava no time de 2015 só de moleque que a gente conseguiu fazer um A2 muito decente então fazia sentido o nome dele”, afirma Lucas.

A primeira fase da Segunda Divisão era dividida em seis grupos, com seis times em cada, e os quatro melhores de cada chave se classificavam. Os adversários dos jundiaienses nessa fase eram Rio Branco, SKA Brasil, Amparo, Colorado Caieiras e União Barbarense. No primeiro turno, três empates, uma vitória e uma derrota colocavam o Galo da Japi em condições de brigar pela classificação. Desses cinco jogos, somente um foi disputado no Jayme Cintra – três como visitante e, um deles, por conta de atrasos da fornecedora na troca de gramado do estádio, teve de ser disputado no Canindé, na capital de São Paulo. Com isso, as esperanças de uma campanha boa estava agradando o torcedor: “Como torcedor, ninguém começou o campeonato muito desesperançoso e o Paulista não começou mal no primeiro turno. Para mim, era certeza que ia se classificar e que, se fosse para ser rebaixado, seria na segunda fase, mas nem nisso eu acreditava. Eu acreditava na classificação para as fases seguintes.

cia/2023/04/01/com-zagueiro-na-uti-e-bo-na-delegacia-jabaquara-alerta-fpf-e-acusa-tentativa-de-homicidio-em-jundiai-video.ghtml. Acesso em 17 out. 2023

32. Disponível em [Conquistar o acesso era difícil, mas achava que a gente ia ficar ali nos quatorze que não caem”, conta Arthur](https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/jabaquara/noticia/2023/04/25/tecnico-aarao-alves-assume-o-comando-do-sub-20-do-jabaquara-no-paulista. Acesso em 17 out. 2023</p></div><div data-bbox=)

E essa sensação foi impulsionada logo na primeira partida do retorno, com contornos de dramaticidade. Na partida em casa contra o Rio Branco, de Americana, a equipe jundiaiense relembrava os tempos áureos e a remontada para cima da Ponte Preta na semifinal do Paulistão de 2004. Muito também pela forma que o jogo começou, com dois gols do adversário abrindo o placar, assim como na partida de quase 20 anos antes. Em 15 minutos, o jogo já estava 2 a 1. O primeiro tempo ainda acaba 3 a 2 para a equipe visitante. Na volta do segundo tempo, aos 10 minutos, o atacante Arthur empata o jogo de cabeça e, faltando dois para o final do tempo regulamentar, Natan recebe um passe na grande área e chuta para o delírio dos jogadores, comissão técnica e torcedores ali presentes. Na transmissão da partida³³, o barulho após a bola estufar a rede é tamanho que dá a impressão de que o Jayme Cintra estava lotado, apesar de somente 969 pagantes ao todo. “Aí tem ares de épico, agora nós vamos classificar!”, Lucas compartilha a sensação do momento.

A euforia de uma vitória como essa, no entanto, logo foi por água abaixo. Alex traz que esse cenário de duas faces de uma mesma moeda é claro e presente no histórico do clube: “O Paulista tem uma coisa muito engraçada, sempre foi assim. Ele consegue resultados que ninguém imagina, vai no Pacaembu e bate no Santos de Neymar. Ou então faz um jogo no Jayme Cintra e dificulta para o Corinthians. Faz um 4 a 3 depois de estar perdendo de 2 a 0 para o Ponte Preta e vai para a semifinal do campeonato. E quando você acha que vai, ele desaponta e passa vergonha, toma umas goleadas que ninguém explica. Deixa escapar jogos fáceis, perde classificações absurdas”. E esse histórico foi posto à prova nas quatro rodadas seguintes. Ou melhor, nas quatro derrotas seguintes.

O Paulista chega à última rodada ainda com chances de não ser rebaixado. Para isso, além de vencer a União Barbarense, já classificada, em casa, o clube dependia da derrota do Rio Branco contra o Amparo, em Americana. Com os jogos acontecendo ao

33. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=L_z3ObZ2DGo. Acesso em 17 out. 2023

mesmo tempo, sabia-se que o primeiro tempo do outro jogo estava favorável a equipe jundiaiense, com o Amparo vencendo por 2 a 0. No entanto, os jundiaenses não conseguiam fazer seu dever de casa, empatando a partida ao fim dos primeiros 45 minutos. “A Barbarense com o time reserva, sem querer jogar bola. E não era de antijogo, era preguiça. Os caras tocando a bola, mas querendo fazer qualquer outra coisa, e nem assim o nosso time agrediu, nem assim o nosso time foi pra cima”, relata o segundo vice-presidente.

Apesar do futebol apresentado, Arthur conta que houve uma mobilização da torcida no intervalo do jogo para tentar, de alguma forma, empurrar o time para o resultado necessário. Afinal, faltava só um gol. “Pra impulsionar ainda mais o time, a Raça teve a iniciativa de ir até a Gamor, que tem uma separação entre as organizadas, para cantar junto. E nisso, veio todo o povão junto, então formou meio que um bolinho da torcida. E ficamos cantando muito”, ressalta o estudante. Ele continua: “Cantando, cantando, cantando, até que o Paulista toma um gol. Aí continua cantando, cantando. Aí toma outro gol. Ali acabou, a gente sabia que ia ser rebaixado”. Aos 20 e aos 37, o zagueiro Diego faz dois gols e decreta a vitória dos visitantes. No outro jogo, o Rio Branco conseguiu a virada nos minutos finais, confirmando sua classificação.

Se antes do jogo, com a possibilidade de se classificar ainda vigente, a tensão entre torcida e diretoria eram latentes – a Raça Tricolor estendeu uma faixa escrita “Presidente traíra, seu sonho virou seu maior pesadelo” –, com o apito final e o rebaixamento para a quinta divisão estadual, o descontentamento passou a ser ainda maior e conflituoso. “No último jogo, a gente foi ameaçado, torcedor organizado invadiu a área que fica ao lado das cabines, tentou bater na gente. Começa a ficar com ares de filme de terror”, relata Lucas.

Do outro lado, o mais jovem integrante da torcida organizada pontua que a polícia fez um trabalho de repreensão agressivo contra os torcedores: “Logo depois teve muita viatura na saída, atropelaram um cara da torcida. Tiro de borracha, cassetete na lombar, isso aí foi que a gente passou ali na saída”. De acordo com Alex, apesar do policiamento ser necessário, ele sente que, por vezes, no Jayme

Cintra há uma má vontade dos profissionais que ali estão. A interação no policiamento de torcidas organizadas, visado para a proteção dos torcedores comuns, por muitas e muitas vezes acaba extrapolando os limites e trazendo violência de ambas as partes. Climas de festas e aglomerações acabam se tornando alvos de confusão, com a utilização de sprays de pimenta, cavalaria, tiros de borracha, cassetetes e, a mais recente metodologia de dispersão apresentada pela Polícia Militar de São Paulo, as bean bags, que mataram um torcedor são-paulino durante as comemorações do título da Copa do Brasil, em setembro de 2023³⁴.

Mas o próprio sentimento da diretoria é de vergonha e tristeza com a situação com o clube, relatam os integrantes. O misto do profissional com o torcedor fez impulsionar esses sentimentos. “Você fica com essa interrogação gigantesca, uma sensação de fracasso, de frustração, esse luto gigantesco. O instinto de torcedor é olhar na cara do atleta quando acaba o jogo e xingar o jogador, partir para cima, a sensação de ‘não é possível que esse cara está fazendo isso comigo. É horrível, não tem muito o que comentar, é impotência de novo, porque eu fiz tudo que podia ter feito”, desabafa Lucas. Já Ivan ressalta a situação alarmante em que o Paulista se encontra: “Hoje eu vejo como aquele ente querido, um amigo que está numa cama de hospital que você precisa ir lá e ajudar ele de alguma forma. Você talvez não vá salvar a vida dele, mas ele está precisando de ajuda. E foi por isso que eu aceitei entrar na diretoria também. Porque é muito fácil só ficar como torcedor, tacando pedra, falando que não fez isso, que não fez aquilo, mas procurar entender porque que não fez ou porque que eh foi feito de tal maneira e não de outra”.

Alex reafirma a falta de vontade que tem de assistir aos jogos do clube na situação em que se encontra. “Você ia ao Jayme Cintra e nunca sabia o que ia encontrar. Você podia encontrar uma atuação maravilhosa do Paulista, que surpreendia todo mundo, podia ser um jogo ruim, mas que valeu os três pontos, ou passávamos grandes vergonhas. E o barato era isso, você não sabia o que esperar, mas ia.

34. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/10/pm-matou-torcedor-do-sao-paulo-apos-titulo-da-copa-do-brasil-aponta-laudo.shtml>. Acesso em 17 out. 2023

Tinha aquela reunião lá do pessoal, sempre uma grande família, todo mundo se conhecia. Ou você voltava muito contente ou você voltava muito puto da vida. Hoje em dia você vai e só volta puto”, ressalta.

Apesar da dor da derrota, Valeska conta que esse jogo também ficou marcado na vida de sua família por outro motivo: “O meu irmão tem 23 anos e levou meu primo de sete anos no Jayme Cintra no dia do rebaixamento. Meu primo já gostava do time, já tinha a camisa, e esse foi o primeiro contato dele com estádio. O primeiro estádio que ele teve contato foi o do Paulista, ele até se emocionou. Esse com certeza vai ser torcedor, independente se daqui 20 anos o clube vai existir ou não”.



Saída do Estádio Jayme Cintra. Existe saída para o Paulista? Foto: Lucas Zacari

Tabela com jogos citados, ordenados anualmente (destaque para os gols do Paulista)

Jogos	Competição	Ano	Estádio	Gols
Paulista 0 x 1 América-RN	Campeonato Brasileiro Série B	2006	Jayne Cintra	Souza
Paulista 0 x 2 Portuguesa	Campeonato Brasileiro Série B	2006	Jayne Cintra	Souza, Leonardo Silva
Guaratinguetá 1 x 0 Paulista	Torneio do Interior	2007	Estádio Municipal Professor Dario Rodrigues Leite	Carlinhos
Paulista 1 x 2 Guaratinguetá	Torneio do Interior	2007	Jayne Cintra	Marcos Denner; Alê, Vandinho
Paulista 0 x 0 Duque de Caxias	Campeonato Brasileiro Série C	2008	Jayne Cintra	-
Paulista 4 x 1 Guaratinguetá	Campeonato Paulista	2009	Jayne Cintra	Felipe Azevedo, Zé Carlos (2x), Marcelo Toscano; Lins
Paulista 0 x 0 Macaé	Campeonato Brasileiro Série D	2009	Jayne Cintra	-
Macaé 3 x 1 Paulista	Campeonato Brasileiro Série D	2009	Godofredo Cruz	André, Anderson (2x); Diogo
Votoraty 5 x 1 Paulista	Copa Paulista	2009	Estádio Municipal Domênico Paolo Metidieri	Rafinha (2x), Helder, Paulo Krauss(2x); Beto (contra)
Red Bull Brasil 1 x 1 Paulista	Copa Paulista	2010	Jayne Cintra	Oliveira; Fábio Gomes
Paulista 1 x 1 Red Bull Brasil	Copa Paulista	2010	Jayne Cintra	Rodrigo Sabiá; Alex Rafael
Paulista 2 x 0 Comercial	Copa Paulista	2011	Jayne Cintra	Alan Mineiro, Reinaldo
Comercial 2 x 1 Paulista	Copa Paulista	2011	Santa Cruz	Henan (2x); Carlão

Paulista 1 x 0 Red Bull Brasil	Copinha	2017	Jayme Cintra	Mateus "Criciúma" Barbosa
Paulista 1 x 0 Vitória da Conquista	Copinha	2017	Jayme Cintra	Arthur
Paulista 1 x 0 Joinville	Copinha	2017	Jayme Cintra	Maurílio
Paulista 1 x 0 Atlético Goianiense	Copinha	2017	Jayme Cintra	Molter
Paulista 1 x 0 Red Bull Brasil	Copinha	2017	Jayme Cintra	Brendon
São Carlos 1 x 2 Paulista	Copinha	2017	Jayme Cintra	Pedro; Mateus "Criciúma" Barbosa, Molter
Paulista 1 x 0 Chapecoense	Copinha	2017	Jayme Cintra	Brayan
Batatais 1 x 5 Paulista	Copinha	2017	Jayme Cintra	Douglas Pote; Maurílio, Brayan, Molter (2x), Matheus Sylvestre
Batatais 1 x 2 Corinthians	Copinha	2017	Pacaembu	Douglas Pote; Carlinhos, Marquinhos
Marília 0 x 0 Paulista	Campeonato Paulista Segunda Divisão	2019	Bento de Abreu	-
Paulista 3 x 3 Marília	Campeonato Paulista Segunda Divisão	2019	Jayme Cintra	João Paulo (2x), Matheus Morais; Bruno, Breno, Dener
Batatais 0 x 4 Linense	Campeonato Paulista Série A3	2020	Estádio Municipal Antonio Gomes Martins	Jayne, Thiago, João, Roberth (contra)
Paulista 2 x 3 Olímpia	Campeonato Paulista Série A3	2020	Jayme Cintra	Leandro, Jean; Doriva (2x), Liquinha
Desportivo Brasil 2 x 3 Paulista	Campeonato Paulista Série A3	2020	Estádio Municipal Ernesto Rocco	Bruno, Giovanny; Leonardo, Alex, Everton

Paulista 0 x 1 Jabaquara	Jogo-treino	2023	Clube de Campo do Sindicato dos Metalúrgicos de Jundiaí	Sem informações (partida suspensa)
Paulista 4 x 3 Rio Branco	Campeonato Paulista Segunda Divisão	2023	Jayme Cintra	Paulinho, Arian, Arthur, Natan; Gustavo (2x), Jair
Ska Brasil 1 x 0 Paulista	Campeonato Paulista Segunda Divisão	2023	Estádio Municipal Santana de Parnaíba	Felipe Henrique
Rio Branco 3 x 2 Amparo	Campeonato Paulista Segunda Divisão	2023	Décio Vitta (Riobrancão)	Cauari, Carlos Williams; Vitor (2x)
Paulista 0 x 2 União Barbarense	Campeonato Paulista Segunda Divisão	2023	Jayme Cintra	Diego (2x)
Palmeiras 3 x 1 Taubaté	Campeonato Paulista Feminino Sub-15	2023	Jayme Cintra	Any, Keth (2x); Ana

Fotos



Ingresso da Copa Paulista de 2013, um ano antes do início das quedas estaduais. Foto: Lucas Zacari



Alojamento para jogadores e funcionários do Paulista, embaixo das arquibancadas. Foto: Lucas Zacari



Exemplo das publicidades feitas nas paredes do Jayme Cintra. Foto: Lucas Zacari



Loja oficial do Paulista, fechada no dia da visita. Foto: Lucas Zacari



A esperança de retorno

O futuro aguardado para o Paulista

No hino oficial do Paulista Futebol Clube¹, três versos em questão parecem estar diretamente relacionados com o momento atual da agremiação: “*Mas se a luta te enfraquece, / A poder dos desenganos, / A história não te esquece*”. E foi justamente nesse sentido de tentar recuperar um clube desgastado através da história que surgiu o movimento *De Volta aos Trilhos*.

Essa ideia de retorno às origens surge a partir de um movimento das arquibancadas do Jayme Cintra, explica Lucas Rodrigues. “Ele surge de inquietação, de indignação, de um monte de sentimento ruim, na verdade, com relação ao próprio Paulista. Tá todo mundo querendo sempre entender como é que se pode ajudar o clube, reivindicando uma participação interna. A gente entende que dá pra fazer isso lá dentro, movimentar uma vida realmente comunitária em torno do time. A partir desse entendimento e dessas indignações, de não ter o nosso direito de participar socialmente e politicamente do clube que o movimento decide atuar, de maneira paralela, para tentar promover um resgate histórico”, apresenta.

Junto a isso, o fantasma do fechamento rondando a equipe jundiaiense, principalmente durante a década de 2010, impulsionou a atuação do movimento: “Enquanto tiver gente que se importe, o Paulista não acaba. A ameaça de fechar as portas por não ser viável, partindo de dentro do clube, de pessoas com cargo dentro do campo, isso incomoda. É uma cultura meio que de coitadismo em que o clube fica pedindo ajuda. O clube precisa também se posicionar proativamente e começar a desenvolver uma série de ações, que é o que a gente do *De Volta aos Trilhos* acredita. É uma reaproximação com a sociedade no geral, seja via poder público, via empresariado, pelas próprias pessoas, promoção de evento e promoção de uma vida comunitária em torno do clube”, pontua o atual segundo vice-

1. Disponível em <http://2016.futebolpaulista.com.br/clube/12/Paulista/Hino>. Acesso em 20 out. 2023

presidente do Paulista. Em paralelo a isso, Ivan Gottardo, também integrante do movimento de resgate histórico e diretor de patrimônio do clube, ressalta que essa sensação ainda é presente no dia-a-dia do Paulista. “O principal problema hoje do clube é a falta de estrutura, desde o começo da sequência de rebaixamentos foi assim. Todo ano no Paulista era essa dúvida se iria jogar, se iria fechar, mesmo em épocas que tinham dinheiro. E hoje está muito mais. O que mais atrapalha o clube são as dívidas que foram feitas durante esses anos, nas gestões pós-Parmalat. Teve muita administração que não se preocupou em ter os salários em dia, por exemplo, como hoje se preocupa. Pode até pagar esse pouco, mas o combinado é pago”, relata.

Todo esse cenário fez com que a mobilização fosse lançada. O início do projeto aconteceu com algumas ações pontuais ainda em 2019. “Quando o Paulista subiu da Bezinha para A3, a gente fez uma campanha para vender ingressos na semifinal, pro jogo que seria do acesso, e foi um ótimo resultado. Colocamos cartazes em comércios da cidade, nas redes sociais, para ajudar o clube”, relembra Ivan. Mas foi justamente em um período sem jogos e que pensar no passado poderia auxiliar na discussão sobre o futuro mundial, não só do Paulista: o manifesto do *De Volta aos Trilhos* é publicado em 14 de abril de 2020, um mês e três dias após a OMS (Organização Mundial de Saúde) decretar o início da pandemia de coronavírus². Em meio a incertezas da vida, o ressurgimento com base na história poderia mudar o momento dos jundiaienses. No documento em questão, o cerne do texto parte por alguns conceitos-chave, como proatividade, protagonismo, sustentabilidade, acolhimento de Jundiaí e das cidades ao entorno e,



Torcedor do Paulista em frente à Catedral Nossa Senhora do Desterro. Foto: Jonas Arbo/*De Volta aos Trilhos*

2. Disponível em <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em 23 out. 2023

principalmente, história. O antepenúltimo parágrafo, “acreditamos que o resgate histórico reacende o orgulho e enfatiza a grandeza de uma instituição, bem como a cooperação mútua e a responsabilidade social reaproximam clube e comunidade dos trilhos que nos levarão ao futuro”, traz um resumo do que esse movimento procura.

Mesmo à distância, houve uma grande movimentação para recolocar o Paulista como tópico de assunto do município. Em agosto daquele ano, por exemplo, em meio ao Mês do Patrimônio Histórico e Cultural, promovido pelo Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Jundiaí (COMPAC), os integrantes do *De Volta aos Trilhos* fizeram duas apresentações para apresentar o projeto e o histórico do clube. A primeira, conduzida por Ivan, era para contar sobre o seu livro, *1968 o ano em que o Galo cantou*, com a história do primeiro acesso à primeira divisão dos jundiaienses. Já a segunda, apresentada pelo Lucas e também por Jonas Arbo, lançou uma exposição de fotos *Paulista no isolamento*, tratando tanto sobre o aspecto pandêmico, mas também da ideia de distanciamento entre cidade e time, além de uma explanação sobre o movimento. Antes disso, em comemoração ao centenário do primeiro título da história do Galo da Japi, o Campeonato do Interior de 1919³ – adiado devido à gripe espanhola –, o grupo publicou uma série de textos e fotos contando sobre esse momento.

“Temos esse trabalho de contar o contexto todo da história. Falar o que era o Paulista na época, com onze anos de idade e menos de cinco competindo, porque antes eram só quadros internos. A gente faz uma capinha de jornal, simulando o jornal da época. Fala um pouco

3. Disponível em <https://medium.com/@devoltaostrilhos/100-anos-do-primeiro-t%C3%ADtulo-paulista-campe%C3%A3o-do-interior-8955a3bebf3>. Acesso em 23 out. 2023

sobre a ferrovia, que era forte pra caramba e era da onde nasceu o clube. Fala sobre o mercado de café, o carro chefe do estado de São Paulo. Começa a falar de Jundiaí, o que tinha, o tamanho da cidade. Dadas essas proporções, o clube disputar o Torneio do Interior, ainda como amador, é um título muito relevante”, explica Lucas sobre a dimensão do trabalho.

Mesmo com a relação intimista e, por vezes, conflituosa entre clube e cidade, há o entendimento da importância do primeiro para o segundo – o Compac tornou o Paulista patrimônio imaterial do município, em 2018. Com isso,

houve ainda uma mobilização para que a Orquestra Sinfônica de Jundiaí regravasse o hino da equipe, atendida em novembro de 2020. De máscaras e com camisas retrô de 1984, com o patrocínio da empresa de calçados da Vulcabras e o número 9 nas costas, os integrantes da banda foram ao gramado e às arquibancadas do



Os músicos da Orquestra Sinfônica de Jundiaí gravando o hino do Paulista no Jayme Cintra. Foto: Jonas Arbo/*De Volta aos Trilhos*

Jayme Cintra para gravar a música⁴.

Apesar de não fazer parte do movimento, a criação da camisa feita por Gianluca Costa e utilizada pelos jundiaienses entre 2021 e 2023 segue a mesma lógica do *De Volta aos Trilhos*: resgatar o passado e a relação local para trilhar um futuro melhor para o clube. “O que eu quis trazer”, explica o publicitário, “foi unir a tradição da cidade junto com a do clube, não tem como separar uma coisa da outra. Se o Paulista é formado pela ferrovia e Jundiaí também, e eu acredito nesse discurso que um está ligado no outro, não tem como fazer diferente”. Ivan segue uma linha semelhante acerca da importância de ações de torcedores comuns para a perpetuação da

história: “Tem a ver um pouco com a minha trajetória também. Eu comecei a pesquisar a história do Paulista há uns vinte anos, reunindo material, levantei todos os jogos do clube, escalações, maior artilheiro, quem jogou mais. Mas nunca teve esse registro, ninguém sabia dizer quem eram essas pessoas. Fui pesquisando por curiosidade no início e aí fui criando esse material. Mesmo ainda não fazendo parte do clube, isso poderia ajudar de alguma forma nas necessidades, a ideia sempre foi essa”.

Lucas entende que, além de resguardar momentos especiais do clube que ama, para poder manter acesa a busca por esse passado glorioso, o *De Volta aos Trilhos* permitiu “ganhar um pouco de representatividade e de voz para defender as pautas do que a gente acredita de dentro do clube”.

Solução via empresarial

São poucos clubes do futebol brasileiro – para não dizer quase nenhum – que conseguem dizer que são saudáveis financeiramente. O relatório *Finanças, História e Mercado do Futebol Brasileiro*, das consultorias Convocados, Outfield e da companhia de investimentos Galápagos Capital mostrou que, em 2022, a dívida somada dos clubes da Série A ampliada (os 20 que disputaram o campeonato nacional mais os quatro que conquistaram o acesso) ultrapassou os R\$ 10 bilhões de dólares. Além disso, com relação à geração de caixa, o estudo pontuou que somente o Flamengo conseguiu operar o clube de maneira sustentável e confortável.

Isso posto, uma das grandes discussões é se a mudança do modelo associativo dos times de futebol para virar uma SAF (Sociedade Anônima do Futebol) é um dos grandes debates pautados na mídia esportiva e internamente nos clubes. Com a implantação da Lei nº 14.193, de 06 de agosto de 2021, o modelo empresarial passou a ser regulamentado e incentivado no Brasil. Desta forma, os clubes precisam ter uma atuação financeiramente mais saudável, regidos como empresas, atuando sob normas de governança, transparência e controle de financiamentos. Um ano depois da instituição legislativa,

4. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tgHv8EaHywk>. Acesso em 23 out. 2023

24 clubes já haviam se transformado em SAF⁵, das mais diversas divisões nacionais. No Brasileirão de 2023, metade dos 20 times da competição são geridos através desse modelo: América-MG, Atlético-MG, Bahia, Botafogo, Coritiba, Cruzeiro, Cuiabá, Fortaleza e Vasco.

Para o Paulista, existe um entendimento quase unânime por parte dos torcedores de que a transformação em SAF é a única forma de tirar o clube jundiaiense da situação em que se encontra. Em dezembro de 2022, houve votações no conselho administrativo e entre os sócios do clube aprovando o modelo empresarial⁶, aguardando trâmites burocráticos e legais para a transformação completa. “Eu como um amante do futebol de interior, não gosto tanto de SAF”, ressalta Arthur Belvel, estudante de engenharia mecânica, “mas como alguém que é apaixonado e vive pelo Paulista, eu entendo que esse modelo é a única solução. Mas sozinha ela não resolve o problema do clube, a bagunça fiscal e jurídica que está lá. Precisa organizar o time e, só aí, fazer uma boa SAF”. O radialista Adilson Freddo concorda com a visão de que essa é a única saída, mas não enxerga interessados em organizar todos os problemas: “Encontrar alguém que está interessado em chegar e pagar a conta alta, vai ser complicado. R\$ 57 milhões, se você deixar aplicado em uma conta de poupança, vai te dar R\$ 570 mil por mês. Você acha que alguém que pode tirar R\$ 570 mil reais por mês limpo vai querer se meter com o Paulista? Sabendo que esse valor é apenas para pagar uma dívida e que, para crescer, vai ter que ter criar uma outra dívida para contratar jogadores, para melhorar as condições do estádio, para fazer publicidade e trazer o time de volta, disputar campeonato, subir de divisão todo ano? Gasta R\$ 57 milhões para deixar o clube zerado, mas depois sabe lá Deus quanto você vai gastar para poder levantar o clube, e sem ter certeza se vai conseguir subir, já que o futebol não é uma ciência exata”. A preocupação citada por Adilson acontece pelo

5. Disponível em <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/columnas/rodrigo-mattos/2022/08/11/apos-um-ano-de-lei-brasil-ja-tem-24-clubes-saf-e-ha-previsao-de-expansao.htm>. Acesso em 23 out. 2023

6. Disponível em <https://sampi.net.br/jundiai/noticias/2672163/geral/2022/12/paulista-se-transforma-em-saf-e-apresenta-investidor-que-vai-colocar-r-100-milhoes->. Acesso em 24 out 2023.

compromisso regulamentado em lei de que o responsável pela SAF é obrigado a pagar todas as dívidas concebidas enquanto o clube era uma sociedade anônima.

Ser gerido por uma empresa ou por meio de parcerias, como visto nos capítulos anteriores, já faz parte da história dos jundiaienses, seja pro lado positivo, seja para o lado negativo. “O Paulista foi um dos primeiros clubes a ser clube-empresa”, ressalta a publicitária Valeska Barboza. Antes dele, o União São João de Araras é considerado o pioneiro desse modelo no país, ao ser comprado pela dupla de empresários José Mário Pavan e Iko Martins, em 1994. Depois de revelar o lateral pentacampeão mundial Roberto Carlos e conquistar a Série B do Brasileiro de 1996, o clube do interior paulista também teve uma queda vertiginosa. Mas parece tentar se reerguer: em outubro de 2023, após 27 anos sem títulos, o União São João conquistou a Bezinha⁷, o mesmo torneio em que o Paulista foi rebaixado. Esse conceito de parceria, de acordo com análise de Marco Sirangelo, especialista em gestão esportiva, presente no livro *Clube Empresa: abordagens críticas globais às sociedades anônimas no futebol*, do jornalista Irlan Simões, de 2020, parece ter trazido uma toada semelhante para todos aqueles que aderiram a esse modelo de negócio na década de 1990. Dificuldades financeiras do fim dessas parcerias, por vezes com as empresas encerrando o contrato por dificuldades no pagamento, deixaram resquícios nos clubes durante anos, além de trazer uma imagem de estabilidade e efetividade em campo que não necessariamente aconteceu em todos os casos.

Retornando o foco para Jundiaí, a empresa de condutores elétricos Lousano e a de laticínios Parmalat, por meio da marca de molho de tomate Etti, mais do que estampar a camisa com patrocínio, alteraram os nomes e os símbolos do clube. Algo que, na visão de Lucas, o teria afastado do Paulista se isso acontecesse atualmente: “É uma época muito delicada pensando naquilo que eu acredito como ligação, futebol e cultura. Quando a gente está com a gestão da Parmalat, o clube passa a se chamar Etti Jundiaí. Se eu tivesse a idade que

7. Disponível em <https://radios.ebc.com.br/no-mundo-da-bola/2023/10/primeiro-clube-empresado-pais-uniao-sao-joao-de-araras-renasce-em-sao>. Acesso em 24 out. 2023

tenho hoje e entendesse o futebol da maneira que entendo hoje, eu iria na torcida visitante, protestaria, faria faixa, torceria contra. É paradoxal, porque a época de maior sucesso esportivo da equipe começa com a parceria com a Parmalat. Então ao mesmo tempo que você se descaracteriza completamente, vem gente pro estádio. Narra-se que a galera não gostou da mudança de nome e brigou para que voltasse, depois teve plebiscito para voltar a chamar Paulista, mas dentro do campo dava tudo certo”. Arthur ainda relembrou que um dos motivos para a empresa de laticínios alterar o nome do clube era comercial: “Não sei se você sabe o porquê mudou o nome assim, de maneira tão severa. Mas uma das concorrentes da Parmalat é a Leite Paulista, então precisaram mudar por conta disso”. Além da mudança do nome para Etti Jundiaí, o uniforme da equipe também mudou: “A camisa do Paulista, que era tricolor, passou a ser uniforme todo vermelho, para lembrar a massa de tomate”, ressalta Adilson

Entre 2018 e 2019, a marca de energéticos Red Bull chegou a propor a retomada do modelo de clube-empresa para o Paulista, mas que não foi para frente. À época, a empresa já era dona do Red Bull Brasil, que mandava os jogos em Campinas, desde 2007, mas gostaria de encontrar um novo time, com maior tradição e potencial de atrair público. Com isso, a parceria traria o aporte financeiro necessário para o clube, além de recolocar os jundiaienses nas principais competições – o Paulista tomaria o lugar do clube campineiro na série A1 do Paulistão e na quarta divisão nacional⁸.

Apesar dos aparentes benefícios financeiros e esportivos, a nova descaracterização dos símbolos clássicos da equipe era um ponto de debate e resistência. “Eu sou meio purista”, ressalta Arthur, “gosto do nome ‘Paulista’, ‘Paulista Futebol Clube’, ‘Paulista de Jundiaí’. Acho que ficar mudando de nome não foi um bom negócio para o time. Eu não queria que virasse Red Bull Paulista”. Já Gianluca entende de forma diferente: “Eu tinha certeza que se o clube assinasse com a marca, esse problema de gestão teria ido embora. Mas ninguém sabe o porquê não aconteceu. Cada um fala uma história diferente

mas é uma pena. O pessoal até reclama que poderia mudar o nome. Mas quando o Paulista se acertou com a Parmalat, também mudou, com a Lousano, a mesma coisa, e o clube continuou. Então acho que quem fala isso não está ligado na história do time”.

Além da recusa na troca dos símbolos, a própria dívida do Paulista emperrou as negociações e fez com que a empresa se decidisse por comprar outro clube do interior paulista: o Bragantino⁹. Campeão da Série B do Brasileiro em 1989, do Paulistão em 1990 e vice-campeão nacional em 1991, a equipe de Bragança Paulista estava em uma situação esportiva e financeira mais favorável, prestes a disputar a segunda divisão nacional quando foi feita a fusão, em 2019, torneio em que foi campeão. Desde então, apesar de ter se tornado Red Bull Bragantino e ter camisas e escudos alterados para o design dos outros times da marca, o time se manteve na Série A nacional e começou a ter campanhas de destaque, chegando ao vice-campeonato da Copa Sul-Americana em 2021 e disputando as primeiras posições da tabela no Brasileiro de 2023. Valeska pontua que a administração proposta passou a ser essencial para o sucesso em campo: “Quando a Red Bull veio atrás para investir, teve um pouco de resistência do próprio clube. E no futebol moderno, a gente viu que, infelizmente, não basta ter história e elenco, se não tiver marketing e dinheiro, não vai ter resultados”.

Mais do que mudanças institucionais e identitárias, a reestruturação da gestão esportiva é um dos principais atrativos para a transformação em SAF ou clube-empresa. O treinador Vagner Mancini, que também jogou pelo Etti Jundiaí entre 2000 e 2003, conta que, à época, o modelo empresarial chamava a atenção dos atletas: “Era um clube muito estruturado, que pagava em dia, e todo mundo queria exatamente isso. Porque naquela oportunidade, a gente vivia uma situação de muito atraso de salários, os clubes não pagavam e não tinha como exigir através da justiça, era muito mais desorganizado do que hoje. Por isso todo mundo queria fazer parte de um clube-empresa, porque sabia que ali existiria mais profissionalismo do que nos outros clubes”.

8. Disponível em <https://www.futebolinterior.com.br/paulista-de-jundiai-admite-possibilidade-de-fusao-com-red-bull-em-2019/>. Acesso em 25 out. 2023

9. Disponível em https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/5535855/red-bull-bragantino-entenda-como-o-novo-time-paulista-ira-funcionar. Acesso em 25 out. 2023

E isso realmente acontecia no Paulista". Além disso, o ídolo afirma que a mudança dos símbolos não alterava a paixão do jundiaiense com o clube. "Embora o nome tenha sido alterado para Etti Jundiaí, nós tínhamos um apoio maciço da comunidade. O Paulista é um clube muito querido por todos os moradores de Jundiaí. Então, nesse sentido, não tínhamos nada que nos atrapalhasse. Apesar da torcida cantar Etti Jundiaí, era o Paulista que estava ali. E uma coisa que sempre chamou a atenção de quem atuava, quem estava dentro de campo, era como a torcida se comportava, sempre com muito amor ao clube", ressalta.

Apesar da perspectiva de que a SAF seria a salvação do Paulista, existe o pensamento por parte dos torcedores de que é preciso cuidado para quem o clube será vendido. "Tem que fazer uma venda legal para alguém que me apresente um modelo de negócios bom, convincente e que vai fazer o Paulista voltar a ser relevante no futebol", explica Lucas. O atual segundo vice-presidente continua: "Não posso vender para um cara que queira só fazer categoria de base e não subir nunca. Se eu tiver um investidor desse no Paulista, vou ficar eternamente na mesma frustração. Então hoje eu entregaria na mão de alguém que se comprometesse a pagar a dívida e tivesse um modelo de negócio que fosse do clube ascender divisões e voltar pelo menos a jogar uma série A2 ou a série A1 e a Série B". Dois modelos em evidência no futebol brasileiro foram citados e comparados como modelos do que seguir (ou não seguir): "Para o Paulista voltar a ser grande e brigar por alguma coisa é preciso de uma SAF limpa, aberta para o torcedor, para poder fazer o negócio sério. Ser feito como, por exemplo, no Botafogo. Se fizer igual ao Vasco, vai continuar do jeito que está", afirma o operador de produção Alex Rossi. Enquanto a Estrela Solitária foi comprada pelo empresário televisivo estadunidense John Textor, o Gigante da Colina é atualmente gerido pela instituição de investimentos 777 Partners. No Brasileirão de 2023, no momento da escrita deste livro, os cariocas estão em posições quase que diametralmente opostas: o Botafogo disputa o título da competição e o Vasco luta contra mais um rebaixamento, sendo que este ainda teve que contar com a empresa

começar a pagar os valores devidos no último dia do prazo para não perder o controle da gestão do futebol¹⁰.

Os jundiaenses já começaram as tratativas para sair do modelo de associação e se tornar uma Sociedade Anônima. Ivan apresenta que "o clube está procurando e recebendo propostas, mas também está sendo feito todo um estudo de quem vem atrás e com qual intenção, para que o Paulista não caia também numa armadilha. Ao mesmo tempo que pode ter essa preocupação com a gestão, pode ter também um aventureiro que não tenha nenhuma identificação e que vai usar o clube, esportivamente, para ele, tanto faz como tanto faz. A intenção do clube é que seja alguém com uma visão no futebol profissional que realmente queira tirar o time dessa situação, voltar pelo menos para onde estava há dez, quinze anos". Entre o final de 2022 e o início de 2023, o Paulista viveu a expectativa de que o investidor local Víctor Monteiro, representante da empresa do ramo financeiro Two Me, colocasse dinheiro no clube, para quitar as dívidas do estádio e bancar a equipe¹¹. No entanto, logo a primeira parcela de R\$ 300 mil prometida não foi cumprida no prazo dado (31 de janeiro de 2023), o que emperrou o processo. Em nota ao ge em 3 de fevereiro¹², a empresa afirmou que o atraso ocorreu por problemas burocráticos, mas que mantém o interesse no aporte financeiro. Lucas explica que, com todas as dificuldades que rondam o Galo da Japi, é mais do que necessário apelar para a relação com Jundiaí para tentar atrair possíveis investidores. "A cidade é extremamente atrativa para investimento, é ótima. Eu tenho que começar a usar argumentos que extrapolam o futebol, aspectos culturais e do imaginário. O Paulista hoje é patrimônio imaterial do município, então eu tenho que usar esses argumentos, porque no futebol só tenho o estádio. Não tenho mais nada para oferecer como

10. Disponível em <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/columnas/rodrigo-mattos/2023/10/05/777-paga-vasco-no-prazo-final-e-evita-perda-de-controle-do-futebol.htm>. Acesso em 26 out. 2023

11. Disponível em <https://www.futebolinterior.com.br/socios-do-paulista-conhecem-proposta-saf/>. Acesso em 26 out. 2023

12. Disponível em <https://ge.globo.com/sp/tem-esporte/futebol/times/paulista/noticia/2023/02/03/o-outro-lado-da-saf-investidor-reitera-interesse-no-paulista-mas-nao-preve-data-para-pagar-parcela.htm>. Acesso em 26 out. 2023

atrativo, nem mesmo categoria de base. Mas eu tenho que vender”, apresenta o segundo vice-presidente.

Arthur afirma que, antes mesmo da possibilidade de se mudar para esse estilo de gestão, é necessário passar por mudanças estruturais: “Acho que precisa de uma SAF adequada, mas não acredito que alguém vá se meter na situação jurídica em que está o Paulista. É legal sonhar, mas, na minha visão, tem que ter uma solução interna sem SAF, tem que começar a fazer o time andar direito”. O pensamento vai ao encontro da fala de Alex: “Para dar certo, a primeira coisa é limpar o que tá lá. Se for pra investir, que seja uma pessoa séria, para botar o dinheiro, prestar contas, colocar uma equipe que realmente entenda, para gerir o futebol profissionalmente. Se chegar e largar na mão de quem tá, vai acontecer o que sempre aconteceu: vão começar a errar, o investidor vai parar de pôr dinheiro, vão brigar, vão pôr o contrato na mesa, vão ressentir, o Paulista vai ficar na mão de novo, é o que sempre aconteceu”.

Mesmo com as preocupações que o novo modelo possa causar no Galo da Japi, a ideia de SAF ainda é tratada como a principal forma de tentar retomar, mesmo que minimamente, aos anos dourados da história do clube. “A lei permite um parcelamento das dívidas, o que dá um alívio para se manter”, pontua Ivan sobre o aspecto financeiro. O diretor de patrimônio segue: “Com uma gestão mais profissional, vendo o clube como uma empresa, eu acho que isso é o principal. O futebol no Brasil, até nos clubes grandes, sempre foi muito amador, os dirigentes só pensam naquele momento e pouco no futuro do clube. Tem uma gestão de dois, três anos, e o outro que se vire com o que tiver aí. A partir do momento que virar uma SAF, vai ter um gestor e vai mudar esse pensamento”.



Placa de presidência dentro do Jayme Cintra. Foto: Lucas Zacari

A base tem que vir forte

A formação de jogadores, que sempre foi um destaque dentro do Paulista, é outro ponto que, para os torcedores, é essencial que seja retomada para a volta por cima dos jundiaienses. A própria conquista da Copa do Brasil, por exemplo, tem nas divisões de base a espinha dorsal da equipe. “Dos 18 jogadores que foram relacionados para a final, 14 eram formados no Paulista de Jundiaí”, relembra Mancini. Adilson, por sua vez, montou a escalação do onze titular da decisão e ressaltou o caráter formador das principais peças: o goleiro Rafael Bracalli, os laterais Lucas e Julinho, os meio-campistas Amaral e Cristian, e o atacante Márcio Mossoró.

Contudo, nessas últimas décadas, as categorias de base não tem recebido um olhar tão direcionado, o que prejudica tanto o desempenho da equipe quanto a situação financeira. Para Adilson, a explicação para os maus resultados no profissional é justamente a falta de incentivos às divisões de base do Paulista. “Sem a base, o clube teve que contratar um time por ano. Isso não promove o entrosamento e não vai conseguir manter e valorizar o seu próprio patrimônio, já que, junto com a torcida, os jogadores são os maiores patrimônios de um clube. Atletas que vêm de fora, que não foram criados no clube, não tem sentimento de amor pela camisa, são profissionais”, explica o radialista.

Além de grandes jóias que podem ser lapidadas e se tornarem jogadores de destaque do futebol e trazerem resultado em campo, esses ativos – mantendo a linguagem empresarial de um possível futuro do Paulista – tem a possibilidade de gerar uma receita muito acima àquela que foi investida em sua formação. Apresentando um exemplo superlativo, mas que ressalta a situação, o Flamengo concretizou em maio de 2017 a venda do atacante Vinícius Júnior ao Real Madrid, pelo valor de 45 milhões de euros¹³ (na cotação da época, R\$ 164 milhões; hoje, esse valor seria por volta de R\$ 238 milhões). A monografia *Custos com Atletas das Categorias de Base em Clubes Brasileiros de Futebol*, feita por Bruna Eduarda Tasca

13. Disponível em <https://ge.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/real-madrid-anuncia-a-contratacao-de-vinicius-junior-do-flamengo.ghhtml>. Acesso em 28 out. 2023

na Universidade de Caxias do Sul em 2022, apresentou que o valor gasto por atleta de base no clube carioca era de R\$ 765,24 mil em 2018. Comparando os dois valores, houve um ganho de cerca de 21.331% com uma única venda de jogador para o exterior.

Mas nem é preciso ir para tão longe ou jogadores de nível tão alto para mudar a situação de um clube, apresentado por Ivan. “Principalmente para um clube pequeno, muito mais do que investir no profissional, a grande solução é investir na base. Você pega o exemplo do Mirassol. Vendeu o atacante Luiz Araújo para o São Paulo e depois o jogador saiu para a Europa. Com só um jogador, o time construiu um centro de treinamento. Lógico que você tem que manter o profissional, mas como o calendário é curto, acho que é preciso dar uma atenção maior a isso”, pontua o diretor de patrimônio do Paulista. A equipe do noroeste do estado de São Paulo utilizou verba de R\$ 6 milhões para construir um CT com a transferência do atacante ao Lille, da França, após ser vendido pelos são-paulinos em junho de 2017¹⁴. Por ter 30% dos direitos econômicos de Araújo, o Mirassol arrecadou R\$ 11,4 milhões de um total de R\$ 38 milhões gastos pelos franceses. Desde a construção da estrutura, a equipe chegou ao terceiro lugar do Paulistão de 2020, além de conquistar os títulos de 2020 e 2021 da Série D e C nacional, respectivamente.

No ano de 2023, o Paulista contou com apenas duas faixas etárias de categorias de base, o sub-15 e o sub-17. Os resultados nas competições oficiais da Federação Paulista em que contaram com os jundiaienses seguiram o desempenho da equipe profissional: queda nas primeiras fases do Paulistão, encerrando a participação ainda no primeiro semestre. “O time precisa voltar a dar a devida atenção para as categorias de base, que sempre funcionaram”, explica Arthur.

Para completar o calendário das faixas etárias, o Galo da Japi está participando da Paulista Cup, campeonato organizado pela entidade homônima e voltado justamente para a manutenção de equipes de base do estado de São Paulo, sobretudo daqueles que não estão participando das fases finais dos torneios da Federação Paulista de

14. Disponível em <https://ge.globo.com/sp/tem-esporte/futebol/times/mirassol/noticia/mirassol-constrói-ct-de-r-6-milhões-com-dinheiro-da-venda-de-promessa-do-sao-paulo.ghtml>. Acesso em 28 out. 2023

Futebol. Nesse campeonato, ao menos até o momento de escrita deste livro, o time pode trazer um pouco, mesmo que mínimo, de sentimento de alegria ao seu torcedor, já que ambas categorias do Paulista se classificaram para as fases de 32 avos de final. Ivan explica que os jundiaienses sempre participam de competições como essa, mas que serviam para motivos diferenciados: “Antes servia como uma preparação para a Copinha, mas como esse ano não estamos com sub-20, então será para manter mesmo as categorias de base em atividade”.

O retorno à Copa São Paulo de Futebol Júnior é, também, uma demanda dos torcedores. Em 2023, o Paulista não participou do torneio alegando dificuldades financeiras¹⁵, cenário que se repetirá para 2024, já que a inscrição no torneio era até 29 de setembro¹⁶ e não houve movimentação por parte do clube para essa entrada. Mais do que uma competição prestigiosa e com passado glorioso para o Paulista, Arthur entende que essa é uma forma de aproximar clube e município: “A gente precisa disputar a Copinha, é um campeonato excelente para trazer a molecada. Jundiaí ama o campeonato, a cidade para, muita gente vai para o Jayme Cintra assistir ao jogo”. Gianluca, que expressou a relação próxima que teve com o torneio de 2017 e que, pela falsificação ideológica, não pode disputar a final, ressalta que a Copinha é importante para tentar fidelizar torcedores. “Hoje você vê que a molecada vai para o estádio por conta da família, não é que querem ver realmente o Paulista jogar. Aí você vê que a criança está correndo, tomando sorvete, menos vendo o jogo. Até tem um pouco de inveja porque ela não

15. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CidYX0lJoI7/>. Acesso em 28 de out. 2023

16. Disponível em <https://futebolpaulista.com.br/Noticias/Detalhe.aspx?Noticia=25229>. Acesso em 29 out. 2023



As cadeiras enchendo durante a Taça das Favelas. Foto: Lucas Zacari

está vendo esse jogo (risos), mas tem essa parte que sente falta. Vendo os torcedores jovens das equipes da capital, por exemplo, a molecada está torcendo, gritando, sabendo os gritos”, pontua o publicitário. O diretor de patrimônio Ivan explicou que, quando uma equipe é sede da Copa São Paulo de Futebol Júnior, ela é responsável também por custear transportes e hospedagens dos outros times que irão jogar no estádio, uma condição que, no momento, está longe de ser promovida pelo Galo da Japi. Além disso, o regulamento específico da competição apresenta que os clubes também são responsáveis por custear despesas relacionadas à saúde, como a presença de ambulâncias no campo de jogo, policiamento e outras obrigações não discriminadas.

Nomes de sucesso no futebol brasileiro como Nenê, Réver e Victor demonstram um pouco desse passado formador do clube. Se o Paulista procura retornar a um mínimo de relevância estadual ou nacional, há o entendimento de que é preciso buscar essa característica de volta. “O Paulista é tipo um Santos do interior nesse sentido. Tem aquela piada de que, quando o Santos está indo mal, sobe alguém do sub-15 para jogar e salva a equipe naquele ano. O Galo tem uma base muito forte, mas que não apresenta resultado. O que tem que acontecer com o Paulista é isso, voltar a dar atenção à base que, querendo ou não, o campeonato que vamos disputar vai só até 23 anos, então tem que ter jogador da cidade bom. Precisa olhar para a molecada da região metropolitana de Jundiaí”, pontua Arthur.

Um futuro para elas

Para além do debate sobre a utilização do Jayme Cintra pela equipe feminina do Palmeiras, a verdade é que o futebol de mulheres tem aumentado a participação dentro do cenário nacional. Na partida final do Campeonato Brasileiro de 2023, disputada entre Corinthians e Ferroviária, 42.556 pessoas acompanharam a vitória das Brabas (como as corinthianas são conhecidas) na Neo Química Arena, em São Paulo, batendo o recorde de público sul-americano do futebol feminino¹⁷. Para efeito de comparação, o recorde mundial é de

17. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/noticias/corinthians-bate-recorde-de-maior-publico-sul-americano-no-futebol-feminino/>. Acesso em 29 out. 2023

91.648 torcedores¹⁸, durante partida da Champions League entre Barcelona e Wolfsburg, no Camp Nou, na Espanha. Apesar dos horários não-ortodoxos na Copa do Mundo de 2023, disputada na Austrália e na Nova Zelândia, a audiência para essa competição bateu recordes no Brasil. Na Cazé TV, canal de YouTube que transmitiu todas as partidas do mundial, um milhão de aparelhos estavam conectados na estreia da seleção brasileira contra o Panamá, com vitória por 4 a 0¹⁹. Já na partida da eliminação, contra a Jamaica, a TV Globo registrou uma média de 17 pontos de audiência no Painel Nacional de Televisão, o equivalente a cerca de 12,2 milhões de espectadores²⁰, a maior audiência de uma partida de futebol feminino na emissora.

Toda essa contextualização é válida para ressaltar a importância do novo projeto que o Paulista retomou em 2023, em parceria com a prefeitura de Jundiaí: divisões de base para meninas de até quinze e até dezessete anos. “Nós mobilizamos um grupo focal para trocar uma ideia sobre futebol feminino desde janeiro. Conversamos com um cara que esteve à frente do esporte na gestão passada da prefeitura de Jundiaí e que já teve envolvimento com a modalidade aqui em anos anteriores. Também conversamos com ex-atletas, tanto profissionais quanto amadoras, meninas que jogam bola em quadras, alugam no meio da semana, mas que gostam de jogar, praticar e assistir ao esporte”, apresenta Lucas Rodrigues.

Somente as mais novas já disputaram uma competição oficial, o Paulistão Sub-15. Apesar de nenhuma vitória no torneio, conseguiram fazer jogos duros contra Palmeiras e Corinthians, perdendo por uma diferença mínima (2 a 1 e 1 a 0, respectivamente) contra duas equipes já tradicionais e de destaque na modalidade. O segundo vice-presidente ressalta o e elogia o desempenho das meninas: “Acho que foi uma participação digna. O medo era só participar por participar

18. Disponível em <https://placar.com.br/columbia/elas-na-area/barcelona-amplia-recorde-de-publico-no-futebol-feminino/>. Acesso em 29 out. 2023

19. Disponível em <https://trivela.com.br/futebol-feminino/copa-do-mundo-feminina/copa-audiencia-recordes-brasil/>. Acesso em 29 out. 2023

20. Disponível em <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/allan-simon/2023/08/02/brasil-se-despede-da-copa-feminina-com-nov-recorde-de-20-anos-na-tv-globo.htm>. Acesso em 29 out. 2023

e a gente conseguiu não fazer isso, participar para competir mesmo. Só um ganha, mas é importante ser competitivo e fomentar o esporte a partir daí”. Sob o comando da treinadora Tatisa Zonaro – que faz outras jornadas como técnica de todas as categorias do futsal e do futebol de campo femininos da cidade e, também, do Jardim Tamoio, equipe que foi derrotada na final da Taça das Favelas no dia da visita ao Jayme Cintra –, as duas categorias se preparam para as disputas de 2024, inclusive empatando dois amistosos contra o Guarani²¹. É importante destacar que, atualmente, o Licenciamento de Clubes da CBF que obriga a manutenção de uma equipe feminina profissional para todos os participantes da primeira divisão nacional masculina, além do incentivo à construção de ao menos uma categoria de base para esses clubes.

Valeska entende que, pela falta de oportunidades que as meninas tinham na região, é necessário tratar a iniciativa com cuidado, sobretudo por um aspecto conservador da sociedade local. “Uma coisa é você trabalhar o futebol feminino em uma cidade grande, outra coisa bem diferente é você trabalhar isso dentro de uma cidade que, por mais que avanços tenha, continua sendo uma cidade do interior, das piores às melhores coisas. O futebol feminino em Jundiaí, para falar a verdade, eu não acompanho o amador, não sei como é, mas essas meninas do Paulista vão ter uma via bem dolorosa. Até porque a maioria da torcida são de homens mais velhos, e a gente sabe que isso dificulta muito”, explica. A publicitária pontua também que há um trabalho para facilitar a aceitação: “Eu vi que agora eles estão postando mais nas redes sociais, o que também pode capitalizar, o sistema faz



Torcedoras acompanhando a final da Taça das Favelas.

Crédito: Lucas Zacari

21. Disponível em https://www.instagram.com/p/CyzHe0_MiRw. Acesso em 30 out. 2023

isso. Já é um avanço, pode ser que abre portas também pro time”. Hoje, o perfil oficial do time feminino conta com mais de 1.400 seguidores, contra 32,6 mil na página geral do Paulista.

Mesmo existindo uma movimentação em diversas torcidas para o aumento da participação e da visibilidade feminina nos estádios e nas discussões sobre futebol, essa parcela da população, de acordo com a própria torcedora, não teve tanto espaço no Jayme Cintra. De acordo com Lucas, essa foi uma preocupação considerada para o início do projeto de categorias de base femininas: “Nem sempre, ou quase nunca, o estádio é um ambiente onde mulheres são bem recebidas, se sentem acolhidas e pertencentes. Então, por mais que goste muito do jogo, nem sempre elas vão ao estádio por esses motivos. E a gente quis validar isso também, conversando com esse grupo focal e entendendo o nível de engajamento que nós teríamos e os recursos que nós poderíamos contar, não só em dinheiro, mas em tempo das pessoas também”. Valeska, por outro lado, explica que ela mesma nunca foi incentivada a ir para o Jayme Cintra por ser mulher. “Não tem uma torcida organizada de mulheres, ou mesmo mulheres dentro do estádio. É minoria. Até esse pensamento que a gente tem hoje, da mulher estar no estádio, faz uns 10 anos, se a gente pegar toda a trajetória da Copa do Brasil, por exemplo, mulheres não frequentavam com tanta intensidade. Minha mãe torce para o Paulista, mas ela não ia ao estádio, a mulher sempre ficava em casa ou acompanhando pelo rádio. O meu pai me levava em alguns jogos, mas eu nunca fui ao campo porque tem mulher ou porque tem uma torcida organizada de mulher”, reforça a publicitária.

A própria busca por entrevistadas para a construção desse texto foi bastante dificultada, tendo em vista as poucas manifestações delas

em redes sociais, principal forma de busca. Ao todo, três pessoas retornaram o contato, mas somente Valeska aceitou conversar sobre a relação e o momento do clube.

É possível ver, cada vez mais, as mulheres ocupando parte da sua vida e fazendo parte das torcidas, subvertendo a situação apresentada durante muito tempo de que os campos não eram seus espaços. “São pequenos passos, assim como a sociedade jundiaiense está dando seus avanços. Acredito que com o futebol feminino, agora tendo mais visibilidade, incluindo o do Paulista em si, vá se trazer mais mulheres para dentro do estádio”, reforça Valeska. Seja ouvindo o jogo pelo rádiono, assim como fazia a avó Marina homenageada por Gianluca Costa na camisa do time do coração – e que, segundo o publicitário, também a levou para dentro do Jayme Cintra para assistir a jogos –, seja comemorando por vitórias ou sofrendo por derrotas, mas também sendo parte integrante do Paulista.

Última estação: futuro

Assim como um ferrorama, a locomotiva do Paulista após a conquista da Copa do Brasil pareceu um eterno percurso em um ciclo vicioso. A esperança e a ilusão sendo substituídos pela decepção e pelos desencontros de forma quase que constante. Tão como constante, os momentos passaram a ser cada vez mais doloridos. Para abrir uma bifurcação trilhar um rumo semelhante a um passado que, apesar de não ser tão distante temporalmente, parecem séculos devido às circunstâncias que os jundiaienses se colocaram, Ivan Gottardo entende que “é preciso voltar a ter a confiança do torcedor no clube. A gente sabe que são poucos torcedores que realmente gostam do clube, mas que esses poucos são verdadeiros e sofrem também, assim como eu sofro”. O diretor de patrimônio segue: “Precisa ser um time vencedor, porque apesar de todas as dificuldades, sempre tem elencos competitivos. Independente de acessos ou não, mas quando você cai de divisão, fica uma sensação de decepção. Lá em 2014, na queda da Série A1, a gente nem brigou, foi do início ao fim o cenário da queda. Então que volte a ter times competitivos e que volte a subir de divisão o quanto antes”.

Mesmo com a carreira como torcedor tendo iniciado no início da sequência de quedas, Arthur Belvel acredita que o clube possa dar a volta por cima e se reerguer, desde que seja feita uma mudança brusca e radical em todos os setores do Paulista. “Acertar as contas da casa, ajustar o fiscal, o jurídico, o conselho. Essa galera que não se importa de verdade com o time, tem que sair. E para os anos seguintes, eu acho que é preciso muita resiliência. Precisa disputar com seriedade, tendo noção de que, sozinha, a tradição que o Paulista carrega não vence o jogo. Não adianta achar que é o maior nome da competição e contratar jogadores inadequados. Não pode ficar tranquilo quando vê que as coisas estão acontecendo. Esse ano a gente estava caindo e o pessoal soltando declaração dizendo que ainda acreditava no acesso. Cai na real”, reforça o estudante de engenharia. No momento em que a conversa aconteceu, Arthur estava prestes a viajar para a Itália por conta de um intercâmbio conseguido através da faculdade.

Brincando, ele disse que esperava voltar do exterior e, como uma espécie de inspiração e magia pela relação de Jundiaí com os italianos, encontrasse o time do coração de volta à Série A3 do estadual. Fazendo uma previsão menos otimista mas, ainda assim, quase tão desafiadora quanto a anterior, Arthur espera que o Paulista esteja na primeira divisão de São Paulo em uma década: “Eu não me iludo ao ponto de achar que, na situação em que está, vai subir ano que vem. Vai ter que arrumar as coisas e pensar direito o que fazer. Mas a minha expectativa é que em um período de dez anos, a gente esteja de volta à elite do futebol estadual. É até demais, mas que seja dez anos. Se inverter a estatística e parar de cair a cada dois anos para subir a cada dois anos, a gente chega à elite do futebol estadual em dez anos”. Ivan entende que a reestruturação é essencial para que não aconteça um sobe e desce como o que aconteceu entre 2019 e 2020: “Que esses erros estruturais cometidos nos últimos anos sejam aprendidos e não se repitam. Eu sempre gosto de pensar nesse médio a longo prazo, porque não estava preparado para subir quando venceu a Bezinha, essa é a verdade. O time deu certo dentro de campo, mas fora ainda tinha deficiências e isso ficou claro”.

Usando quase que de um discurso psicológico, Gianluca Costa espera que o clube “se valorize”. O publicitário explica: “O que eu espero é que o Paulista volte para o lugar que ele nunca devia ter saído. Não estou falando de passar a ganhar títulos, mas ser o clube grande que ele merece ser. Um time disputando título, brigando, bem estruturado. Não espero que o Paulista ganhe uma Libertadores, mas espero que volte a ser grande como o clube é, e não somente como a torcida trata ele”. Sem maiores expectativas para não se frustrar posteriormente, Lucas Rodrigues entende que é urgente a mudança da gestão esportiva do Galo da Japi para o modelo empresarial para buscar a valorização citada. “O que eu espero de fato”, explica o segundo vice-presidente, “é que a gente consiga constituir formalmente e negociar a SAF o quanto antes. Porque eu sei que se a gente continuar como está hoje, a chance de chegar forte na próxima temporada é baixa, e aí eu vou cair na aleatoriedade do futebol. Posso montar um time melhor que o ano passado, mas que vai perder mais jogos do ano passado, como foi em 2023. Mais da metade dos eventos dentro do campo são aleatórios, mas vamos tentando tornar mais controlado com tática, posicionamento de atleta. Mas é aleatório e é legal porque é aleatório. Temos que tentar fazer o dever de casa bem para conseguir vender isso bem”. Alex é duro ao reforçar que somente a gestão empresarial poderia retomar o clube a um patamar que já esteve: “O Paulista perdeu a sua identidade e a base. A SAF no Paulista só funcionaria se fosse um negócio sério, com pessoas novas, pessoas comprometidas, dando a origem do dinheiro e satisfação para torcida, coisa que hoje não acontece”.

A relação com a cidade de Jundiaí como um todo também é importante a ser restaurada, de acordo com os torcedores. Contudo, Valeska Barboza opina que, para muitos daqueles que regem a cidade, o Paulista é muito mais um fator político do que uma entidade local importante de ser mantida. “Há uma má administração não só do clube, mas da cidade que não entende o valor do Paulista. Não conseguem entender essa sensação de pertencimento que o jundiaiense tem pelo Galo; para as autoridades, é cabo eleitoral, não é algo rentável. Para mim, como torcedora, as autoridades não

ligam para o time, eu não consigo ver empenho deles. Eu já vi torcedores pintando a arquibancada do Jayme Cintra e a cidade e os gestores da cidade deixando de lado”, ressalta a publicitária. Ela continua com as críticas: “Eles levam o Paulista como se fosse só o segundo time da pessoa, não como um time com verdadeiro potencial”. Mesmo com esse sentimento de falta de tato pelos políticos e administradores locais, Arthur pontua que “a cidade gosta do Paulista, Jundiaí ama o time. Mas pra muita gente, não tem graça ver um futebol tão ruim quanto o que o Paulista tem jogado”. Como uma forma de demonstrar essa situação, Lucas ressalta que a utilização da estrutura do clube pode ajudar no reerguimento. “Fazendo eventos no estádio, movimentar a comunidade, a gente tentar fazer as pessoas contribuírem voluntariamente, oferecendo o seu tempo mesmo. Por exemplo, um profissional liberal ou alguém que trabalha numa empresa, não gostaria de montar um departamento de compliance, que a gente não tem? Tentar mobilizar as pessoas para que elas também se sintam corresponsáveis”, explica

Mas mais do que o senso de comunidade, há o entendimento da necessidade de se resgatar o sentimento dentro de cada jundiaiense. “O Paulista fica muito essa questão de família aqui no interior. Então eu espero muito poder levar meu filho ou minha filha ao estádio e ver o time jogar no futuro. Não pode deixar esse legado morrer, tem que ser levado para frente. Minha esperança é essa, que toda a geração futura veja o Galo jogar e não termine agora”, expressa Gianluca. Valeska reforça o entendimento de que o clube não pode só viver do passado que já foi glorioso, mas sim mudar o trajeto para novos trilhos de um futuro reconstruído: “O Paulista virou história. Mas o Paulista não é para virar história, é para ser história, para continuá-la”.

**Tabela com jogos citados, ordenados anualmente
(destaque para os gols do Paulista)**

Jogos	Competição	Ano	Estádio	Gols
Barcelona 5 x 1 Wolfsburg	Champions League Feminina	2022	Camp Nou (Espanha)	Aitana Bonmatí, Graham Hansen, Jenni Hermoso, Alexia Putellas (2x); Jill Roord
Brasil 4 x 0 Panamá	Copa do Mundo Feminina	2023	Hindmarsh Stadium (Austrália)	Ary Borges (3x), Bia Zaneratto
Jamaica 0 x 0 Brasil	Copa do Mundo Feminina	2023	Melbourne Rectangular Stadium (Austrália)	-
Corinthians 2 x 1 Ferroviária	Campeonato Brasileiro Feminino	2023	Neo Química Arena	Jhenifer, Tamires; Mylena Carioca
Palmeiras 2 x 1 Paulista	Campeonato Paulista Sub-15 Feminino	2023	Jayme Cintra	Keth, Any; Maria
Corinthians 1 x 0 Paulista	Campeonato Paulista Sub-15 Feminino	2023	Fazendinha	Nay
União São João 2 x 0 Catanduva	Campeonato Paulista Segunda Divisão	2023	Doutor Hermínio Ometto	Antônio, Felipe
Paulista 1 x 1 Guarani	Amistoso Sub-15	2023	Centro Esportivo Romão De Souza	Vitorinha; Sem informação
Paulista 1 x 1 Guarani	Amistoso Sub-17	2023	Centro Esportivo Romão De Souza	Duda; Sem informação

Fotos



Primeiro título do Paulista, o Torneio do Interior de 1919. Crédito: Lucas Zacari



A treinadora Tatisa Zonaro na área técnica, durante a Taça das Favelas.
Crédito: Lucas Zacari



Torcedor do Paulista em trilho de Jundiaí.
Crédito: Jonas Arbo/De Volta aos Trilhos



Comemoração da equipe da Vila Ana, na final da Taça das Favelas de Jundiaí de 2023. Crédito: Lucas Zacari

Conclusão

Um olhar de fora das arquibancadas

Para um amante de futebol, mais do que simplesmente torcer, comemorar gols, sofrer por derrotas e se esgoelar por títulos, tentar entender e conhecer os mecanismos que um clube passa é primordial para, principalmente, buscar soluções para quando o seu time precisa. É nesse ponto que, apesar de quase impossível, o racional precisa sobrepor ao emocional. Quando ninguém mais espera, quando parece que aquele é o ponto final da história construída, é comum que a força dos torcedores seja reforçada para manter a esperança daquele ente querido.

Das mais simples ações, como a divulgação em redes sociais de jogos ou mesmo no boca-a-boca, falando que o clube vai jogar, até as mais árduas missões, como pegar várias horas de ônibus para acompanhar o seu próprio time em estádios inimigos, porque “é ele que viaja para tão longe não pelos onze homens que vão a campo, mas pelas onze camisas que ao campo poderiam ir sozinhas”, como expresso pelo livro *Forasteiros*, de Rodrigo Barneschi, de 2021. Nesses casos, na ideia de que as torcidas são como clãs, a ida ao território adversário é quase como uma disputa de espaço. Muitas vezes, de muitos contra poucos.

É de tomar decisões em prol da própria equipe mesmo que distante, sem pensar muito em seu próprio reconhecimento. De criar uniformes que remontam à história do clube, tanto do passado formador como de um título que nunca nem foi visto para, simplesmente, auxiliar na imagem da sua paixão. O pagamento: apenas a homenagem familiar e o sentimento de ter feito algo para ajudar o que te move. É de crescer e passar anos no entorno do estádio, ajudando a família a propulsar os cânticos dos torcedores, e, de certa forma, criando um ponto de encontro da torcida no pré e no pós-jogo, onde histórias são contadas, risadas são dadas e jogadas não concretizadas são lamentadas.

Histórias essas que, vindo do passado para o presente, tentam reconstruir o futuro do time. De uma paixão da arquibancada, de uma indignação pelos resultados apresentados, o resgate histórico também se mostra como uma tentativa de lembrar às pessoas o que aquele clube já foi capaz de fazer e que, se uma vez feito, por quê não voltar? E a coragem de sair do anonimato para tentar mudar o clube do coração de dentro, apesar de todas as dificuldades que isso pode trazer, quase como uma espécie de transmutação dos problemas que o coletivo apresenta para si próprio.

Cada um vai apresentar um tipo de torcer, uma forma de entender como o pertencimento clubístico será manifestado e endossado em si. Independente do que leva alguém a torcer, se influência familiar, se relação com a cidade, se idolatria por algum jogador, qualquer um deles leva ao coletivo que faz o clube levar. Partindo para uma metáfora biológica, a relação torcida-time pode ser encarada como uma relação de mutualismo. Apesar de nem sempre ambos estarem em harmonia, principalmente por erros e dificuldades do segundo para com o primeiro, um não consegue viver sem o outro. Apesar de um relacionamento aparente tóxico, esse entendimento é pedido tanto para se reerguer em momentos difíceis quanto para ter por quem jogar e comemorar cada novo triunfo.

Os depoimentos dos torcedores do Paulista Futebol Clube deixam claro como essa relação é desgastante, mas que também mostra o nível de sentimento que um time de futebol pode gerar em seus adeptos. De uma década de 1990 em crescimento à magia dos anos 2000, culminando no título da Copa do Brasil de 2005, passando por clubes grandes do futebol brasileiro e colocando a cidade de Jundiaí como um ponto do esporte nacional. Como algumas torcidas costumam brincar, torcer em fases como a que passou o Galo da Japi é fácil, o que molda o caráter de um torcedor é se manter e amplificar a paixão nas turbulências – e quantas turbulências em 18 anos esse clube enfrentou.

Ser rebaixado por oito vezes em dezesseis anos. A frase resume o que foi o período, mas não demonstra o efeito prático do que a sequência de descensos gera em uma equipe de futebol. Dificuldades

administrativas, acúmulos de dívidas e de processos trabalhistas, projetos esportivos falhos estiveram na rota do Paulista, o que também resultou em um distanciamento e um fechamento em relação ao entorno municipal. Até mesmo onde nunca se procura notícias de um time de futebol, nas páginas policiais dos jornais, o Paulista esteve inserido.

E mesmo assim, os guerreiros das arquibancadas ainda estavam ali, para quase como uma terapia no divã, expor todo esse sentimento de angústia, tristeza e nostalgia por tempos melhores. É normal que a desconfiança por conversar com alguém que não seja de seu clã, nem mesmo da cidade em que vive, estivesse presente, quase como um mecanismo de defesa em relação a tudo que a descendência do Galo da Japi manifestou em cada um dos seus torcedores. Além disso, falar em um momento difícil desse, em que cada um entendia o luto pela queda à quinta divisão do Campeonato Paulista e as incertezas sobre o futuro do clube, é uma força própria difícil de ser alcançada a qualquer momento.

Em um futebol competitivo e instável como o brasileiro, em que em um momento você pode estar no ápice nacional, disputando torneio internacional contra um dos maiores clubes do continente e, momentos depois, nem ter calendário para a disputa de partidas profissionais, é difícil de afirmar se a locomotiva fundada em 1909 pelos funcionários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro terá seus trilhos reconstruídos para retomar o seu caminho de glórias. Mas se um dia isso acontecer, em curto, médio ou longo prazo, os maquinistas que poderão dar fim a esse descarrilamento são esses que hoje sofrem e choram com os rumos do clube.

Independentemente da divisão em que se encontre ou do número, são esses personagens que estarão na arquibancada do Jayme Cintra para alavancar a equipe e tentar empurrar para dias melhores. Pois assim como seu hino é finalizado, em uma espécie de mantra local: “Tú és Paulista, de Jundiaí”.

Referências bibliográficas

2005: Como o Paulista Conquistou o Brasil. Jundiaí: TVE Jundiaí, 2015. (57 min.), color. Disponível em: <https://vimeo.com/203633880>. Acesso em: 26 jun. 2023.

ALVITO, Marcos. Maçaranduba neles! Torcidas organizadas e policiamento no Brasil. **Tempo**, [S.L.], v. 17, n. 34, p. 81-94, 2013. Editora da Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/zYp5bK5Cmfr86BFrfsVy5mz/>. Acesso em: 17 out. 2023.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. 2. ed. São Paulo: Record, 2022. 232 p.

BALDUSCO, Lacir Ferreira; SIMÕES JÚNIOR, José Geraldo. Entre Metrópoles: Aglomerado Urbano de Jundiaí. **Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades**, [S.L.], v. 2, n. 8, p. 119-137, 12 dez. 2014. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/2d72/00972fde6afae94663a3de9c3b450f608889.pdf>. Acesso em: 29 set. 2023.

BARNESCHI, Rodrigo. **Forasteiros**: crônicas, vivências e reflexões de um torcedor visitante. Campinas: Editora Grande Área, 2021. 272 p.

BASTOS, Romero Jasku. Geração PlayStation: jogos de futebol em ambientes virtuais e jovens brasileiros que torcem por times estrangeiros. **Metamorfose**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 318-337, 09 ago. 2017. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/metamorfose/article/view/21345>. Acesso em: 01 out. 2023.

BRASIL. Lei nº 14193, de 06 de agosto de 2021. Institui a Sociedade Anônima do Futebol e dispõe sobre normas de constituição, governança,

controle e transparéncia, meios de financiamento da atividade futebolística, tratamento dos passivos das entidades de práticas desportivas e regime tributário específico; e altera as Leis nºs 9.615, de 24 de março de 1998, e 10.406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil)... Brasília, Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14193.htm. Acesso em: 23 out. 2023.

BRASIL. Lei nº 14.597, de 14 de junho de 2023. Institui a Lei Geral do Esporte. Brasília, Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/Lei/L14597.htm. Acesso em: 12 set. 2023.

CECARELLI, Lucas Ribeiro. **Estudo das interferências da ansiedade no estado psicológico de atletas juniores de futebol**. 2011. 47 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2011.

CONVOCADOS. **Finanças, História e Mercado do Futebol Brasileiro em 2022**. [S. L.], 2023. 290 p. Disponível em: <https://otf.outfieldinc.com/convocados23>. Acesso em: 23 out. 2023.

COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora?: Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 104-134, fev. 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/48008>. Acesso em: 29 out. 2023.

DANTAS, Marina de Mattos; ANJOS, Luiza Aguiar dos; MENDES, Bárbara Gonçalves. Torceres: Pensando diferentes possibilidades de pertencimento clubístico. **Licere**: Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 477-509, 17 mar. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/32455>. Acesso em: 05 nov. 2023.

DE VOLTA AOS TRILHOS (Jundiaí). **Manifesto | De Volta aos Trilhos**. 2020. Disponível em: <https://medium.com/@devoltaastrilhos/manifesto-de-volta-aos-trilhos-c4d35dcf405f>. Acesso em: 01 out. 2023.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. **Regulamento Geral das Competições**. São Paulo, 23 p. Disponível em: https://futebolpaulista.com.br/Repositorio/Competicao/Regulamento/842/842_63711675467408757.pdf. Acesso em: 14 out. 2023.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. **Regulamento Específico da 53ª Copa São Paulo de Futebol Júnior de 2023**. São Paulo, 16 p. Disponível em: https://futebolpaulista.com.br/Repositorio/Competicao/Regulamento/1146/1146_638061115863920915.pdf. Acesso em: 29 out. 2023.

FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE FOOTBALL ASSOCIATION. **FIFA Disciplinary Code**. Zurich: Fifa, 2023. 55 p. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/59dca8ae619101cf/original/FIFA-Disciplinary-Code-2023.pdf>. Acesso em: 14 out. 2023.

FILGUEIRA, Fabrício M.; SCHWARTZ, Gisele M.. Torcida familiar: a complexidade das inter-relações na iniciação esportiva ao futebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 7, n. 2, p. 245-253, ago. 2007. Quadrimestral. Disponível em: <https://rpcd.fade.up.pt/entradaPT.html>. Acesso em: 22 set. 2023.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&Pm Editores, 2020. 256 p. (Coleção L&PM POCKET). Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito.

GOTTARDO, Ivan Henrique. **1968 o ano em que o Galo cantou**. Campinas: Pontes Editora, 2018. 251 p.

GRANDI, Guilherme; ROUBICEK, Marcelo. Entre os gramados e os trilhos: a história do paulista futebol clube de jundiaí. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v. 1, n. 79, p. 104-123,

1 set. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/189945>. Acesso em: 25 jun. 2023.

HAN, Seungbaek. Match-fixing under the state monopoly sports betting system: a case study of the 2011 K-League scandal. **Crime, Law And Social Change**, [S.L.], v. 74, n. 1, p. 97-113, 6 fev. 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10611-020-09888-0>. Acesso em: 27 jun. 2023.

HÖFIG, Pedro.; BRAGUETO, Cláudio Roberto. Considerações sobre Geografia e Futebol: produção do espaço urbano e apropriação do território. **Terr@ Plural**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 79–92, 2012. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/tp/article/view/3511>. Acesso em: 24 set. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE DIREITO DESPORTIVO. Conselho Nacional do Esporte. **CBJD - Código Brasileiro de Justiça Desportiva**: reformulado pela resolução cne nº29, de 10.12.2009. São Paulo: Iob, 2010. 301 p. Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br/composicao/orgaos-colegiados/cne/arquivos/codigo_brasileiro_justica_desportiva.pdf. Acesso em: 14 out. 2023.

LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da américa do sul e da europa. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 9, n. 104, p. 75-83, 12 dez. 2009. Bimestral. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/8785>. Acesso em: 05 out. 2023.

LIVE: Apresentação e bate-papo – Movimento “Paulista De Volta aos Trilhos”. Jundiaí: Prefeitura de Jundiaí, 2020. (94 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qmTYCBAQtAc>. Acesso em: 23 out. 2023.

MACHADO, Igor José de Renó. Futebol, clãs e nação. **Dados**: Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 43, n. 1, p. 1-12, 2000. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/dados/a/cHtJcLhTHFpdHcNwGJ3KwhB/?lang=pt>. Acesso em: 30 set. 2023.

MANZINI, Fábio; TOREZIN, Felipe; AMORIN, Gustavo; ZOCHETTI, Rafael. **Casa do Paulista, Jayme Cintra completa 60 anos**. 2017. Site fora do ar. Arquivo PDF com os textos fornecido por Ivan Gottardo. Acesso em: 02 ago. 2023.

MARCHETTI, Felipe. **Tipos, potenciais alvos e condições de suscetibilidade para a manipulação de resultados no futebol brasileiro**. 2019. 142 f. Tese (Doutorado) - Curso de Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/205156>. Acesso em: 18 maio 2023.

MARTINEZ, Gabriele; RAVANELI, Reni; CORAZZA, Rita. **Entre traves e trilhos: futebol e ferrovia no estado de são paulo**. 2019. 88 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crbf/acervo/717174/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina. **Revista Cidades**, Chapecó, v. 10, n. 17, p. 142-170, 15 jan. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cidades/article/view/12020>. Acesso em: 23 set. 2023.

PERARNAU, Martí. **Guardiola Confidencial**: um ano dentro do Bayern de Munique acompanhando de perto o técnico que mudou o futebol para sempre. Campinas: Editora Grande Área, 2019. 416 p. Tradução de Gabriel Gobeth.

PITTOR, Gabriel; GOTTAIRO, Ivan. **Mapa do Futebol Paulista**: os times paulistanos e sua origem. Os times paulistanos e sua origem. 2022. Disponível em: <https://mapadofutebolpaulista.com.br/>. Acesso em: 28 set. 2023.

PLURI CONSULTORIA (São Paulo). **Raio X do Futebol Brasileiro por Estado**. São Paulo: Grupo Pluri, 2020. 22 p. Disponível em: <https://www.plurisports.com.br/raio-x-do-futebol-brasileiro-por-estado/>. Acesso em: 13 ago. 2023.

RIBEIRO, Rodolfo. **Desenvolvimento de recursos para o desempenho superior**: uma análise sobre os fatores determinantes para o aumento de torcida em um clube de futebol. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-06042017-091316/>. Acesso em: 12 set. 2023.

SÃO PAULO. Tribunal de Justiça Desportiva. Ata da Sessão dos Julgamentos Realizados Pela 3^a Comissão Disciplinar nº 39/2020. São Paulo, 27 nov. 2020. Disponível em: <https://futebolpaulista.com.br/TJD/Atas-Detalhe.aspx?IdPublicacaoTJD=1798>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SÃO PAULO. Tribunal de Justiça Desportiva. Ata da Sessão dos Julgamentos Realizados Pelo Egrégio Tribunal Pleno nº 05/2021. São Paulo, 27 abr. 2021. Disponível em: <https://futebolpaulista.com.br/TJD/Atas-Detalhe.aspx?IdPublicacaoTJD=1842>. Acesso em: 20 jun. 2023.

SIMÕES, Irlan (org.). **Clube Empresa**: abordagens críticas globais às sociedades anônimas no futebol. [S.I.]: Corner, 2021. 472 p.

SOUSA, Evelly Caroline Borges de; D'AGOSTINI, Fernanda Figueiredo. A história de uma cidade por duas ferrovias. **Revista de Iniciação Científica**, Criciúma, v. 18, n. 1, p. 78-92, 22 fev. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/iniciacaocientifica/article/view/5398>. Acesso em: 20 set. 2023.

SOUZA JUNIOR, Roberto; ANDRADE, Marianna; TOLEDO, Luiz Henrique de. Pertencimento Clubístico e Pertencimento Torcedor: materialidade e gênero numa torcida organizada de futebol. **Esporte e Sociedade**: Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e

Sociedade, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 1-26, 23 dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/esportesociedade/article/view/52118>. Acesso em: 05 out. 2023.

TASCA, Bruna Eduarda. **Custos com Atletas das Categorias de Base em Clubes Brasileiros de Futebol**. 2022. 25 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Contábeis, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/11102/TCC%20Bruna%20Eduarda%20Tasca.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 28 out. 2023.

VERDI, Adriana Renata; OTANI, Malimiria Norico; MAIA, Maria Lúcia; FREDO, Carlos Eduardo. Desenvolvimento territorial da aglomeração vitivinícola de Jundiaí: quais recursos valorizar?. In: CONGRESSO DA SOBER - SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 47., 2009, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Sober, 2009. p. 1-12. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/46069356/1229.pdf>. Acesso em: 21 set. 2023.



